

REVISTA TRIMENSAL
DO
Instituto Geographico
E
Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

*Méxima sunt documenta equidem res temporis acti
in praesens, validusque in veniens stimulus.*

JUNHO DE 1900

ANNO VII

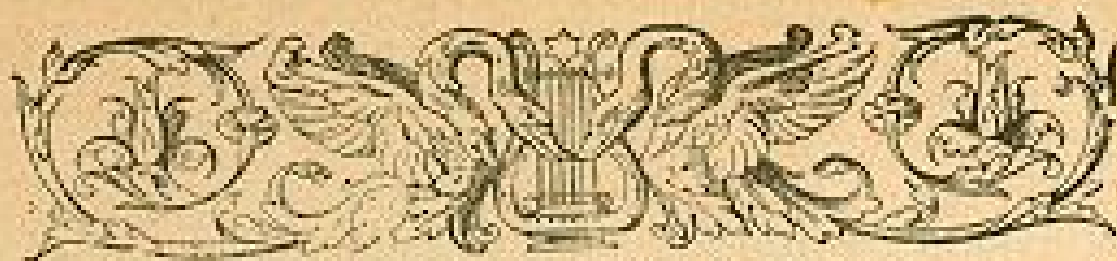
VOL VII

N. 24



BAHIA

1900



REVISTA TRIMENSAL
DO
Instituto Geographico e Historico
DA BAHIA

Anno VII

Junho de 1900

Num 24.

O Centenario na Bahia

A Bahia, acudindo ao appello que lhe dirigira o Instituto Geographico e Historico para a commemoração do centenario do descobrimento do Brazil, dignificou, em expansões francas da alma popular, o grande facto historico, que regista o nosso nascimento na civilisação.

O pensamento que nesta agremiação scintillara fulgurante ao cuidar ella nesse testemunho da consciencia de nossa individualidade, e despertara, desde os primeiros momentos o enthusiasmo que accendem nos animos emancipados as idéas generosas, corporisara-se na adhesão sympathica de todas as classes no meio de applausos unanimes.

Foi assim que em uma grande reunião realisada no salão da Intendencia Municipal a 23 de Outubro de 1898, sob a presidencia do Governador do Estado e assistencia do consul de Portugal, organisou-se um programma de festas, que deviam ser levadas a effeito, sob a direcção de uma commissão eleita de

seu seio, constituindo a representação de todos os elementos interessados no facto que se ia comemorar.

O vasto plano de festa, traçado pela commissão, que secundando os esforços do Instituto, alargava o circulo de taes manifestações, que não se podiam limitar ás deliberadas por aquella associação, soffreu, por varias circumstancias de ordem economica, sensiveis modificações, ficando resumido ao que foi executado, e teve condigno realce nas irradiações de enthusiasmo de que foram revestidas as festas.

O acontecimento de ha quatrocentos annos, que assegurara a Portugal o melhor quinhão de suas conquistas, a mais soberba gloria de suas ousadas aventuras maritimas, descerrando-lhe vastissimo campo á multiplicação de sua riqueza e de seu poder, si não se desdobrava em oblações da colonia perdida ao colonizador afortunado e imprevidente, desentranhava-se em manifestações espontaneas e dignas da vontade de um povo livre á nação de que bebera o primeiro leite de sua existencia.

O vulto epico do navegador, que tivera a dita de engastar na corôa portugueza o Brazil como a mais bella gemma de sua opulencia, estava-lhe diante dos olhos da estatura de um predestinado.

Pouco importa que a fama desmedida da marinha lusa tivesse levado o venturoso rei, a quem servira, a sepultar-lhe essa gloria, que o tempo teria de vingar, exhumando-a.

Mais do que na historia do feito, envolvido nas fulgurações dos arrojados commettimentos *dxquelles que por obras valerosas se foram libertando da lei da morte*; mais do que na legenda que os consagra como da estatura dos heróes de Homero, o nome de Cabral era o de um genio bemfazejo, abrindo aos destinos da humanidade uma senda larga e triumphante, creando um nucleo poderoso de actividade e intelligencia, de onde surgiria mais tarde uma nacionalidade talhada para o progresso e para a liberdade.

A mocidade evocou-o em transportes de jubilo e a

infancia o repetiu em hymnos vibrantes, em acclamações ininterruptas e vivazes.

Era um preito de justiça altamente significativo e honroso em que fraternizavam ânimos amigos e sinceros, inspirados de gratidão.

Dando essa prova da comprehensão que tem de seu papel, no momento actual de sua vida, a terra que, no Brazil, primeiro banhou-se dos clarões da civilisação christã, não procurou affirmar, senão que pelos mesmos mares sobre os quaes arfaram indecisas e inquietas as velas da frota lusitana, continuará, num movimento crescente, a fazer affluir aos centros do velho continente os productos do seu trabalho: elevando o seu nome pelo exercicio consciente de sua liberdade, pela multiplicação de sua actividade, pela força privilegiada de sua intelligencia.

As festas celebraram-se na ordem em que as vamos enumerar e foram descriptas pela imprensa, que prestou á commissão sollicitos e optimos serviços, publicando edições commemorativas, bem como artigos e poesias inspirados.

Foi este o programma das festas publicado pela commissão:

Dia 1.º de Maio

A's 9 horas da manhã missa campal celebrada pelo Exm. Sr. Arcebispo na praça Duque de Caxias, partindo em seguida, dali até a praça Municipal, um prestito cívico.

Dia 2

Sessão solemne no salão nobre do Conselho Municipal, presidida pelo Sr. Governador do Estado, subindo á tribuna o conferente Conego Manfredo de Lima ás 12 horas do dia, não havendo convites especiaes.

A' noite illuminação e musica nos coretos, e espectáculo de gala no Polytheama com o drama—*Cabral*.

Dia 3

Alvorada nos quarteis, salvando de hora em hora um parque de artilheria nos angulos da praça Duque de Caxias.

A's 9 horas missa e *Te-Deum* na igreja da Sé com assistencia do Sr. Arcebispo, cabido metropolitano, autoridades civis e religiosas.

A's 12 horas sessão solemne anniversaria do Instituto Geographico no seu edificio, situado na praça historica «Quinze de Novembro» (antigo Terreiro de Jesus), que será inaugurado.

A's 5 horas da tarde grande parada de revista militar no Parque Duque de Caxias, formando todas as forças militares federaes e estaduais.

A' noite illuminação e musicas nos coretos, e espectáculo de gala no Polytheama.

Dia 4

Grande concerto vocal e instrumental ao meio dia no salão nobre do Conselho Municipal.

Missa campal

Com a missa campal tiveram começo as festas do Centenario.

Desde as primeiras horas do dia notava-se grande movimento da população, que de todos os pontos da cidade affluia para o Campo-Grande, onde se achava erigido um altar sobre um monte rodeado de arvores e varias plantas, no qual deveria officiar o Sr. D. Jeronymo.

A's 9 horas da manhã já a extensa praça Duque de Caxias estava apinhada de povo; vendo-se, no pavilhão e fóra d'elle, representantes do clero secular e regular, seminarios, comunidades, representante do Governador do Estado, os secretarios do Estado, commissão executiva dos festejos, presidente e membros do *Instituto Historico e Geographico*, officiaes de terra e mar, consules, commandante e

officiaes da brigada policial, muitos representantes da guarda nacional, idem d'A *Bahia*, do *Correio*, *Diário e Jornal de Noticias*, membros do functionalismo publico, estendendo-se pelas alamedas do parque as associações convidadas e o grande e festivo cortejo de creanças de escolas publicas, municipaes, collegios e outras.

Ameaçando chuva, foi o altar collocado no pavilhão da esquerda do monumento, celebrando então ali a missa o Sr. Arcebispo, que ao terminar fez uma allocução analoga ao acto.

Por essa occasião foram entoados pelas creanças das escolas municipaes hymnos patrioticos.

Logo após organisou-se o prestito civico, bello e magestoso pelo seu numero excepcional.

O importantissimo cortejo desfilou na ordem seguinte :

Esquadrão de lanceiros da brigada policial.

Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, precedido pela sua philharmonica.

Philharmonica Carlos Gomes.

Banda de clarins e tambores do 16º batalhão.

Alumnos da escola do Pilar levando bonito estandarte.

Na vanguarda via-se uma allegoria, representada por tres interessantes creanças.

Escola dos Mares, a cargo do professor Gonçalo Botas.

Escola da Penha, dirigida pelo professor Cincinato Franca e precedida pela philharmonica *Lyra de Apollo*.

Escolas municipaes, antecedidas de um estandarte branco.

Externato S. Domingos.

Escola dos Mares, regida pelo professor Presciliano Leal.

Os alumnos levavam bandeiroas com as côres nacionaes e as iniciaes C. B. em doirado.

Escola de Sant'Anna, do professor Leopoldo dos Reis.

Dous alumnos iam na frente conduzindo uma effigie de Cabral, trabalhada a crayon.

Escola da Rua do Passo, dirigida pelo professor Lucio Casimiro dos Santos, precedida de cornetas e tambores do 9.^o batalhão.

Escola Mixta da Lapinha.

Escola do Rio Vermelho.

Gymnasio Archiepiscopal, puchado pela banda do 5.^o batalhão de policia.

Lyceu de Artes e Officios, cujos alumnos empunhavam flammulas, umas verdes, outras amarellas.

Collegio Piedade. Todas as alumnas trajavam de branco. Dos hombros pendiam fitas azul-celeste franjadas de ouro e tinham o nome do collegio.

Collegio N. S. dos Anjos. Levava vistoso estandarte, um anjo de roupagens verdes e azas brancas.

Trajo branco e cinto verde em alças amarellas.

Como distinctivo uma rosa de folheta dourada e palmas verdes.

Instituto Normal—Escolas annexas e alumnas do curso normal, seguidas do corpo docente e da secretaria do mesmo estabelecimento.

Era branco o trajo das alumnas, que tinham por distinctivo uma roseta encarnada.

Levavam bonito estandarte granate.

Quatro normalistas levavam aos hombros o andor com o retrato de Catharina Paraguassú.

Puchava o Instituto a banda do 3.^o de policia.

Gymnasio da Bahia—distinctivo suferino e oiro. Um alumno levava a bandeira nacional.

Escola de Bellas-Artes.—Estandante rico e de muito gosto. Distinctivo—Um laço de fita branco e vermelho.

Club Cycle Bahiano —Os socios deste club apresentaram-se de maneira a conquistar merecidos elogios.

Levavam com suas bicycletas pequeno e elegante estandarte, tendo a haste de metal prateado.

Trajo branco, bonet preto e largas faixas de gorgurão listradas de branco e encarnado.

Philharmonica União dos Chappelletros.

Banda de tambores e clarins da brigada policial.

Collegio Santa Luzia—De branco, inclusive o calção, faixas verdes a tira-collo, com a denominação do collegio, em letras doiradas.

Collegio Florencio—Uniforme branco.

Collegio Carneiro—Uniforme azul marinho.

Philharmonica da Barra.

Collegio 7 de Setembro com a bandeira do estabelecimento feita de sêda verde e emblema e dizeres em oiro.

Collegio S. Salvador—De branco, cinturão de oleado preto.

Precedia os alumnos deste collegio a banda do 9.º batalhão de infantaria.

Faculdade de Medicina e Escola Livre de Direito, levando erguidos os seus riquissimos estandartes.

Escola Polytechnica.

Na vanguarda das escolas superiores, que levavam o andor com a effigie de Tiradentes, marchava a banda do 2.º batalhão da Brigada policial.

Associação Commercial antecedida da banda do 1.º corpo de policia.

Colonia Portugueza.

Commercio.

Beneficencia Hespanhola com a respectiva bandeira.

Banda do 26 batalhão.

Classe Caixeiral—Compunha o seu prestito cerca de oitocentas pessoas.

Centro Operario.

Banda do 16.º batalhão.

Sr. general commandante do districto, seu estado maior, commandantes superior da guarda nacional e da brigada policial, officialidade.

Quatro officiaes levavam o andor do marechal Deodoro da Fonseca.

Ao attingir o prestito um dos angulos do forte de S. Pedro desenrolou-se uma bandeira nacional, atravessada em cordeis, daquella fortaleza para um predio fronteiro, e *confetti* côr de rosas caíram sobre a effigie do fundador da Republica.

Banda do 5º batalhão de artilharia.

Instituto Geographico e Historico, levando a charola de Pedro Alvares Cabral.

Quatro marinheiros nacionaes levavam aos hom-

bro a primeira pedra do monumento do descobridor do Brazil.

Seguiam-se: membros da commissão executiva e do Instituto, senadores e deputados estaduais; secretarios do Estado; official de gabinete do Sr. Dr. governador, que não compareceu á missa nem ao prestito por incommodo de saúde, segundo fez declarar; membros do Conselho municipal; representantes da imprensa, altos funcionarios, etc.

Fechava o prestito o corpo de bombeiros com o seu arsenal, clarins, etc.

O prestito que gastára cerca de tres horas em seu trajecto chegou á praça Municipal a 1 hora e 45 minutos da tarde, de baixo de vivissimos applausos de quantos lhe aguardavam a passagem enfileirados nas ruas de seu transito, bem como das janellas das casas, que estavam apinhadas de senhoras e creanças.

Tendo-se de procedér nesta praça a collocação da pedra do monumento a Cabral, dirigiu-se a commissão executiva para um pavilhão ali mandado construir para essa cerimonia, que foi presidida pelo Dr. Octaviano Muniz, que representava como secretario interino do Interior o Sr. Dr. Governador do Estado.

Pronunciaram por essa occasião discursos eloquentes e substanciosos os Srs. Dr. Salgado, consul de Portugal, José Antonio Costa, ex-secretario da agricultura do Estado, e presidente da commissão executiva.

Durante esta cerimonia ouviam-se hymnos patrioticos, cantados por centenas de creanças, e executados por muitas bandas de musica.

Após o discurso do Dr. Costa, o Dr. Braz do Amaral leu a acta, depois do que collocou em uma caixa de madeira, contida em outra de marmore, exemplares das edições de 30 de Abril do *Correio de Noticias*, *Diario de Noticias*, *A Bahia* e *Jornal de Noticias*; o numero especial da «Revista do Instituto Historico», o numero especial d'*A Bahia Typographica*; e moedas da epoca.

Na occasião de ser a pedra depositada na compe-

tente cava, e depois das principaes pessoas atirarem pasadas de cimento, o secretario do interior ergueu vivas á memoria de Cabral, á Bahia, berço da nossa nacionalidade, á Republica, á Constituição e á commissão do Centenario; sendo outros vivas levantados pelo Intendente municipal.

São estes os termos da acta:

ACTA DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A PEDRO ALVARES CABRAL

No dia primeiro de Maio do anno de mil e novecentos, no meio da Praça Municipal, n'esta cidade da Bahia de Todos os Santos, perante o exm. sr. governador do estado, general commandante do districto, intendente do municipio, secretarios do estado, imprensa, capitão do porto, autoridades de terra e mar, federaes e estaduaes, corporações e associações que compareceram á procissão civica, que partiu da praça Duque de Caxias em direcção a este ponto, após a missa campal alli celebrada, pelo Exm. Arcebispo, foi pelo Exm. Sr. Dr. José Antonio da Costa, presidente da commissão que promove, por iniciativa do Instituto Historico da Bahia, a commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, declarado que tinham sido convidadas as pessoas presentes, para assistirem á collocação da 1.ª pedra do monumento que a Bahia vae erigir ao navegador portuguez Pedro Alvares Cabral, symbolisando o facto do descobrimento, que abriu este paiz á civilisação, concedendo em seguida a palavra ao Exm. Sr. Dr. João Salgado, consul de Portugal, que em nome de sua nação proferiu algumas palavras relativas ao mesmo facto, depois do que o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Vianna, governador do estado da Bahia, collocou a primeira pedra do monumento, tocando as musicas, que se achavam na praça, o hymno nacional.

E eu, Dr. Braz do Amaral, primeiro secretario da commissão central executiva, que promove a commemoração do 4.º centenario da descoberta do Brazil,

lavrei a presente acta, da qual serão conservadas duas copias competentemente assignadas pelas autoridades e mais pessoas presentes, no Instituto Geographico e Historico da Bahia e no Archivo Publico. (Seguem-se as assignaturas.)

Declaração—Declaro em tempo que o exm. sr. governador, não tendo comparecido por molestia, foi substituído pelo Sr. Dr. Octaviano Muniz Barretto, secretario do interior, e que assistiram ainda a inauguração o sr. capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, pela marinha, e os representantes da imprensa.»

Na pedra do monumento foram gravados os seguintes dizeres.

«No dia 1.º de Maio de 1900 o Sr. Governador Dr. Luiz Vianna collocou esta pedra do monumento a Pedro Alvares Cabral, construído por iniciativa do «Instituto Geographico e Historico da Bahia» para perpetuar a commemoração do 4.º centenario da Descoberta do Brazil».

A' noite tocaram bandas militares nos pavilhões erguidos nas praças, que se achavam ornamentados com flammulas e bandeiras; illuminando os edificios publicos e muitas casas particulares.

O Governador do Estado offereceu um banquete ao almirante Schley e á officialidade dos navios da armada americana surtos em nosso porto, que tinham vindo assistir ás festas do Centenario.

Ao banquete estiveram presentes, além de altos funcionarios do Estado e da União, os presidentes das duas casas da assembléa legislativa, intendente municipal, os consules de Portugal, dos Estados-Unidos da America, da Inglaterra, da Italia e da Hollanda.

Ao champagne o Sr. cons. Luiz Vianna, em avantajadas phrases brindou aos Estados-Unidos da America do Norte na pessoa do seu presidente McKinley, representado alli pelo illustre almirante Schley e seus dignos camaradas.

O almirante respondeu em hespanhol, agradecendo e brindando o presidente da Republica na pessoa do Sr. cons. Luiz Vianna e a união da familia americana.

A's 9 1/2 horas terminou o banquete, seguindo-se ás 10 o baile, que se prolongou animadissimo até 4 horas da manhã.

No dia 2, conforme marcava o programma, realisou-se no salão nobre do paço municipal, a sessão solemne para conferencia do conego Manfredo Alves de Lima.

Apesar da copiosa chuva que cahiu sobre a cidade, foi notavel a concurrencia á sessão, á qual compareceram os Srs. Governador do Estado, intendente e conselheiros municipaes, a meza e membros do Instituto Geographico, presidente e membros da commissão executiva, directores de collegios, funcionarios federaes e estaduais, artistas etc.

Presidiu-a o Sr. Dr. governader, ladeado dos srs. Drs. intendente e presidente da commissão.

A 1 hora da tarde, aberta a sessão, occupou a tribuna o illustrado conferente, que em discurso substancioso prendeu com vivo interesse durante uma hora a attenção do escolhido auditorio, que o applaudiu calorosamente.

A' noite houve espectaculo de gala no Polytheama Bahiano, representando-se o drama de Arthur Azevedo—*O Badejo* e a comedia—*A carta anonyma*.

Foi extraordinaria a concurrencia.

Antes, porém, do espectaculo foi executado pela orchestra o hymno nacional, e em seguida a com-

posição do maestro José Nunes intitulada — «Hymno a Pedro Alvares Cabral»; recitando depois o actor Eduardo Vieira uma poesia de Demétrio Alvares, que foi muito applaudida.

A's 9 1/2 horas da manhã do dia 3 de Maio foram celebrados na igreja da Sé missa e *Te-Deum* em acção de graças pela data faustosa do 4.º centenario do descobrimento do Brazil.

Pontificou o Sr. D. Jeronymo Thomé. Compareceram todo o clero superior, o intendente municipal e o presidente do Conselho, commissões do «Gabinete Portuguez de Leituras», da «Real Beneficencia Portugueza» e representantes da imprensa.

Nesse dia celebrou o Instituto a sessão magna annunciada.

A imponencia de que esteve revestida essa solemnidade, que se elevou á altura do acontecimento celebrado, deixou viva e perduravel impressão no animo de quantos alli estiveram presentes, que o foram em numero avultadissimo, não obstante os repetidos aguaceiros que cahiram sobre a cidade, impedindo quasi a toda a gente a sahida á rua.

A direcção, que, para dar maior realce á festa, inaugurou nesse dia o novo edificio de suas sessões, de que ha tempos fizera aquisição por compra do predio á praça «Quinze de Novembro», não poupou esforços para que a sessão tivesse o maior brillantismo.

O auditorio, sobre ser numerosissimo, era constituido do que de mais conspicuo possui a Bahia nas lettras e sciencias.

Presidiu a sessão o Dr. Luiz Vianna, governador do Estado, ladeado pelos Drs. Salvador Pires, presidente do Instituto, e João Torres, 1.º secretario.

Era 1 hora da tarde quando começou.

O Cons. Salvador Pires, produzindo a oração de abertura da sessão, declarou inaugurado o novo edificio do Instituto Geographico da Bahia e agra-

deceu o comparecimento das pessoas presentes áquella solemnidade.

Seguiu-se-lhe com a palavra o Cons. João Torres para fazer a leitura do relatório do movimento da associação no anno findo.

Logo após occupou a tribuna o orador official, Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, cuja palavra, tantas vezes laureada, vibrou em magnificos accents de eloquencia e erudição.

Calorosos e prolongados applausos acolheram o seu substancioso discurso.

Retirando-se o Sr. Dr. Luiz Vianna por ter de receber no palacio do Governo os cumprimentos officiaes do estylo, assumiu a presidencia o Cons. Salvador Pires; occupando o seu logar de 2.º secretario o Dr. Isaias Santos.

A tribuna do Instituto foi successivamente occupada pelos Srs. Dr. João Salgado, consul de Portugal, professor Borges dos Reis, que leu valiosa monographia de sua lavra sobre usos e costumes dos indigenas; Damasceno Vieira, que discorreu sobre o descobrimento e o capitão Arthur Gomes de Carvalho.

Todos os oradores, ouvidos com a attenção de que eram dignos, colheram justos e repetidos applausos.

A sessão terminou ás 3 1/4 da tarde.

Durante a cerimonia tocou a banda do 1.º corpo do regimento de policia, que executou ao finalizar a sessão o hymno nacional.

Foi distribuido um numero especial desta «Revista» em homenagem ao 4.º centenario da Descoberta do Brazil.

Em espectaculo de gala representou-se no Polytheama Bahiano o drama—«Pedro Alvares Cabral»—do Sr. Eduardo Victorino, secretario da Companhia Dias Braga.

Foi grande a concorrência; comparecendo ao theatro o Sr. Dr. Governador do Estado, de cujo cama-

rote assistiu ao espectáculo o almirante americano Schley, que fôra acompanhado de diversos officiaes americanos.

Depois de executados pela orchestra o hymno nacional, o hymno a Pedro Alvares Cabral, a mocidade das escolas superiores ergueu entusiasticos vivas, que foram respondidos pela maioria dos espectadores; sendo os vivas do estylo levantados do camarote do governador.

Do palco, onde ao assomar foi recebido com calorosas palmas, recitou em segñida o festejado poeta rio-grandense Damasceno Vieira a sua bellissima composição poetica—«A Flor do Manacão», colhendo geraes e merecidos applausos.

Teve então execução o drama, que foi intelligentemente interpretado pelos artistas.

Uma das mais bellas feições da commemoração do acontecimento de 1500, que tanto interesse despertou no espirito publico, foi sem duvida o concerto realizado no dia 4, no salão nobre da Intendencia municipal.

Uma affirmação cabal da nossa aptidão e do nosso gosto pela arte era indispensavel naquelle conjunto de esforços intelligentes.

Em verdade foi isso o que se conseguiu mostrar naquella festa artistica, que coube ser organizada pelo Dr. Alberto Muijaert, director interino do conservatorio de musica annexo á Escola de Bellas-Artes.

Ao meio dia estava litteralmente cheio o salão, no qual era notavel o numero de senhoras.

O concerto começou pouco depois de 1 hora da tarde, com a execução da ouvertura do «Guarany» pela banda dos alumnos do Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, sob a regencia do seu habil e infatigavel professor Guilherme Mello.

Finda a ouvertura, foi brilhantemente satisfeito o seguinte programma:

I PARTE—1.º—Mendelssohn—Marcha nupcial para 2 pianos a 8 mãos—Dd. Maria Alves e Imbassahy Gomes, e Sr. Boccanera, alumnos do conservatorio, e seu professor Alberto Muylaert.

2.º—Alard—Symphonia para 2 violinos—Mademoiselle Olga Domschke e professor Scheel.

3.º—Gounod—Ave-Maria—para canto, piano, harmonio e cordas—Dd. Almerinda Ribeiro, M. Alves, Alice e Alzira Ribeiro, Hilda Imbassahy, Isaura Aguiar e Srs. Maiffre, Custodio, Zeferino, Tolentino, Dante, Luiz e Jorge Dantas, alumnos do conservatorio, mademoiselles O. Domschke e Joaquina Lacerda e Srs. Bastos, V. Amaral, Ignacio e Luiz Brochado, Araujo, Muniz Barretto, Muylaert, Fróes e Scheel.

4.º—Quinteto de Widor—para piano, harmonio, flauta, violoncello e violino—Srs. Muylaert, Fróes, A. Barros, Zeferino e Maiffre.

5.º—Wagner—Grande côro de Lohengrin—por todos os alumnos do conservatorio.

No intervallo da 1.ª parte a banda de musica dos Orphãos de S. Joaquim executou, com muito brio, um trecho da *Lucrecia Borgia*, merecendo muitos applausos.

II PARTE—Moskowsky—Serenata para cordas.

Haendel—Largo para piano, harmonio e cordas—Dd. Alice e Alzira Ribeiro, M. Alves, H. Imbassahy, I. Aguiar, Srs. Maiffre, Custodio, Zeferino, Tolentino, Dante, Jorge e Luiz Dantas, alumnos do conservatorio, e mademoiselles O. Domschke, Joaquina Lacerda e Srs. Bastos, Araujo, Muniz Barretto, Muylaert, Fróes e Scheel.

2.º—Fantasia—Para violino sobre o Ballo in Maschera, pelo seu auctor F. Muniz Barretto.

3.º—Saint-Saens—Aria para soprano da opera Sansão e Dallila—D. Almerinda Ribeiro.

4.º—E. Grieg—Suite de Per Gynt (drama de Ibsen).

a) —A scena da morte d'Ase.

b) A scena da dança d'Anitra, para cordas, pelos alumnos, amadores e professores citados.

5.º—Saint-Saens—Dança macabra para 2 pianos a 4 mãos, pelos professores Murylaert e Fróes.

Foi debaixo dos applausos calorosos dos assistentes que todos esses trechos finalisaram.

Encerrou o concerto a banda dos Orphãos de S. Joaquim, que executou magistralmente o hymno nacional.

A's 5 horas da tarde desse dia realisou-se no parque Duque de Caxias a feteira annunciada em accrescimento do programma.

Tomaram parte nesse excellente certamen todas as bandas militares, sob a regencia do alferes Joaquim Pedro, solícito e antigo professor das bandas do regimento policial.

A concurrencia foi enormissima, graças ao tempo que fez, em contraste com os dos dias anteriores, em que copiosos aguaceiros se succediam ininterrompidamente.

Foram executadas as peças seguintes, que muito agradaram ao publico assistente:

1.º Hymno Nacional.—2.º Hymno do Centenario.—3.º Hymno da Republica.—4.º Symphonia do Guarany.—5.º Homenagem á Bahia.

Entre essas peças produziram magnifico effeito a *Symphonia do Guarany* e a *Homenagem á Bahia* do maestro Domenech.

Durante as noites desses dias de festa illuminaram os edificios publicos e tocaram nos coretos erguidos nas praças principaes bandas militares; havendo sempre notavel concurrencia de pessoas.

Em consequencia das chuvas abundantes deixou de realisar-se no dia marcado no programma a parada militar, a qual entretanto no dia 6 effectuou-se com grande luzimento.

Formados ás 9 1/2 da manhã no largo do Cruzeiro o 5.º de artilharia de posição, o 9º e o 16º de in-

fanteria de linha, o 1º, o 3º e o 5º do regimento policial, constituindo uma divisão, seguiu esta, após as continencias á bandeira, sob o commando do coronel Saturnino Ribeiro da Costa, para o parque Duque de Caxias, guardando a seguinte ordem:

Coronel Saturnino Ribeiro da Costa Junior, commandante da divisão, com o seu estado maior;

1.ª brigada, commandada pelo coronel Lydio Porto, commandante do 16º batalhão, e composta dos referidos 9º, 16º e 5º, na ordem em que aqui ficam escriptos;

2.ª brigada, commandada pelo coronel Affonso Pedreira de Cerqueira, commandante da brigada policial, e composta dos 1º, 5º e 3º batalhões, nesta mesma collocação.

Às 10 horas e 1/4 entravam as tropas no parque Duque de Caxias, onde tomaram as seguintes posições: 5º de artilheria e 3º de policia, lado do *Chalei Parisien*; 9º e 16º batalhões, lado do Club Inglez; 1º e 5º de policia, lado chamado Banco dos Inglezes.

No pavilhão levantado no ponto do ramal do Rio Vermelho estavam os Srs. Dr. governador do Estado, os Drs. secretarios do interior e de segurança publica, o presidente do Senado Estadual, o presidente e membros da commissão executiva das festas commemorativas, representantes do *Instituto Geographico e Historico*, iniciador dessas festas.

Às 10 e 45 minutos chegava, acompanhado do seu estado-maior, o Sr. general de divisão Roberto Ferreira, commandante do districto, que se collocou ao lado direito do pavilhão, junto á bandeira nacional. Salvou então a artilharia; passando em seguida o Sr. general Roberto Ferreira, acompanhado de seu estado-maior e do Sr. coronel Saturnino Costa, revista ás tropas, que começaram a desfilar ás 11 e 15 minutos.

Após a passagem das tropas em frente ao pavilhão, o Sr. general Roberto Ferreira e o Sr. capitão de mar e guerra Alves Camara, foram apresentar ao Sr. governador do Estado os seus cumprimentos; retirando-se todos logo depois.

As tropas apresentaram-se com ordem e muito asseio.

A concorrência de assistentes a esta festa foi extraordinária.

Por essa ocasião o Dr. Braz do Amaral, secretario da commissão executiva do Centenario, solicitou do Sr. Dr. governador do Estado que procedesse á distribuição de algumas das medalhas commemorativas, mandadas cunhar pelo Instituto Geographico, o que S. Ex. fez offerecendo uma a cada um dos seguintes Senhores: general Roberto Ferreira, comandante do districto militar; Dr. Octaviano Moniz Barretto, secretario do interior; Dr. Asclepiades Jambeiro, secretario de segurança; Capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, capitão do porto, e representando a marinha; Dr. José de Aquino Tanajura, presidente do Senado Estadual; Coronel Dr. José de Siqueira Menezes, delegado do chefe do estado-maior do exercito, no Estado; Tenente-coronel Dr. Ildefonso Martins, delegado da directoria geral de saúde do exercito no Estado, estes dois ultimos fazendo parte, naquella occasião, do estado-maior general.

O Dr. Braz do Amaral offereceu, em nome da commissão, uma medalha ao Sr. Dr. governador do Estado.

Foram egualmente enviadas medalhas ao Sr. almirante Schley e a cada um dos commandantes dos tres vasos de guerra americanos, surtos neste porto, e os quaes assistiram ás festas do centenario.

Essas medalhas são de bronze, e têm o diâmetro de cinco centímetros.

Em uma das faces vê-se, em relevo, uma caravela portugueza de 1500, navegando com os pannos enfunados, e em torno os dizeres: «*Quarto centenario do descobrimento do Brasil—1500—1900*»

Na outra face, as palavras *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, cercando o emblema dessa associação, um escudo encimado por uma estrella e atravessado pelo distico *Urbi et orbi*.

O desenho dessas medalhas fôra apresentado pelo Sr. Dr. Braz Amaral.

Em uma das reuniões dessa commissão, na residência e sob a presidencia do erudito Sr. Dr. José Francisco da Silva Lima, foi esse desenho approved.

As medalhas cunharam-se em Lisboa, sendo destinadas ás auctoridades mais elevadas do paiz e sociedades congeneres do *Instituto Historico da Bahia*.

Nesse mesmo dia realisou-se no *Hippodromo S. Salcador* a corrida annunciada em homenagem á data que se commemorava.

Foi enorme a concurrencia, sendo notavel o numero de senhoras, que se viam na archibancada.

Compareceram a esta brilhante festa hippica os Srs. Drs. Governador do Estado e almirante Schley.

Moção da Camara

Em sessão da Camara dos Deputados do dia 5 o Dr. Souza Britto, em eloquente improviso, fundamentou a seguinte moção, que foi approved unanimemente, assim como a emenda que em seguida publicamos:

A camara dos Srs. Deputados congratula-se com a Bahia pela grandiosa data que commemora o 4º centenario da descoberta do Brazil, e levanta em seguida a sessão.

Em Camara, 5 de Maio de 190 — *Souza Britto*. — *Cerqueira Lima*. — *Themistocles de Menezes*. — *Octacilio dos Santos*. — *Prisco Paraizo*. — *Gustavo das Neves*. — *José Pires*. — *Odalberto Pereira*. — *Ramiro de Azevedo*. — *Mariani Wanderley*. — *Hermelino Leão*. »

O Dr. Raphael Jambeiro fundamentou a seguinte emenda :

Depois da palavra — Brazil, accrescente-se: « E insere na acta um voto de louvor ao « Instituto Geographico e Historico », a cujos esforços e iniciativa se devem as festas aqui realisadas.

Em Camara, 5 de Maio de 1900. — *Raphael Jambeiro*. — *Odalberto Pereira*. »

Em muitos pontos do interior do Estado foi o memoravel facto celebrado com festas entusiasticas; recebendo o Governador do Estado, a commissão executiva e autoridades superiores telegrammas de congratulação por esse motivo.

Como dissemos, a imprensa da capital, reflectindo o sentimento geral e interpretando-o dignamente, deu vivo impulso ás festas, e publicou edições interessantes pela boa escolha de artigos e poesias referentes ao assumpto dellas.

Isto, porém, que já era uma homenagem de alto preço á data celebrada, teve o esmalte de publicações outras, que valiosamente vieram attestar o estado actual da nossa intelligencia, como uma realidade apreciavel e um enthusiasmo fecundo.

Foram ellas :

Carta de Pero Vaz Caminha a El-Rei D. Manuel — com o fac-simile do texto original — Edição para o Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Pindorama — romance descriptivo do descobrimento por Xavier Marques. Obra premiada em concurso.

A Descoberta do Brazil — drama em 4 actos, por Moreira de Vasconcellos. Obra premiada em concurso.

A Bahia Cabralia e Vera-Cruz — pelo major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, mandada publicar pelo governo do Estado.

Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia — n. 23 — commemerativo do Centenario.

A Flor de manacá — poemeto de Damasceno Vieira.

A Sublime Epopéa — synthese lyrica em tres cantos pelo Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão.

Guainumby — scenas de costumes indigenas, por Carlos Gomes.

Thesouro do Brazil — de Damasceno Vieira. — Obra commemerativa. Estudo historico dos principaes acontecimentos occorridos no Brazil desde 1500 a 1900. Nos prelos da *Empresa Editora*.

Na Capital Federal foram feitas as seguintes publicações.

Brasil—pelo Dr. Zeferino Candido.

Historia do Brasil—por João Ribeiro.

Galeria Historica—pelo Dr. Ramiz Galvão.

Geographia do Brasil—por Eliseu Reclus, traducção do Dr. Ramiz Galvão.

A Missa de Frei Henrique e o Descobrimento do Brasil—pelo almirante Fonseca.

Revista Maritima—numero especial, commemorativo, 11 do vol. 19.

A Colonia do Sacramento, obra editada pelo «Retiro Litterario Portuguez».

Em Pernambuco:

Carta de Pero Vaz de Caminha, prefaciada e com um appendice pelo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

Em S. Paulo:

Pindorama—revista historica em 4 actos, pelo padre Araujo Marcondes.

No Paraná:

O Paraná no Centenario—obra mandada editar pelo governo do Estado.

No Amazonas:

As Duas Americas—por Candido Costa.

Em Santa Catharina:

A Ilha, 1º volume—de Virgilio Varzea.

Em Portugal:

Brasil-Portugal—numero extraordinario commemo-

morativo: 1 volume de 100 paginas, com 150 gravuras.

Descobrimento do Brasil—romance historico por Alberto Pimentel.

Além das festas realizadas no Pará, entre as quaes salientaram-se as da intelligencia em sessões litterarias, cabe-nos registrar a fundação do «Instituto Historico e Ethnographico do Pará», em commemoração ao descobrimento do Brazil.

Concursos litterario e artistico

A comissão executiva do centenario, de accordo com o n. 5 do programma approved pelo Instituto, declarou abertos dois concursos litterarios:

a) para um drama de assumpto nacional, o qual seria levado á scena n'um dos theatros d'esta capital;

b) para um poema descriptivo do descobrimento do Brazil, ou um esboço historico sobre o mesmo assumpto.

Os dois trabalhos preferidos no julgamento dariam direito a cada um dos seus autores ao premio de 1:000\$000, sendo impressos á custa da comissão, cabendo aos autores 100 exemplares da sua produção, ficando de todo garantidos os direitos de propriedade.

A comissão julgadora d'esses concursos ficára constituida dos seguintes socios: Drs. Satyro de Oliveira Dias, Alfredo de Andrade, Braz do Amaral, José Octacilio dos Santos e Aloysio de Carvalho.

A essa comissão foram enviados os seguintes trabalhos:

1.—*Jaraguá*, drama indigena, em 4 actos e uma apothese, com o pseudonymo *Hostiario*;

2.—*A Descoberta do Brazil*, drama em 4 actos, pseudonymo *Angelus*;

3.—*Os Degraços de um throno, ou a Honra dos Paulistas*—drama em 5 actos, em verso, pseudonymo *Orlando Rosas*;

4.—*Descoberta do diamante no Brasil*—drama em 3 actos e 10 quadros, pseudonymo *Raymundo de Castella*;

5.—*A Carta Regia*—drama em um acto, pseudonymo *Alea jacta est*;

6.—*Pindorama*—romance-poema, pseudonymo *F. Franco*;

7.—*Guaynumpi*—scenas de costumes selvagens, por Carlos C. Gomes

Lidos demoradamente e cuidadosamente esses trabalhos, foram unanimemente premiados, o drama *Descoberta do Brasil* e o romance-poema *Pindorama*.

Abertas as cartas reveladoras dos pseudonymos, verificou-se que *Angelus* era o talentoso actor dramatico brasileiro Francisco Moreira de Vasconcellos, então fallecido, e *F. Franco* o conhecido jornalista e litterato bahiano Xavier Marques.

Os originaes de todos esses trabalhos ficaram rubricados na primeira pagina pela commissão julgadora e carimbados com o sinete do « Instituto Geographico e Historico ».

Infelizmente, auezar dos esforços empregados pela Commissão do Centenario e da subvenção especial que lhe foi concedida, a Companhia « Dias Braga » não quiz levar á scena o drama premiado em concurso, sendo representado o drama *Cabral* do Sr. Eduardo Victorino, director da Companhia.

Ao concurso de esculptura aberto pela Commissão para o monumento commemorativo do Centenario, enviaram suas propostas varios artistas nacionaes e estrangeiros, de grande talento e merecimento comprovado.

D'entre elles destacamos os Srs. Jozeph Gabriel Sentis, professor da nossa Escola de Bellas Artes; Domiciano Rossi e Amedeu Zanni, S. Paulo; An-

tonio Teixeira Lopes; Antonio Augusto da Costa Motta, da Escola de Bellas Artes de Lisboa; Ignacio José de Souza; Guilherme & Comp.; Vera Cruz de Villa Nova de Gaya; *Semper Fluctuat* (L. Wilde).

Em sessão de 13 de Março foi escolhido pela Commissão do Centenario o projecto do monumento executado pelo professor J. @. de Sentis.

O esquisso mede 2^m,25 sobre 1 metro de base e e 1^m,30 de diagonal.

Cabral, vestido de sua armadura de almirante da frota, está no centro de um magestoso grupo, erecto e radiante, apontando para o sólo com a mão direita.

A' direita e para o fundo, um sacerdote, frei Henrique de Coimbra, occupa-se em fincar no torrão gentio uma cruz talhada em madeira tosca.

A' esquerda e em plano inferior, sentado, um indio ná de fórmas vigorosas, apunhando com a mão esquerda arco e frecha, olha com pasmo para Cabral.

Ao fundo, sob a fronde de uma palmeira, uma india, tendo sobre os joelhos uma creança, que estrema contra o seio, tenta afastar o seu homem de ao pé de Cabral, travando-lhe do braço.

A columna sobre a qual se eleva o grupo, representa uma torre fortificada, de rigoroso estylo manuelino, tendo na base, em cada um dos angulos, pequenas guaritas, no cimo de cada das quaes veem-se os bustos de quatro homens notaveis da época.

Nas quatro faces do monumento, entre as guaritas, destacam-se baixos relevos, symbolos da marinha, do commercio e da industria, as armas portuguezas, as armas indigenas.

O grupo, como os bustos e os baixos relevos serão de bronze e a columna de marmore.

O monumento deverá ser de 15 metros de altura sobre 8 de base.

Congresso Catholico

Para commemorar o 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, sob a presidencia de honra do Exm. Sr. D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brazil, se reuniu o primeiro Congresso Catholico Brasileiro na Igreja Cathedral de S. Salvador, no dia 3 de Junho do corrente anno.

A reunião do Congresso foi precedida de uma solenne procissão, extraordinariamente concorrida, no domingo 27 de Maio.

As sessões do Congresso, ao qual compareceram os bispos do Pará, de S. Paulo e de Petropolis, sacerdotes e seculares da Capital Federal, e de quasi todos os Estados da Republica, e ao qual adheriram todos os prelados brasileiros ausentes, bispos de varias republicas americanas, muitas corporações e que mereceu a approvação do Papa Leão XIII, tiveram logar de 3 de Junho até 10 do mesmo mez, quando solemnemente foi encerrado o Congresso, tendo o Exm. Sr. Arcebispo pronunciado os discursos de abertura e de encerramento.

Discurso do Dr. José Antonio Costa

Presidente da Comissão

Exm. Sr. Governador
Senhores

Investido pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, como presidente da commissão tirada do seu gremio, do encargo de promover condignamente a commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, sinto-me preso ao dever de dirigir algumas palavras, por occasião de realisar-se o acto do lançamento da primeira pedra do monumento destinado a perpetuar a memoria de Pedro Alvares Cabral, o destemido nauta a quem coube a ventura de fazer surgir do desconhecido esta formosa região, que a nossa boa fortuna aprouve destinar para nossa Patria.

Não é essa uma elocução que vá buscar sua filiação em inconfessaveis preconceitos de nativismo, mas sim no mais elevado, nobre e justo dos sentimentos, o amor da Patria, que a todos nós avassala e prende com eguaes e fortes liames. tenhamos nascido nos mais cultos paizes do universo, ou nas mais frigidias ou adustas regiões da terra.

Ha 400 annos, occorrera o memoravel facto, que é nosso intuito commemorar.

Era então este paiz uma especie de grande tela, disposta para receber a impressão de todas as tintas adequada a transmittir todas as imagens, que a

alma forte do grande povo que o achara entendesse, de nella fixar.

E, para gloria desse povo, é grato reconhecer, que, com a sua melhor gente si não esboçara nesta tela as vivas côres que constituem uma nacionalidade ousada e aventureira, lapçara nella as colorações as mais risonhas e sympaticas, quaes as que caracterizam a cortezia, a generosidade e a bravura, que lhe são virtudes peculiares.

Por essas afinidades, nós spmos os verdadeiros filhos d'essa outr'ora grande e poderosa nação; as idéas, os sentimentos, os preconceitos, os defeitos como as virtudes, que nos são proprios, é no bom e nobre paiz europeu que tiveram e, porventura, continuam a ter suas origens.

Foi um preito de homenagem a este paiz o que n'este momento lhe rendi, volvendo para elle o meu pensamento, antes de fixal-o no grandioso feito, que agora estamos commemorando.

E' a quarta vez, que o tempo, em sua fatal e necessaria successão, ha deixado marcos na estrada que trilha a nossa patria, desde a época do seu descobrimento.

E nada que recorde essas datas notaveis se ha feito para demonstrar á posteridade as effusões de alegrias com que passaram.

Era que, então em sua juventude, o nosso paiz não tinha amadurecidas as qualidades de criterio, de sentimento de patriotismo, além de outras circumstancias, que lhe permittissem pagar o grande tributo de gratidão.

O fixar agora no marmore e no bronze o vulto do grande navegante, e os symbolos do feito notavel do descobridor do Brazil, é o attestado evidente de que o Brazil já attingiu a grão adeantado de civilisação, sem o que não se realisariam essas homenagens ao homem que o retirara do nada de sua anterior existencia.

Os sentimentos de admiração e de respeito que determinam em um povo a necessidade d'essas manifestações são, além do mais, seguro penhor

de sua elevação no concerto dos outros povos do universo.

A veneração á memoria dos grandes homens, que pelos seus feitos, pelos seus actos de bravura, pelo seu genio nas conquistas pacificas da intelligencia, contribuíram para a gloria de um povo, é estalão para aferir-se a sua vitalidade e tirar-se os vaticínios de que elle gravará indelevelmente o seu nome nas paginas da Historia.

Nenhuma das grandes nações, de qualquer das edades da historia universal, tem deixado de prestar os tributos de sua veneração á memoria dos seus legisladores, dos seus estadistas, dos precursores e fundadores de sua organização politica.

A culta e intelligente Athenas tão bem perpetuou a memoria de Acrops, Solon, Thales, Pericles e outros, já pelas obras dos seus historiadores, dos seus philosophos, dos seus poetas e escriptores, já no marmore, já na tela, aos quaes sabia emprestar pelo genio de seus artistas a essencia da propria vida, que sobre elles ha perpassado a successão de milhares de seculos, sem se ter obumbrado o seu nome nas trevas do esquecimento.

A forte e poderosa Roma, atravez as vicissitudes de sua accidentada existencia politica, transmittiu ás gerações futuras os nomes de toda uma pleiade de homens notaveis, que em tão grande numero difficilmente outra nação conterá, como os Tarquínios, os Scipões, os Pompeus, os Gracchos, os Catões, Cezares e outros, que assim dilatados fizeram os limites da primitiva e modesta *urbs*, que estes entestaram no tempo do seu apogeu com os proprios limites do mundo conhecido.

As nações modernas todas sem excepção portiam em elevar estatuas, dedicar monumentos, despertando no povo os sentimentos de admiração pelos grandes vultos, honra da sua patria, gloria do grupo ethnico a que pertencem.

E', pois, o respeito, a veneração pelas grandes individualidades relacionadas com a historia de uma nação, a característica mais evidente, mais

palpavel, da sua elevação moral e da boa organização política e social d'esta.

Não basta, porém, Senhores, que manifestemos estes sentimentos para com aquelles a quem a lei fatal que regula a evolução da materia tenha completado o seu cyclo: mas, sim, egualmente, para com os nossos contemporaneos, jungidos commo se a mesma cadeia de tribulações de que é tecida a vida humana.

Nada mais funesto ao progresso de uma nação do que o espirito de demolição e de duvida, da maioria do seu povo, sentimentos que annullam por contraposição os de respeito e veneração á pessoa e actos dos seus concidadãos.

A Historia, onde vamos sempre sugar os ensinamentos para boa deducção dos nossos juizos, é que nos diz que sem esse acatamento, esse respeito aos actos dos seus concidadãos, não ha povo que possa elevar-se, engrandecer-se e fortalecer-se.

Lêde a Historia, e vereis o contraste dos destinos do povo atheniense e do romano; aquelle, apesar de mais culto e intelligente do que este, conserva-se fraco em todo o seu longo período historico.

Era que em Athenas, enquanto vivo, o banimento ou a morte constituia a recompensa para o cidadão que elevava-se por qualquer feito notavel, ou pela sua intelligencia, acima da craveira commum ás mediocridades ciosas das prerogativas que lhe outorgavam a organização politica e social estabelecidas.

Em Roma, pelo contrario, a riqueza, o triumpho, a gloria, as honras excepcionaes, eram a merecida recompensa tributada ao cidadão, a quem os seus talentos, a sua bravura, e os seus serviços, emfim, trouxeram á republica ou o goso de mais uma obra prima, ou a posse de mais uma provincia, ou ainda qualquer outro fructo que sóem dar o trabalho e a intelligencia.

E porque não trazer em apoio ao que venho discorrendo facto recentissimo, que se passára com o povo mais forte e poderoso da Europa?

A Inglaterra aprestára as suas esquadras, despachára os seus exercitos com os seus melhores generaes, para o fim de levar a guerra a um povo julgado fraco e facil presa de armas superiores. Os vaticinios eram todos errados, e uma serie de derrotas das hostes britannicas o demonstrou.

O povo inglez, por isso, não negou o seu apoio, não desacatou aos seus generaes, cujas derrotas antes preferiu attribuir a eclipse da boa estrella que os acompanhára em outros campos de batalha, do que á sua ineptia, á sua imprevidencia, ou á sua carencia de bravura, amparando-os assim do sacrificio inutil a que estariam votados, si este povo não tivesse os sentimentos de respeito e veneração á dignidade e aos feitos dos seus concidadãos.

Exemplos são estes das vantagnes que colhe uma nação, onde predominam os principios de respeito pelos actos dos seus concidadãos, e de veneração pelos feitos notaveis dos seus homens de acção.

Digamos, Senhores, a esta juventude estudiosa que nos cerca, quando pela primeira vez no Brazil se pensa em elevar um monumento em commemoração ao seu descobrimento, que essa manifestação não surgiu do acaso, sem ligações com a nossa evolução, mas sim consequencia da existencia entre o nosso povo d'aquelles sentimentos de respeito e veneração a que me referi.

Essa, a mais alta significação da solemnidade a que assistimos, e praza a Deus que a minha longa deducção se firme no espirito destas centenas de alumnos das nossas escolas, aos quaes cabe a responsabilidade pelo futuro da Patria.

Aos mestres, eu solicitaria que desenvolvessem esses principios, que incutissem no espirito dos seus alumnos a veneração pelos grandes homens do nosso paiz, a admiração pelas obras de nosso paiz, a admiração pelas obras de sua intelligencia, o amor, finalmente, á nossa Patria, quer seja a entidade moral, quer a propria materia que a fór-

ma, que é essa região cumulada pela natureza dos dons mais ambicionados pelo homem.

Educar, Senhores, a mocidade, sob o regimen politico que escolhemos, é tarefa mui difficil, e infelizmente não emprehendida ainda.

Tem a educação, segundo as exigencias da organização republicana, o dever de formar de cada cidadão uma unidade, que tenha valor por si proprio, que se reúnem constituindo um numero qualquer de unidades, mais que valham neste caso tanto quanto a somma de todas ellas.

Devemos, por isso, relegar em materia de educação para o rol das cousas imprestaveis a applicação que se poderia fazer—do apologo do feixe de varas.

Não! Muitos homens fracos de corpo, com o espirito povoado de preconceitos, sem o sentimento forte de patriotismo, sem firmeza de caracter, constituirão sempre um todo desvalorisado.

E' na escola que se poderá crear verdadeiramente aquella unidade valida, á qual a Republica, nos trabalhos da paz ou nas provações da guerra, parodiando a ordem de batalha do almirante Nelson, em o memoravel dia de Trafalgar, possa dizer—«que confia que cada cidadão cumpra com o seu dever—» e para isso é essencial que a educação o torne apto a cumprir.

Exm. Sr. Governador, meus Senhores: a associação de idéas e o desejo de não fazer rhetorica foram me levando por essa conversação a tratar de assumptos que se encadeiam, não obstante a sua apparente diversidade.

Mas, como evitar deante da magnitude d'este acontecimento da descoberta do Brazil, que foi o alpha, o principio da organização da nossa nacionalidade, que o espirito se volva para o omega, para o fim a que devemos tender, que é dar-lhe uma forte instrucção, que o emparelhe com os mais adeantados do Universo? Como não pugnar, em qualquer occasião, para que seja uma possibilidade surgir em seu seio intellectuaes da natureza dos

Edison, Graham, Bell, Westinghouse, Morse, Maury e outros muitos, que mui alto fazem cotadas a intelligencia e o genio norte americano?

Eis porque, meus Senhores, n'esta festa em que procuramos elevar um monumento a feitos do passado, o meu espirito, resvalando rapidamente pelo presente, fixou-se n'esse outro monumento que a actual geração pode elevar para o futuro; e este monumento será construido por essas novas gerações, que nos succederem, bem educadas, bem instruidas, fortes de corpo e de espirito, realisando o idéal da existencia humana—expresso pelo aphorismo latino—«*Mens sana in corpore sano.*»

CONFERENCIA

DO

Conego Manofredo Alves de Lima

Meus Conciudadãos:

Patria, Patria! das sombras magestosas dos tumulos e das venerandas ruínas de um passado saudoso, quatro longas gerações te contemplam, transmittindo-te as saudações pelas tuas glórias!

Patria, Patria! Abrem-se, hoje, pagina por pagina, os brilhantes annaes de tua historia preciosa, onde fulguram os nobres feitos, que assignalaram os teus filhos na grande obra de tua Liberdade!

Patria, Patria! chegou o dia, em que o mundo civilisado subiu ao capitolio de tuas glórias, para admirar os teus bravos, os teus defensores, os teus heróes!

Um céu limpido e transparente, adamantinado de estrellas, não pode hoje rivalisar com os esplendores de tua grandeza e com os rutilos clarões de tuas celebres tradições.

Patria, Patria! das margens formosas do soberbo Atlantico até os pés dos Andes: das ribas faceiras do rio da Prata até as cabeceiras do gigantesco Amazonas, milhares de vozes se confundem n'uma acclamação solemne, e, n'um enthusiasmo indescriptivel, glorificam o teu passado e saudam o teu porvir!

E neste magnifico, imponente e estrepitoso concerto, ouve-se uma voz: é a da tua Filha primogenita, a Bahia, o berço de tuas glórias, a primeira que sonhou na tua Liberdade, quando dormias o primeiro somno nos braços da Cruz do Senhor!

Acceita, acceita o modesto cantico da Filha que te felicita, ó Patria; guarda bem no intimo as homenagens e a admiração dos teus filhos e recolhe, na arca santa de teus peregrinos affectos, as flores de sua gratidão!

Patria, amada Patria! a Bahia, de joelhos, te saúda!

. . .

Era no seculo XV; não mais se ouviam os ultimos suspiros da Edade Média, onde se sepultaram, para sempre, anachronicas instituições, habitos exquisitos, idéas extravagantes, que dentro em pouco a civilisação devia condemnar.

Eram chegados aquelles seculos famosos, dos quaes falára, com os olhos de vidente, um philosopho; seculos, em que o «oceano alargaria as prisões das cousas, e a enorme terra se patentearia, e Typhis descobriria novos mundos, e Thule não seria no globo a ultima das terras».

Dois povos surgiram, disputando o dominio dos mares «nunca d'antes navegados»: Portugal e Hespanha. Nesta, o heróe é Christovão Colombo, que, em busca de um novo caminho para as Indias, arranca, das profundezas dos mares, um novo mundo, a perola dos continentes; naquelle são diversos os que se arrojam ás emprezas maritimas.

Sim, era chegada a vez de Portugal. A pequena nacionalidade ia mostrar que na historia devia ter um logar tão distincto com os mais celebres povos e que ninguem registraria façanhas tão assombrosas como as que praticaram os seus filhos. Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, e outros traçaram o vasto campo, onde foi levantada a mais sublime das epopéas.

Mas, entre todas as suas conquistas maritimas, a de maior importancia social e historica foi a do Brazil por Cabral, obra do acaso, como está por demais provado, e que, entretanto, foi para Portugal um verdadeiro acontecimento.

Que determinaria este feliz acaso? As esplendidas

riquezas do Oriente fascinavam a Portugal e a urgente necessidade de assegurar o commercio naquellas seductoras pairagens movem D. Manuel, o Venturoso, a enviar uma expedição, chefiada por Pedro Alvares Cabral. E no meio de alegrias, de contentamento e de esperanças, o intrepido marinheiro deixa, a 9 de Março de 1500, as aguas saudosas do Tejo e, procurando o mais possível afastar-se das costas d'Africa, atirou-se ás correntes oceanicas, a cujo impulso a destimida frota, a 21 de Abril, distinguio signaes de terra. Que de indizível e de mysterioso não se passaria nos corações dos gloriosos descobridores? Que terra era esta que uma singular casualidade conquistára á civilisação?

Seria, porventura, a sublime Atlantidas de Platão ou algumas das ilhas «afortunadas dos poetas»? Era a flor mais mimosa do jardim inventado por Colombo; era o paraizo do Novo Mundo, era a formosa terra da Santa Cruz, depois Brazil. Uma terra amena, onde cantava o sabiá, uma natureza esplendida, onde errava o Tabajara, um céu de anil, onde os raios de um sol deslumbrante se misturavam com as coruscantes irradiações da fé de Christo!

A magestade da creação estava alli concentrada.

Que florestas soberbas, qué vegetação luxuriosa!

«Levanta-se a carnaúba como uma columna coroada por um capitel de folhagens, o feto com as suas palmas gigantescas, as myrtaceas, as scitaminias, as bromelias, a figueira atormetada e colossal, a mangueira, o cedro, a peroba, as palmeiras, as guttíferas... Dos braços tortuosos das grandes arvores pendem, como lagrimas, as orchideas, e os cipós entretecem os troncos, fazendo de tudo uma massa viva, em cujo seio habita o animal.

Infinitos os contornos das folhas, singulares, extravagantes as parasitas vegetaes, os musgos, os lichens, e deslumbrantes as flores, abrindo-se por entre uma ramagem de um verde sempre vivo, formam um conjuncto de que os tons se esbatem á luz de uma atmosphera saturada de vapores leves».

Tudo devia encher de assombro os primeiros exploradores.

Troncos tão elevados cujo aerio cimo baloiçava, ao minimo sopro do vento, guarda-sões, ou leques de palma, e florestas de arvores desconhecidas que o ferro nunca tocara», um poetico firmamento povoado de brilhantes constellações, onde Venus mostra-se «enfeitada de diademas» e noites sem eguaes onde os pyrilampos apparecem como chuvas de estrellas derramadas do céu, tal era a terra encontrada!

Portugal exultou de contentamento á grata noticia do novo descobrimento, e apressa-se em communicar-a a toda a Europa.

Aberto estava um vasto e opulento campo, onde deviam agir, com toda a pujança e arrojo, a fé, a sciencia, as industrias e o commercio.

Entretanto, Senhores, o rei que a tantos titulos gloriosos juntára est'outro—Senhor da navegação, da conquista e do commercio da Ethiopia, da Arabia, da Persia e das Indias, não ligou a devida importancia ao paiz descoberto.

Dir-se-hia o boçal artista que, encontrando rica e preciosa pedra, abandona-a, por desconhecer-lhe as excellentes qualidades. Ah! Senhores, havia um motivo e poderoso motivo pelo qual as côrtes lusitanas bem depressa esqueceram o Brazil. O commercio vantajoso das Indias, a ganancia de grandes lucros sem esforço e notavel trabalho, concorreram principalmente para isso.

Só em 1521, no reinado de João III, fundaram-se dois nucleos coloniaes sem resultados praticos e com grandes despesas para as côrtes.

O caminho dourado do Oriente, illuminado por todas as fascinações das riquezas e aplainado pelas facilidades de immensos reditos, magnetisava todo o commercio de então, monopolizando toda a actividade humana.

Ainda assim, o rei, com vistas mais largas, recorreu á formação de capitánias hereditarias, systema empregado, com vantagem, na Madeira e nos Açores

e que, certo, provaria mal no Brazil, immenso e vasto, e para cuja colonisação havia mister de recursos, braços fortes e trabalho serio e intelligente.

A' boa vontade do rei contrapoz-se a sua politica estreita e retrograda; como era fundar colonias restabelecendo o feudalismo da idade media, que já tinha recebido o golpe de exterminio, delegar aos donatarios poderes exorbitantes, como o de captivar os indios e de vendel-os; transformar as capitancias em asylos de criminosos e restringir o mais que fosse possível o commercio com os naturaes do paiz. Isto não era propriamente uma colonisação, era o estabelecimento ferrenho de uma estúpida feitoria.

Como era de prever, foi despresado similhante systema. E como os desastres economicos ás vezes despertam os estadistas e os administradores das cousas publicas, teve D. João III a feliz lembrança de estabelecer um governo geral no Brazil, o qual foi confiado ao intelligente e experimentado Thomé de Souza, em cujo encargo houve-se com distincção e civismo.

Era em 1549, quando sulcou os mares a expedição á cuja frente estava o primeiro governador geral.

Meio seculo se passou de tentativas infructiferas, de planos frustrados e de trabalhos improficuos.

O dia, porém, de 29 de Março de 1549 foi illuminado de novas esperanças: ao Brazil aportava, com toda a sua comitiva, o novo governador.

Podia-se, em verdade, dizer que firmavam-se não os fundamentos de uma colonia, mas os de uma futura nação.

Teve começo a obra mais duradoura e mais humanitaria para o Brazil, a catechese dos selvícolas, onde se immortalisaram, impondo-se á gratidão e ás honras da historia, os benemeritos jesuitas Nobrega, Antonio Peres, Leonardo Nunes, no começo, e depois o immenso padre Anchieta, cognominado o Apostolo do Novo Mundo.

Falando d'este memoravel evangelizador, disse o nosso distincto publicista o Sr. Dr. Sylvio Romero:

«Um dia partiu para o Brasil e fez-se um dos nossos, isto é, um amigo desta terra, um devotado aos selvagens, um agente, um factor de nossa civilisação. Não poderei escondel-o. Anchieta é, a meus olhos, um vulto altamente sympathico. Chegado ao Brasil aos vinte annos de idade, aqui viveu quasi meio seculo, e nunca mais lhe passou pela mente voltar para a Europa; dedicou-se fortemente, fanaticamente á catechese dos brazis; viveu para elles; para elles escreveu grammaticas, lexicons, comedias, hymnos; por amor d'elles, soffreu. Entre seus queridos indios morreu.»

Bello espectáculo, meus Senhores! ver-se o humilde filho de Loyola, á sombra do nosso frondoso e soberbo jequitibá, pregar ao selvagem a Liberdade da Cruz; contemplar-se o modesto apostolo do evangelho com a cruz em punho amansar aquelles homens indomaveis, apontando-lhes a porta magestosa do templo da civilisação!

Não eram soldados que elles apparelhavam para um conquistador; nem tão pouco os bons dos missionarios eram homens mercenarios que trabalhavam á discrição de um rei: eram doutrinadores que preparavam no homem livre o cidadão, o futuro brasileiro.

Em um trabalho desta natureza não me cabe descrever todas as differentes phases por que passou o Brazil, nem tambem entrar nos detalhes dos acontecimentos que precederam sua emancipação politica. Devo, porém, confessar que mais de dois seculos de vida esteril atravessou o nosso caro paiz.

A inaptidão de muitos dos seus administradores, a ambição dos colonos, as luctas incessantes com os indios e as discordias entre o poder civil e o religioso, e acima de tudo a ambição e o egoismo, tudo concorreu para certas paginas tristes e vergonhosas da nossa historia colonial.

O padre Antonio Vieira dizia que no Maranhão os dizimos rendião seis a oito mil cruzados, dos quaes o governador tomava metade para si e dava

o resto aos seus subordinados. As egrejas sem rendas cahiam em ruínas, e os clérigos viviam á custa dos naturaes.

«Os governadores vendem os postos militares, tirando o accesso aos soldados; vendem a justiça, inventam crimes para espoliar os particulares; compram e escravizam os indios.»

A tudo isto accrescentem-se as transformações politicas da Metropole, perdendo os direitos de nação independente, as varias invasões de estrangeiros cubicosos das riquezas de um paiz, cuja fama ia espantosamente e ver-se-há que lhe era impossivel o progresso.

Por mais trefegos e exaltados que sejam os espiritos, não podem estar fadados a uma agitação constante e a essas luctas inefficazes, semeadas pela ambição e por ignobeis e loucas aventuras. A necessidade de uma situação calma vae pouco a pouco se impondo.

Finalmente, mais de treis seculos se tinham passado, sem que tivéssemos vida propria, esperança, futuro e paz.

Nossas minas estavam exhaustas; a Metropole cada vez mais insaciavel, os filhos da terra não passavam de simples aggregados da corôa portugueza; exhausta tambem estava a nossa paciencia.

Quando, em 1789, as idéas liberaes e revolucionarias lavravam por todo o campo social, derrocando as monarchias absolutas e, por entre os gritos do terror e os horrores da guilhotina, planejavam uma moderna sociedade, Minas, que então possuia a gemma da mentalidade brasileira, acenou á Realeza lusitana, e de lá dos antigos mares foram descortinados os primeiros raios de nossa liberdade!

Xavier, o Tiradentes, fôra o insigne herôe, cuja ousadia custou-lhe um selvagem martyrio.

Era ainda noite, a aurora estava longe, e o grande Astro não podia apparecer.

Acontecimentos outros iam desenrolar-se, e como outros tantos factores de nossa civilisação.

Era em 1807: na patria famosa de Clovis surgia

um desses homens extraordinarios, que ligam os seus nomes a todos os seculos, um homem que parecia ter nascido para a victoria e para impôr sua vontade inflexivel ao mundo inteiro; um homem que não conhecia impossiveis e que se transportava das vastidões dos mares ás solidões dos desertos; era o Attila dos tempos civilisados, que levava o terror por toda a parte: Napoleão! Na Europa, só uma nação não deixára de tomar parte nos despojos do seu carro triumphal, a Inglaterra, e isto mesmo graças a sua posição insular.

Não podendo levar á illustre Albion o brilho de sua espada, o guerreiro, tambem politico e estadista, recorre ao bloqueio continental como um meio de esmagar sua rival.

Portugal ou devia obedecer ás ordens do exterminador, ou devia preparar-se para receber o golpe de sua espada terrivel. Pensou manter a neutralidade, o que não solveria a questão. Dias depois o exercito francez a invade, e o principe reinante transporta-se, com toda a familia real, para o Brazil, do *«seio de cujo imperio vinha erguer a sua voz.»*

Ao passo que, com esta mudança das côrtes, o Brazil tomava um grande impulso, abria os seus portos ás nações amigas, o livre commercio augmentava-lhe a importancia, o espirito nacional se fortalecia e a inepecia da casa de Bragança ia inconscientemente cooperando para a nossa emancipação politica. Agora, os papeis estavam trocados; a colonia era Portugal, o Brazil era o reino.

Entretanto, em Portugal se davam graves acontecimentos politicos, e as idéas sociaes dominantes e victoriosas por toda a parte iam mudando radicalmente o animo dos portuguezes, que derrocaram as instituições absolutas e proclamaram a monarchia constitucional, sendo os augustos emigrados coagidos a se repatriar, e lá se foi D. João VI, deixando-nos D. Pedro na qualidade de regente.

Começaram então as provocações das côrtes.

Leis, decretos, ordenações acintosas, e até mesmo offensas aos nossos brios, tudo se viu. E, por ultimo, mandaram exigir até o nosso regente, considerado menino de escola, que devia ainda aprimorar sua educação.

Começava, pois, de entrar em agonia franca a grande noite de 322 annos, e, o horisonte social se tingia das côres douradas e formosas de uma bella aurora, e, a 22 de Setembro de 1822, bruxoleava o luminoso Sol de nossa independencia! Eramos um povo livre, iamós ter uma historia nossa!

Eu te saúdo, ó dia feliz e memoravel, em que os nossos maiores quebraram, para sempre, os grilhões da escravidão!

Salve, ó 7 de Setembro, dia brasileiro! em que por terra viu-se o despotismo da Metropole!

Eleita a nossa primeira constituinte, e declarados os nossos direitos civis e politicos, começaram os primeiros dias de nossa vida social, onde appareceram, aureolados, continuadores da formação do espirito brasileiro, os Andradas, os vultos homericos de nossa independencia.

Não foram tão beneficás e tão fructíferas as primeiras alvoradas da nossa liberdade; é força confessar.

Tinhamos um príncipe mais portuguez do que brasileiro, e que só a força dos acontecimentos o collocára ao nosso lado. Sem as qualidades precisas de um estadista e maxime de uma nação joven, na qual era mister formar o caracter e plantar a união, mais propenso ao absolutismo do que á liberdade, estavam contados os seus dias, e, para provar que nada tinha de brasileiro, despede-se 9 annos depois com estas palavras: «Sejam felizes na sua Patria».

Não quero com isto, Senhores, dar o meu apoio ás idéas revolucionarias e á olygarchia então reinantes. Comtudo, em tal emergencia e no meio da exaltação partidaria dominante n'aquella época, era mister que o tino, a moderação e a prudencia do estadista sobrepujassem á violencia, o que não se

deu com Pedro II, o qual julgou dominar a complicada situação com a resistencia.

Todavia, a despeito dos erros politicos, não deixou de concorrer para o engrandecimento da nação que adoptára, e teve o bom senso de poupar, em momento angustioso, o nosso sangue. Brasileiro, digamos a verdade, deixemos de parte os preconceitos, suffoquemos as opiniões pessoaes, brasileiro de coração, de alma, de espirito, de vontade, era a creança que ficava e a quem pertencia o throno; brasileiro era o louro infante que a imperatriz Amelia confiava á mãe brasileira, e de quem despedia-se n'uma carta que era um primor de sentimento e um mundo de puros affectos.

O velho José Bonifacio, o anjo tutelar da Patria, o tomára nos braços e o apresentára aos brasileiros, que o saudaram por entre risos, esperanças e acclamações.

Entramos no periodo da menoridade do rei ou das regencias assignaladas por successos politicos de granda importancia onde os partidos mostraram quanto podem as paixões. A causa publica ia gradualmente progredindo, mas por entre serios embaraços.

Aqui, eram as ambições dos partidos, alli, os interesses individuaes, acolá, o reviver de antigos odios, além, o egoismo, mais além, a indisciplina a insubordinação do exercito, o maior obstaculo á unidade nacional.

Mas, ninguem se assuste: é esta a infancia de todos os povos; a historia da formação das nações é sempre a mesma, com esta ou aquella variante. Que foi a Grecia no seu começo? a invasão dos pelagios, dos helenos, as guerras de Thebas e de Troia, as luctas civis ou as guerras intestinas. Fôra a gloria em Marathona, Salamina, Platéa e Mycale constellada de refulgentes astros, como Milciades, Themistocles, Cimon, Aristides, Leonidas e outros; depois, a decadencia sob o dominio romano.

Foram vãos os esforços da Liga Achaica para conquistar sua independencia.

Que foi Roma? No começo, a lucta entre o povo e os nobres; nas guerras punicas e nas conquistas orientaes, o poder e a grandeza; a paz, no governo de Octavio Augusto; em Nero, o terror, o despotismo; e a anarchia militar, quando a purpura real foi posta em leilão; depois, a decadencia e a ruina.

E é por entre este *mare magnum* de paixões, este chocar de systemas politicos: por entre o rufar do marcial tambor e gritos de guerra; por entre os horrores das luctas fraticidas, enfim, no meio deste fluxo e reffluxo de idéas, que sobressaem os grandes espiritos, que avultam os grandes estadistas, e que surgem os talentos e as virtudes cívicas.

E' ahí que se vê ás vezes uma nação inteira concentrar-se em um só homem, tal é José Bonifácio; é ahí que apparece um Feijó, a encarnação do patriotismo, da energia e da abnegação; um Antonio Carlos, o gigante da oratoria parlamentar, o tribuno destemido.

Assumindo as redeas dos negocios publicos D. Pedro II, á parte algumas perturbações de pouca importancia, sempre suffocadas pelas resistencias legaes, o Brazil seguiu o caminho franco do progresso, marchando de conquista em conquista, sempre na vanguarda das idéas liberaes, assignalando-se ora pela bravura e coragem de seus filhos, ora pelo civismo, pela intelligencia e pela alta politica de seus administradores.

Notabilisou-se em todos os ramos da civilisação, e, como um povo ainda envolvido nas faixas da infancia, nada deixou a desejar. Estadistas consummados, politicos eminentes, legisladores insignes, militares de bravura e de provada competencia, marinheiros de heroismo sem rival, não lhe faltaram. Aureliano Coutinho, Bernardo de Vasconcellos, Carneiro Leão, Felizardo Mello, Alvaro Carneiro, Silva Lisboa, Paulino de Souza, Miguel Calmon Pin e Almeida, Euzebio de Queiroz, Mattoso Camara, Rio Branco, Cotegipe, Saraiva, Dantas, são no-

mes que honram, com distincção e gloria, a magestosa galeria dos mais illustres estadistas.

Veiga Cabral, Teixeira de Freitas, Joaquim Nabuco, Zacharias, Candido Mendes, Fernandes da Cunha, o Cicero brasileiro, ennobreceram o fóro nacional.

José de Abreu, João Paulo Santos Barretto, Andrade Neves, Araujo Lima, Camara, Osorio, Barroso, Carlos de Carvalho, Saldanha, apontam á historia futura os dias mais assignalados, da Patria e recordam commettimentos de assombro e de valor.

Uma nação que, desde o seu exordio, conta em seu seio varões tão proeminentes e que, no grande certamen da politica, da publica administração e de todas as sciencias economico-sociaes, não tinha medo nem receio de medir-se com os homens notaveis e summos estadistas da velha Europa, não é só uma nação grande, é uma nação privilegiada «talhada para as grandezas, para crescer, crear, subir».

Foi sob a mascula envergadura politica de quasi todos esses eminentes cidadãos que no segundo reinado se effectuaram importantes reformas obedecendo umas a oportunidade, outras ao imperio das circumstancias, enfim, ás exigencias do progresso. A reforma do código do processo, a da guarda nacional, a do código Commercial; a da reorganisação do Conselho de estado, a reforma judiciaria, a extincção do tráfico africano, a lei eminentemente liberal e, mais que tudo, justa, equitativa da representação das minorias, uma das mais exuberantes demonstrações de um governo liberal e uma das mais sollemnes afirmações do suffragio popular, a eleição directa, uma conquista relativa das urnas; não fallando em melhoramentos outros materiaes, tendentes a levantar o commercio, as industrias, as artes, em todos os pontos do imperio, eis, Senhores, o modesto quadro traçado pela civilisação nacional de quasi meio seculo.

Ha um facto de singular importancia, que constitue incontestavelmente, uma de nossas muitas glorias.

O Brazil, Senhores, antes de ser uma grandeza no mundo politico, era uma potencia intellectual. No grande exilio da colonia, era á sombra das mais poderosas mentalidades, que elle gradualmente elaborava a causa de sua emancipação. Ao contrario dos outros povos, que ordinariamente nascem por entre as trevas da noite medonha da ignorancia, nasceu o Brazil aos esplendores de matinal alvorada.

«Basilio da Gama, o auctor do Uruguay, Durão, Gonzaga, «o lyrico sublime», Costa Alvarenga, Pereira Caldas, Moraes e Silva, Hyppolito Costa, o patriarcha do jornalismo; Azevedo Coutinho, principe da economia portugueza; Villela Barboza, illustre geometra; Nogueira da Gama, provecto estadista; Coeelho de Seabra, chimico notavel, Conceição Velloso, que produziu a Flora Fluminense; Araujo Camara, eis, Senhores, as fulgentes constellações que precederam os albores de nossa redempção politica.

Um dos mais brilhantes e fecundos sentimentos que caracterisam os povos é sem duvida, o amor proprio, que pode ser no individuo uma fraqueza, mas que nos povos é quasi sempre uma grande virtude, que torna-se a mola a cujo toque se despertam a idéa da unidade nacional, o dever de manter-se a integridade patria, e a obrigação indeclinavel que têm os povos de sustentar a honra, defender os seus direitos, conculcados e de arrojar-se contra o inimigo que o affronta. E' este amor proprio que tem formado, através dos seculos, esta raça de gigantes, onde se encontram, a coragem, a abnegação, a austeridade. E este amor, umas vezes chama-se Grecia, outras vezes Roma, aqui é Esparta, alli é Carthago.

E sabeis, Senhores, porque este amor proprio é sempre isto? E' porque elle não se distingue do patriotismo, ou antes é uma fulgida scentelha d'este mesmo sentimento.

Somos um povo de hontem; podemos dizer que ainda estamos na infancia; mas, em compensação, temos tido a nitida comprehensão de todos os

nossos deveres e temos sabido bem avaliar o que valem a honra e a liberdade!

Varios conflictos internacionaes provaram exuberantemente que a fibra nacional não se conservou indolente e impassivel, uma vez que se melindravam os nossos brios.

Ahi está a tremenda guerra do Paraguay, provocada pela inepeia e boçal ousadia de um tyranno, chefe de estado energumeno, que muito mal entendia das cousas publicas.

No dia em que, do norte ao sul do Brazil, repercutiu o grito de guerra, levantou-se a nação inteira, impellida pelo mesmo sentimento de desaffronta ao pavilhão nacional, e os campos da ingente pugna se coalharam de centenas de legiões voluntarias, que foram desforçar a Mãe-Patria ultrajada.

Desde o soldado até o general, nunca se viu tanto heroismo! Uma serie de ininterruptas victorias coroaram as nossas armas.

Só um revez experimentamos, e assim mesmo os nossos vencidos se tornaram gloriosos como aquella escolhida legião do rei de Esparta, que succumbiu nas Thermopylas com mais honra e gloria do que o inimigo vencedor.

Mais de cem mil de nossos compatriotas foram immolados em holocausto á Patria; porém, os que sobreviveram trouxeram, na ponta da espada, os louros immarcessiveis da victoria!

Nesta campanha se immortalisaram muitos dos nossos filhos, que lograram triumphos soberbos, os quaes podem figurar na historia da humanidade ao lado dos grandes feitos de valor, de temeridade, de audacia e de heroismo.

Paysandú, Riachuelo, Humaytá, Angustura, Mercedes, são monumentos impereciveis, mais fortes que o proprio bronze, que attestam altisonantemente ao futuro os prodigios de valentia do brasileiro soldado.

A paixão pela liberdade, Senhores, foi e é tambem um dos sentimentos dominantes do brasileiro. Não sei que de mysterioso ha nesta terra de encantos,

que a escravidão nunca poudo aqui enraizar. Sua existencia neste solo foi sempre fugaz e ephemera, como a de horrorosa noite agonisante, que espavorida aguarda as douradas illuminações da aurora. Será porque o nosso céu tem estrellas mais argentinas, nossos jardins flores mais viçosas, os nossos passaros o canto mais celeste, os nossos mares o azul mais bello, as nossas relvas a vegetação mais soberba?

Ou porque os nossos indios viveram nas florestas a cantar o *eterno hymno* da selvagem liberdade? Seja como fôr, Senhores, o que é certo é que, si a nossa esplendida natureza meridional não nos inspirasse tão nobre paixão, tão ardente sentimento o inspiraria a nossa historia politica, que o sublime cantor das *Espumas Fluctuantes* compendiou nestes versos de ouro . . . «o porvir—em frente do passado.»

*A liberdade--em frente a escravidão,
Era a lucta das aguias--e do abutre.
A revolta do pulso--contra os ferros,
O pugilato da razão--com os erros,
O duello da treva --e do clarão!*» . . .

Nestes vibrantes e mimosos versos, vê-se o Brazil colonial em braços com a Metropole, na lucta gigantesca pela sua independencia, e admira-se o povo livre, protestando contra a escravidão!

Do Brazil colonial já tratamos. Vamos agora a largos traços, acompanhál-o na magna campanha abolicionista. Este foi o seu periodo mais memoravel.

No declinio do seculo XIX, ainda havia escravos no Brazil!

Uma vergonha para nós, Senhores, que viviamos açoitados pelos protestos do mundo inteiro civilisado! A causa da escravidão não tinha mais um defensor na velha Europa. Já no seculo passado tinha agitado o mundo inteiro, e o mais celebre ministro daquelle tempo, Pitt, a principio favoravel á escla-

vidão, depois capitula vencido, quando o povo inglez inteiro, appellando para os sentimentos de humanidade, reclamava a extincção do elemento servil.

E Pitt, convertido, exclamou: eu não conheço nada mais barbaro do que arrancar cada anno sessenta, oitenta mil individuos de sua terra natal, pelos esforços combinados das nações mais civilisadas, dos paizes mais esclarecidos, com a sancção das leis do reino que se intitula o mais livre e feliz de todos. Ainda que a esses infelizes fosse provado algum grande crime, pertencer-nos-hia, porventura, sermos seus carrascos? . . . Mas, si fizessemos peor, si chegassemos a fazel-o vender seus irmãos, não é claro que, por meio de invasões de guerra injustas, de condemnações iniquas, elles fariam um numero de victimas sempre crescente á proporção dos nossos pedidos? As guerras da Africa dão-se por causa d'elles ou por nossa causa? São as armas inglezas que, postas nas mãos dos africanos, derramam a desoluição n'aquella terra.»

No Brazil encetou-se a propaganda da abolição que, em breve espaço, tornou-se uma questão nacional. Os escravocatas queimaram o ultimo cartucho, appellaram para as urnas e ameaçaram afinal o throno.

Ministerios se succederam uns aos outros; varios projectos se apresentam ás camaras até que impetuosa e invencivel tornou-se a corrente abolicionista, e, aos 13 de Maio de 1888, foi sancionada a lei diamantina, que extinguiu o cancro da escravidão no Brazil! Povo algum festejou um tão assignalado triumpho.

Uma causa que em outros paizes abalára os alicerces do edificio social, usando as mais profundas commoções; que em S. Domingos originára uma guerra temivel entre os senhores e os escravos; que nas provincias do sul dos Estados Unidos fizera perigar o commercio e a lavoura, e derramára sangue, custando ao erario publico vinte milhões de libras esterlinas; uma causa que, dividira os brasileiros em dois partidos implacaveis, é sagrada

por entre acclamações e flores, congregando todos os partidos, sem que haja vencedores nem vencidos! podendo-se dizer que a nação inteira se convertera n'um soberbo carro de triumpho, onde subiu o escravo para desferir o cantico feliz de sua liberdade!

Assim effectuou-se, Senhores, a grande reforma que Roberto Peel dizia ser a mais feliz do mundo.

O triumpho da democracia era cousa inevitavel: a questão era de mais algum tempo. Entretanto, a 15 de Novembro, a nação foi surprehendida com a noticia de que o throno cahira por terra e de que ás horas mortas da noite, quando as estrellas scintillavam no céu, o velho monarcha seguia o caminho do desterro, para nunca mais ver a Patria que tanto estremecera, e morrer mais brasileiro do que era, não consentindo que sobre o seu tumulo descansassem estas palavras de Scipião, o africano: *«Ingrata Patria não possuirás os meus ossos!»*

Nem um protesto se fez ouvir!

Os revolucionarios do Campo de Sant'Anna, parece, tinham magnetisado o povo, que recebera estupefacto, o inesperado acontecimento! Digo estupefacto, senhores, para não me servir da tristemente celebre expressão de um ministro do provisorio tão deponente do character nacional. Uma verdadeira aberração historica—, senhores, um acontecimento phenomenal! Aqui começa a historia da Republica Brasileira, guindada ao poder por uma revolução.

Sem que, em these, subscrevamos a theoria dos factos consummados, que é um perigo social e uma affronta ao direito, senhores, a bem da verdade da salvação publica, devemos todos dizer que a nação portou-se como se devia portar em ~~estas~~ *circumstancias* tão criticas e tão perigosas!

E tanto mais, Senhores, que é n'estas agitações e commoções assombrosas que consiste a historia da humanidade.

Os imperios os mais florecentes, as republicas as mais poderosas, têm os dias de sua gloria contados. Chegado o tempo marcado pela Providencia, cahem,

se esphacelam. Ninguém se esqueça de que Babilônia foi tomada de surpresa, quando o seu rei deleitava-se n'um soberbo fesum . . .

Lembrem-se os que governam d'este dito sagrado, que é uma verdade social.

Et nunc, reges, intelligite: erudimini, qui judicatis terram.

Pois bem! a 15 de Novembro de 1888 se proclamava a Republica Brasileira!

Tornava-se uma brilhante realidade, o sonho dourado dos primeiros brasileiros que levantaram a questão de nossa emancipação politica: que estava sagrada no coração popular a causa insigne que arrastára ao patibulo o glorioso Tiradentes. A flor exotica da America se estiolava e de suas reliquias levantava-se magestoso o pedestal da Democracia! e um novo sol clarificava os horizontes sociaes.

Aqui, Senhores, era lugar de entrarmos na historia da Republica, que um decennio já conta. Contudo, devemos francamente confessar que a tão ardua empreza não nos arrojamos.

Escrever-se a historia de um povo que toma uma nova phase politico social, passados alguns instantes, para assim dizer, não entra em plano de historiador serio, imparcial, que tem por fito chegar ao conhecimento da verdade e aprofundar a natureza dos acontecimentos.

Ainda é cêdo para dizer-se o que tem sido a Republica. As paixões dos homens estão muito accesas; as pretenciosas ambições dos partidos não deram logar a que o paiz respirasse uma athmosfera livre e desimpedida.

Os odios de hontem, os despeitos dos que adoravam e continuam a adorar o sol que já teve o seu occaso, estão muito vivos. Os enthuasiastas do regimen passado querem ver no presente uma Vestal, não podem suppor que uma só mancha ensombrie o sol da democracia.

Elles têm razão em parte, porque é natural que todos os povos, dia a dia, aspirem á perfeição, ao engrandecimento o ao progresso. Mas, hão de con-

vir que as instituições, assim como os individuos não são isentos de faltas; e os povos se constituem Senhores, se consolidam, muita vez, após longos desastres e tormentosas administrações. Porque havemos de ser homens de tão pouca confiança? Em vez d'estas incabiveis lamentações por um passado: d'essas desconfianças e calculado temor, olhemos para o céu, Senhores, e tenhamos fé no futuro! Dias virão em que o Brazil entrará no caminho franco do progresso e gosará d'essa estabilidade, d'essa paz, dessa concordia, d'essa confraternisação, que são as verdadeiras glorias de um povo.

Meus concidadãos! no dia de hoje, em que das alturas dos tempos quatro seculos nos contemplam, saudemos a futura Patria Republicana!

Recolhamos, uma por uma, as lições da experiencia; meditemos nos grandes feitos que conduziram ao Pantheon da gloria os nossos maiores: ouçamos a voz da historia, «a grande mestra da vida», tendo sempre em vista os exemplos de civismo e de abnegação dos nossos pais; e sejam estas civicas virtudes poderosos incentivos para encetarmos a santa jornada em prol do engrandecimento da Patria!

Concidadãos! Os antigos povos, nos dias de rego-sijo publico, marchavam para o templo, afim de renderem graças ás suas divindades. Inclinem-nos tambem hoje ante a Cruz divina que nos imprimiu o sello da civilisação, derremando-nos as aguas do baptismo social! Inclinem-nos ante o Augusto Symbolo, que, apontando ao selvagem o caminho do céu, disse-lhe: caminha, ó rude habitante das selvas, as portas da liberdade se te abrirão.

Mocidade brasileira! esta festa é particularmente vossa, porque é a festa commemorativa do futuro da Republica, e este futuro sois vós.

Sois as flores viçosas que a ornamentam no presente, sois vós as esperanças d'amanhã, de quem os de hoje recebem alento e conforto: sois vós os futuros levitas da cruzada da regeneração social!

Mocidade, mocidade, saudae, saudae a Patria, que é vossa, a Patria que, em vós, será altiva, grande, forte e virtuosa.

Cabral, Diogo Alvares, Martim Affonso, Thomé de Souza, Nobrega, Navarro, Anchieta, Saldanha, Mem de Sá, Marcos Teixeira! a gratidão do povo brasileiro, rompe neste momento quatrocentos annos para pousar sobre vossos tumulos, abençoando a vossa memoria e saudando, em vossos nomes venerandos, a Patria-Mãe, Portugal!

Portugal, Portugal, eis que te abraça aquella formosa Virgem do americano continente, com que o teu intrepido almirante magnificou tuas invejaveis conquistas. Ei-la, sentada no grande templo da Democracia, tendo na dextra o sceptro da liberdade. (*O orador é abraçado no meio de grandes applausos*).

Virgo Patria

Stetit, et mensus est terram.

VIRGILIO.

Caravana aventureira,
Pelos desertos marinhos
Campeia a frota guerreira
De Pedro Alvares Cabral.
Busca nos rastos do Gama,
Por longos, invios caminhos,
A larga estrada da fama,
Onde ha de encontrar vestigios
De quem fizera prodigios,
Em nome de Portugal.

As auras beijam-lhe as velas,
As ondas beijam-lhe as quilhas;
E falam de mil procellas
Em que as lusas caravellas
Nunca viram trepidar;
E lembram mil maravilhas
Desses nautas assombrosos,
Que por mares temerosos,
E no perigo altaneiros,
Sabem vencer pelas armas
E os furacões arrostar;
Desses fortes marinheiros
Que não se temem de alarmas.
E impam de orgulho, ás façanhas
Que os echos vão repetindo
Pelas solidões tamanhas,
Onde paíra infinda glória,
E por cujo ambito infindo
Reboa a tuba da historia,
Cantando homéricas vidas
E entusiasticas mortes
De assignaladas cohortes,
Que passaram, desabridas,
Rompendo os flancos do mar.

Mas que successo inaudito,
Que enorme acontecimento
Guarda o seio do infinito
Para encanto desses olhos,
Que fulminaram escolhos
Na arena dos vendavaes?

A que visão deslumbrante,
Pasma essa turma arrogante,
Que não vacilla um momento,
Quebrando as azas do vento
Nos assemos triumphaes?

E' que, após tantos labores,
Após tantos sacrificios,
Aos bravos navegadores
Se manifestam indicios
De alguma região ignota
Que vão talvez descobrir.
Vêem as azas da gaivota
Que lhes acenam dos ares
Como azas brancas de um sonho,
E verdes como esperanças,
As algas á flôr dos mares,
Desvanecendo lembranças
Do abysmo, que foi medonho
E agora parece rir.

Exultam: já toda a frota,
Sacudindo-se nas vagas,
Aprôa ás longinquas plagas
Que se erguem mysteriosas
No fundo azul—mar e céu.
Aborda-as, e todo o bando
Dessas aguias alterosas,
Que arremeteram bravias
Tamanha presa empolgando,
Eil-o agora que, poisando,
Fecha as azas alvadias...
.....
De um momento rasgou-se o véo.

II

*Imagem do infinito, monumento
Da primitiva criação do mundo.*

J. DE ALENCAR.

Oh galas! oh prodigio!
Que extranha magestade
Nessa deslumbradora e muscula grandeza,
O' virgem natureza,
Terra da Santa Cruz;
Da criação na gloria immensa, do fastigio.
Impões-te á humanidade,
O' patria de gentios,
Mundo que doira o sol dos tropicaes estios,
Vasta região da luz!

Em fremitos sonoros
Borbulha-te no seio a vida americana,
O' plaga soberana,
Homérico torrão,
Que has de vibrar, um dia, os grandes meteóros
Da civilização!

Parece imaginario
O que descobre a vista!
Como é solemne, e grande, e novo, e extraordinario
O sólo da conquista!
Que festa e que scenario,
Quando em benções de luz á terra verdejante
Irrompe do infinito a aurora brasileira!
As nuvens do arrebol
E a vasta cordilheira,
Que em pleno azul immerge a crista sobranceira,
Figuram do levante
Na apothecose augusta, excelsa e flamejante,
As purpuras e o throno em que, de toda a historia
Avassalando a gloria,
Resplende essa corôa immaculada—o sol!
E á noite, oh maravilha
Dos astros! como brilha
O firmamento, aonde o espirito fluctua

Nas mysticas luzernas,
 No turbilhão sem fim das lampadas eternas
 Illuminando a flux
 A abobada do mundo! e com que fausto a lua
 Entorna sobre a terra o globo adamantino,
 Como um braço divino
 Que aos homens alardeia a triumphante luz!

Pujança desmedida!
 Oh seiva tropical!
 Por toda a parte a scena avulta e echôa a vida
 Num drama original.

Aqui, do S. Francisco as aguas, rebentando
 Em formidavel tombo,
 Em catadupa enorme, estoiram num trovão
 Que, ao tragico ribombo,
 As nuvens combalindo e as selvas atroando,
 Do bardo grandioso
 As vozes arrancara ao plectro sonoro,
 No mesmo diapasão.

Alli, ossea montanha,
 Escalavrada e mia, investe pelo ar,
 E dos tufões rebate a desabrida sanha,
 Esboroando o mar.

Nas lapas insondaveis,
 Por onde o vento engole,
 Parece que arreganha estrugidoras guelas
 A denegrida mole
 De talhe gigantesco, e grimpas formidaveis,
 E cenho aterrador...
 O bronco monumento,
 Que ás nuvens desafia o raio das procellas,
 Alçando no horizonte,
 A solitaria fronte...
 O espectro colossal de rigida estrutura,
 Que a propria noite obumbra e torva o pensamento
 Lembrando a catadura
 Do velho Adamastor.

Ao norte, é o caudaloso
 Rio, que affronta o oceano em desmarcada enchente. .
 O monstro, á potestade, o Encelado assombroso
 Das aguas. . . o Amazonas,
 Que immensuraveis zonas
 Abarca, fecundando os torridos sertões. . .
 —Descommunal serpente
 Que em meio dos palmares,
 Rojando na amplidão das mattas seculares,
 Ao tumido resfolgo abala o continente
 Nas virgens solidões.

Massa diluvial, atira-se dos Andes
 Nos braços do Equador,
 E esbarra o oceano, e então—phenomenos tão grandes
 Como esses macaréos de insolito fragor.

Ao sul, passam do pampa os impetos profundos,
 As ancias do deserto, os sopros iracundos,
 Os furacões brutaes,
 Que entram pelo oceano a sacudir montanhas,
 E o cavam nas entranhas,
 E rugem no furor dos largos temporaes.

.....

E eil-a, a visão da patria exuberante e rude,
 Em toda a plenitude
 Da sua virgindade;
 E eil-a na magestade
 Que assombra, no vigor da pura natureza,
 —Selvatico paiz que exulta de grandeza,
 E candido paiz
 Onde da primavera as ambulas cheirosas
 Se desatam mimosas
 Até no pedernal dos negros alcantis.

E eil-a formosa e grande,
 A brasileira terra,—o mundo onde se expande,
 Em matizados lumes,
 A flora que rebenta, e cresce, e luxuria,
 E vae, numa explosão de côres e perfumes,

Da moita mais rasteira á fronde culminante,
 Da planta de um só dia
 A' milliaria selva,
 Do lubrico tapiz de setinoza relva
 A' abobada sombria
 Dos troncos eternaes...
 A flora que germina, intensa, crepitante,
 E se esgalha possante
 Nuns estos de verdura,
 Num magico esplendor de fructos reluzentes
 E petalas ardentes,
 Num desabrochamento enorme, que fulgura,
 De chammas vegetaes.

O' peregrina terra
 De amplo e fecundo seio aberto á humanidade,
 Que, auspiciosa, o invade
 Na civilizadora inundação christã!
 Que sonho, que esperança egregia, que destino,
 O' mundo peregrino,
 A um povo se descerra
 No teu descommunal regaço de titan!

Ardente como a aurora
 Que os fados te alumia,
 Vôe, por tã, minha alma em rasgos de harmonia,
 E aos olhos do universo, impavida e sonora,
 Acclame-te, ó Brasil!
 Mas falta-lhe no vôo á sibylina altura,
 O' patria grandiosa!
 Do genio a envergadura
 Para attingir-te a fronte augusta e luminosa
 Em versos culminantes,
 E coroa-a abrindo as azas triumphantes
 Nos echos immortaes de um cantico viril.

Bahia.

JOÃO B. DE CASTRO REBELLO.

Sessão anniversaria do Instituto

DISCURSO DO CONSELHEIRO SALVADOR PIRES

residente do Instituto

Exmrs. Senhoras—Exm. Sr. Cons. Governador do Estado.—Exms. Srs. representantes de nacionalidades, associações e classes diversas—Exms. Srs. socios do «Instituto Geographico e Historico da Bahia».—Senhores do auditorio:

Quanto é doce e agradavel, meus Senhores, após um anno de operosa jornada tornar à esta cadeira, que tanto me honrifica, para nella repousar no ameno conforto, que provém da permuta de vossas congratulações pelo nosso profundo reconhecimento á gentileza de vossa acquiescencia ao convite para partilhardes a triplice alegria, que, transbordando de nossa alma, diffunde-se por todos os recessos deste vasto edificio para onde, de seu modesto berço, acaba de ser transportado o *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, hoje que a ampulheta do tempo determina o sexto anniversario de sua installação, como rememora a imperecivel e gloriosa data do ingresso no convivio da civilisação ao vasto territorio da America meridional, que recebeu o nome da rubra côr de um de seus mui variados productos vegetaes, avidamente explorados pelos primeiros colonos, antes de conhecida a opulencia de sua flora, a riqueza inexhaurivel de suas minas, a uberidade prodigiosa do sólo, cuja fecundidade

desobedecendo ás leis que regem a genesis humana, desenvolve-se na razão directa de sua virgindade.

Pesa-me, porém, a impossibilidade de transmitir-vos a expressão de meus sentimentos, já pela emoção que me agita neste momento, já por não possuir o segredo ou talento «de dizer de um modo novo cousas velhas», como principalmente por carecer de competencia para fazer a apologia do feliz descobrimento realizado em 1500, pelo protonauta Cabral, missão, em boa hora confiada áquelle que, com os primores de seu estylo, em linguagem peregrina, nos arreouos de inimitavel eloquencia desempenhou-se hontem de tão augusta, quanto bem correspondida incumbencia.

Prevalecendo-me, todavia, do feliz ensejo que se me depara; ei não devo, nem posso revibrar os echos da historia patria, tantas vezes, em harmoniosos sons, repassados hontem pela vossa audição, permitti que antes de alongar os meus braços para, em reverente amplexo, agradecer a honra de vossa presença cumpra um dever inherente ao cargo que immerecidamente continua a ser-me confiado nesta instituição.

Dizer-vos, Senhores, que o *Instituto Geographico e Historico* viceja ao orvalho e á sombra protectora da opinião publica a todos os commettimentos de seus associados, em cujo numero encontram-se, para honra sua, o Exm. Sr. Cons. Governador do Estado, como aquelle que em breve o ha de succeder no governo e na benefica aspersão de favores officiaes, seria proclamar o que está na consciencia geral, como na vossa em particular, e seria fastidioso deante d'isso descer á demonstração de sua prosperidade, porque ella é palpavel e visível. Envidando esforços, pondo em contribuição seu prestigio colectivo a actual meza do *Instituto* fez aquisição do elegante predio, em que ora nos encontramos, e executou os reparos de adaptação aos seus intuitos, sem que o seu credito periclite, sem que o seu *haver*

sejo inferior aos compromissos que com a pontualidade necessaria têm sido até hoje satisfeitos.

A sua bibliotheca e museu enriquecem dia a dia com as offerlas, que porfiadamente succedem-se.

Vêde, pois, que o *Instituto*, modesta aggregração litteraria, destôa de quasi todas as suas congeneres, que estiolam-se, ou fenecem asphyxiadas pela indifferença, e corajosamente avança para o futuro, confiante na generosidade e na illustração da sempre heroica Bahia, que jamais abdicará os foraes de sua nobreza, cujo lábaro de honra ha sido tantas vezes hasteado nas ameias da gloria quantas ha sido posto em contribuição o talento e bravura dos filhos que a estremecem.

Mas, Senhores, manda a modestia que não prosigamos na expansão de nosso desvanecimento pela incontestavel florescencia deste pequeno arbusto que brotou no cimo destas montanhas, donde ha quatro seculos, na eloquente phrase de Octaviano Muniz, desceu pela primeira vez o oxigenio aos pulmões do homem civilisado.

Sim, meus Senhores, foi pelo coração da Bahia que a civilisação de além-mar, injectando-se no corpo selvagem do gigante da America do Sul, assimilou-se com admiravel presteza no sangue aborigene, e não tardou que o indigena, recebendo da Cruz, que em signal de posse lhe deixaram os seus descobridores, o divino clarão daquella luz vivificante, banisse de sua taba a indolencia do selvicola para rotear o sólo, para indicar aos primeiros bandeirantes os thesouros nelle soterrados, e participante depois da riqueza a elles advinda se achasse bastante forte para dizer um dia—basta: beijo reconhecido a mão que conduziu meus primeiros passos na trilha do progresso civilisador; mas a idade, o desenvolvimento de minha musculatura, a cultura de minha intelligencia, a envergadura de minhas azas já me permitem trabalhar, reflectir com madureza, e voar em todas as direcções da liberdade. Não foi um repudio, uma evasão prematura do lar paterno, não foi a revolta de brios offendidos, não foi uma dis-

senção religiosa ou politica; foi a convicção íntima da virilidade nacional; foi a evolução natural da civilisação, a causa eficiente da separação do Brazil, constituindo-o nação independente da Metropole portugueza para fazer de uma duas nações amigas, estreitadas, unidas pelos perduraveis laços do idioma, da religião, da fé politica:

*filho e pae da mesma raça,
bebenda na mesma taça,
as mesmas inspirações.*

E' por isso que hoje ergue-se inteiro o Brazil, do norte ao meio-dia, de leste ao poente, para commemorar a gloriosa data de seu auspicioso descobrimento, e com a reverencia de profunda gratidão render a devida homenagem ao progenitor da sua civilisação, erigindo um monumento a Pedr'Aiuares Cabral, o predestinado pela Providencia para ver primeiro das amuras de sua caravella, acima do nivel das aguas que singrava, um ponto singular no firmamento, o qual, a proporção que avançava na mesma prôa, foi como se desprendendo da abobada celeste até pousar no ponto da terra, que, pelo dia em que operou-se esse como que phenomeno espectral, ficou denominado «Monte Paschoal», foco de luz do qual irradiou a civilisação para todos os angulos do territorio sul-americano, denominado a principio terra da Vera Cruz, Brazil, mais tarde.

Portugal, povo de irmãos, eis quanto a Patria brazileira vos venera, quanto vos idolatra a Primogenita de Cabral, e o *Instituto* que, n'este momento, tem junto a seu peito o escol de vossos filhos enternecidamente vos saúda, e abraça.

Mas, Senhores, em seus vãos de nação livre, na altivez de suas aspirações nacionaes, o Brazil pensa em occupar um lugar de respeito no convivio das nações poderosas, e reconhecendo que a força procede da união, lança um olhar sobre a carta da America, prescruta a vitalidade das nações vizinhas e amigas do novo—Continente e abre o seu

coração á sympathia espontanea do Chile, estende a mão reconciliada e amiga á Republica Argentina, e alongando a vista para o norte lá vê um outro gigante; que moureja sem cessar para sobrepujar a Europa nas artes e industria, nas sciencias e commercio; que collima na mira de suas observações internacionaes a independencia absoluta das duas Americas que, unidas, devem e podem aspirar a hegemonia universal pelo mesmo titulo de successão que conferiu á Europa a herança da civilisação dos povos orientaes,* e por ultimo o predomínio do universo conhecido, e, pois, á grande União Norte-Americana, o Brazil affectuosamente cumprimenta, e sente que nasce nos dois corações reciproca sympathia, que na phrase poetica de C. de Abreu, é como dois ramos de uma grande arvore:

"bem longe ás vezes nascidos,
mas que se juntam crescidos,
e que se abraçam por fim."

Agora mesmo, nas festas com que a Bahia celebra o 4º centenario do seu descobrimento, quatro vasos de guerra dessa poderosa potencia maritima vieram testemunhar nossas alegrias, saudando hoje á bandeira brasileira, e á tamanha gentileza dispensada á nossa querida Patria o *Instituto* só pode corresponder em nome da Bahia e do Brazil, saudando com fervoroso entusiasmo a patria de Washington, de Lincoln, de Cleveland.

E' já tempo, meus Senhores, de fazer-se ouvir o illustrado orador do *Instituto* e outros não menos dignos consocios, e oradores representantes de associações que se acham inscriptos, e hão de realçar o brilho desta solemne sessão; mas consenti que reiterando o reconhecimento do *Instituto* á Associação Commercial e á colonia portugueza aqui representadas pela sua direcção e diversos membros seus; levantando um hurrah á luzida officialidade da esquadilha norte-americana, surta neste porto; agra-

decendo *ex-corde* a todas as associações e classes sociaes aqui representadas, e as que têm tomado parte em todos os festejos do 4º Centenario do Brazil, tão galhardamente executados pela benemerita commissão do *Instituto* e pela commissão central a elle reunida, cujos relevantes serviços ficarão registrados em letras d'ouro nos annaes da historia do mesmo *Instituto*, como já o estão no coração do povo bahiano; eu rendo, por ultimo, á illustrada imprensa desta capital os tributos da mais sincera gratidão pela assiduidade de sua presença em todos os festejos, particularmente nesta sessão, pelas palavras de conforto que tem dispensado ao *Instituto*, desde sua fundação, encarecendo com prodigalidade, e levando bem longe, nos echos de suas phrases, no adejar impetuoso de seus vãos, nas mimosas petalas de suas flores, que assim poderia chamar-se as folhas de seus jornaes, os serviços, aliás, circumscriptos e modestos desta associação, puramente litteraria, que si alguma vez ousa transpor a sua orbita, é sempre confiante na franca coadjuvação do governo do Estado, nomeadamente durante o periodo administrativo do nosso distincto consocio o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Vianna, como na da illustrissima camara municipal desta capital, cujas tradições de acendrado patriotismo tantas vezes registrados na historia da mui heroica e leal cidade de S. Salvador, foram ainda agora cathegoricamente confirmados na commemoração festiva do Centenario, nos quaes por iniciativa propria e a expensas de seus cofres assumiu parte saliente e directa; e pois aos seus illustres representantes, como aos da imprensa, dando em nome do *Instituto Geographico e Historico da Bahia* um expressivo aperto de mão convido-os a erguer commigo um

Viva á Portugal e á colonia portugueza na Bahia!

Viva aos Estados-Unidos da America do Norte!

Viva á memoria de Pedr'Alvares Cabral!

Viva á imprensa bahiana!

Viva á Pátria Brazileira!

RELATORIO

DO

PRIMEIRO SECRETARIO DO INSTITUTO

Conselheiro João Torres

Senhor Presidente:

Illustres consócios:

Trazendo a esta solemne sessão a comunicação dos factos occorridos durante o anno que passou, com dupla alegria vos fallo, podendo assignalar mais um anniversario de vida do nosso Instituto, quando satisfazemos a nossa maior aspiração actual, inaugurando o edificio, adquirido e reformado a custo de muito esforço, onde estabelecemos definitivamente a nossa sêde.

Fundada a nossa Instituição com escassos recursos, o poderoso auxilio dos associados e dos poderes publicos conseguiu transformar uma patriótica aspiração de um grupo de dedicados em uma realidade, revestida hoje de pujantes elementos de vida.

Rejubila-me sobre modo a festa que estamos a celebrar, desvaneço-me em dizel-o, tal é o amor que consagro a esta instituição, á qual tenho dedicado a melhor e maior parte das minhas actividades.

Seis annos são passados que, cheios de desillusão e de descrença, reuniamo-nos a 13 de Maio de 1894 no salão do *Gremio Litterario*, e davamos como fundada uma associação scientifica, que, então, não

dispunha de outros recursos senão a boa vontade e o devotamento daquelles que se congregaram para esse fim; e, como sabeis, por disposição dos Estatutos, e como uma homenagem prestada ao antigo Instituto Bahiano fundado a 3 de Maio de 1855, a nossa commemoração é feita no dia de hoje.

Pois bem, um espirito forte,—Tranquillino Torres, não medindo esforços e cheio de fé pela causa que abraçara, ponde, com auxilio de poucos, dirigir os primeiros passos do nosso Instituto, dando-lhe a orientação verdadeira a adoptar.

A elle devemos o que somos; o seu excessivo zelo e a sua extraordinaria dedicação firmaram a existencia de nossa associação, fundando os alicerces, sobre os quaes ella se perpetuaria.

Em meio da cruzada desfalleceram-lhe as forças e a morte nos privou de seu desinteressado concurso.

Restava-nos a construcção deixada, apenas, em alicerces.

O illustrado presidente que o substituiu, secundado efficazmente por toda a Meza administrativa, consegue hoje realisar a installação do Instituto em casa de sua propriedade, o que importa affirmar a sua duradoura existencia, uma vez que não lhe falte a contribuição do auxilio dos socios.

Rememorar aqui os obices que encontrámos nesta empreza, seria historiar dia por dia a serie de difficuldades moraes e materiaes que nos surgiram.

Por coincidência notavel, e que nos deve ser muito cara, a inauguração que estamos a festejar se associou á commemoração do quarto centenario do descobrimento do Brazil.

Tendo tomado a nossos hombros a celebração deste centenario organizámos os festejos na altura dessa commemoração e de accordo com os sentimentos de civismo e patriotismo da população desta capital.

Não nos era licito deixar passar em silencio a data commemorativa do nosso descobrimento: era um dever imposto pelos fins da nossa instituição,

que procura reconstituir com dados positivos os factos da nossa historia e celebrar as datas por elles assignalados.

Em poucos annos de vida já temos prestado os mais alevantados serviços: mantemos uma *Revista* que consubstancia elementos até então esparsos e ignorados, contribuindo poderosamente para a formação da nossa historia escripta; celebrámos festas de glorificação á memoria do sabio padre Antonio Vieira, rendendo justo preito de homenagem e veneração a um dos mais poderosos factores da nossa civilisação, e agora, a commemoração do centenario do descobrimento do nosso paiz vem augmentar a serie destes serviços.

A Bahia devia pertencer a melhor parte nesta commemoração; as suas plagas foram as primeiras pisadas pelos ousados navegadores da expedição mandada por D. Manoel, em 1500, ás Indias.

A nós, pois, que representamos a historia viva de nossa terra, competia a celebração desta data com a magnificencia de que se tornára digna, pois ella marca o inicio da nossa civilisação.

Alliando á data do descobrimento do Brazil a da inauguração do nosso edificio, cumprimos um dever historico, rendendo a melhor das homenagens que nos era licito prestar.

Durante o anno social, celebrou o Instituto 11 sessões ordinarias e 2 extraordinarias. Na sessão de 16 de Abril, approvadas as medidas propostas pela Commissão do Centenario, deliberou-se que a Commissão se entendesse directamente com o Governo do Estado sobre o n. 8 do programma, que dizia respeito ao reconhecimento local e descriptivo dos pontos do littoral, relacionados com o descobrimento do Brazil.

O Exm. Dr. Governador accedendo a tão justo pedido, encarregou aos nossos consocios major Sal-

vador Pires de Carvalho e Aragão e Alfredo Solerdade de fazer esses estudos, photographando os pontos necessários, os quaes desempenharam-se dessa commissão de modo cabal e satisfactorio, publicando um trabalho de merecimento, com o nome de *Bahia Cabralia e Santa Cruz*.

Votou-se ainda, que por estar o predio em obras não seria solemnizado o anniversario do Instituto como de costume, celebrando-se nesse dia uma sessão ordinaria.

Na sessão de 3 de Maio, achando-se presente o distincto litterato Henrique de Coelho Netto, que foi proposto e approvado socio correspondente, o Dr. Braz do Amaral, referindo-se aos trabalhos da commissão incumbida das festas, salientando o auxilio que ella encontrára por parte do Governo do Estado, leu parte de importante memoria historica sobre o Castello da Torre de Garcia d'Avila, que foi ouvida com geral satisfação.

Na sessão de 21 de Maio teve logar na fôrma dos Estatutos a eleição da Meza, que foi reeleita, e das differentes commissões, lendo o Cons. Filinto Batsos os apontamentos biographicos do bacharel José de Sá Bittencourt Accioli, e offerecendo ao Instituto por parte do coronel Ernesto de Sá Bittencourt Camara, residente em Camamu, um camaseu de louça brasileira representando o retrato de D. Maria 1.^a de Portugal, feito em 1773 pelo mesmo bacharel José de Sá Bittencourt Accioli.

As duas sessões extraordinarias foram convocadas sob proposta do Dr. Satyro Dias para as conferencias, que a convite do Instituto, aqui viera fazer o Dr. Augusto de Carvalho, residente em Macahé, no Estado do Rio, nas quaes procurou demonstrar que a descoberta do Brazil não foi obra do acaso, referindo-se tambem a origem e primitiva significação da palavra Brazil; leu a letra do hymno do 4.^o centenario, que compoz para ser posto em musica e expoz a planta do monumento commemorativo da descoberta do Brazil, concebida e executada pelo mesmo conferente.

Do livro das offertas constam os importantes do-
nativos que no anno findo receberam a nossa bi-
bliotheca e as diversas secções do museu e archivo.

Entre as doações, detalhadamente publicadas na
Revista, figuram em primeira linha ainda este
anno as seguintes:

Pelos viscondes de Cavalcanti—O Brazil Hollan-
dez por Gaspar Barleus, Amsterdam, 1648; His-
toria Natural do Brazil por Guilherme Pison e
Jorge Margravi, 1647; o Oyapoch e o Amazonas,
e uma medalha commemorativa da exposição uni-
versal de Paris em 1887; pelo socio commendador
Joaquim Manuel de Sant'Anna uma medalha com-
memorativa da exposição universal de Philadelphia
em 1876; pelo socio Dr. Antonio da Cunha Barbo-
sa, uma Memoria sob o titulo — *A Litteratura
Colonial Brasileira*—escripta especialmente para
ser dedicada ao Instituto; pelo socio Desembarga-
dor Thomaz Montenegro, 53 volumes de relatorios
do antigo regimen; pelo socio Luiz Rodolpho
Cavalcanti de Albuquerque, um amarrado com
flechas e arcos dos indigenas do Alto Amazonas;
pelo socio major Rogociano Teixeira, 42 volumes;
pelo sr. José da Nova Monteiro, 35 volumes da
Collecção da *Revista* do Instituto Histórico Bra-
zileiro e mais 52 volumes sobre diplomacia, tra-
tados e questões de limites com as republicas
limitrophes; pelo sr. José Luiz da Fonseca Maga-
lhães, 18 volumes; pelo socio Damasceno Vieira, 9
volumes de obras que têm publicado; pelo conso-
cio capitão de mar e guerra Alves Camara uma
collecção da *Revista Marítima*; pela Bibliotheca
Nacional, 15 pacotes de obras enviadas por socie-
dades estrangeiras; pelo socio Barão de S. Fran-
cisco, 3 importantes autographos; pela secretaria
dos negocios do Reino de Portugal, 1 volume das
Investigações scientificas do Yatch *Amélia* sob a
d direcção de D. Carlos de Bragança; pelo socio Dr.
Severino Vieira, 2 medalhas commemorativas da
visita do General Roca ao Brazil e do monumento
ao Duque de Caxias; pelo socio Dr. Manuel Cardoso

Barata, senador Federal, um rico álbum do Estado do Pará.

A secretaria adquiriu por compra 50 volumes pertencentes á Exma. D. Maria Correia Garcia, inclusive os Annaes da Constituinte de Lisboa.

A *Revista* continúa a ser distribuida com a maxima regularidade, esforçando-se a sua redacção para que ella constitua valioso e importante repositório de factos da historia patria, e é tal o empenho que se manifesta fóra do Estado pela acquisição da *Revista*, tal é o conceito que esta publicação ja merece, que foi preciso augmentar a verba destinada á despesa da sua impressão e remessa.

E' lamentavel, porém, que o numero de assignantes esteja reduzido a 12.

Além dos exemplares distribuidos pelos socios, é ella offerecida a 46 bibliothecas e associações nacionaes e estrangeiras com as quaes o Instituto se corresponde, permutando-a ainda com 29 revistas estrangeiras e 13 nacionaes, e 39 jornaes nacionaes, postos a disposição do publico em sua bibliotheca, que já conta numero superior a 7000 volumes.

• • •

O biennio de 1898 a 1900 foi de dolorosa impressão para o Instituto, porque foi grande a perda de seus socios, e que deploramos sinceramente, porque muitos d'elles, e não é preciso recordar, collaboraram connosco desde a fundação do Instituto, prestando relevantes serviços. taes são: o Dr. Alexandre Garcia Pedreira, major José Maria Barretto Falcão, Dr. Francisco Rodrigues Monção, Dr. José Machado Pedreira, Frei Francisco da Natividade Carneiro da Canha, Christino Ramos de Oliveira, Antonio Moreira de Goes, Conselheiro João Baptista Guimarães Cerne, Dr. João Baptista de Sá e Oliveira, Conselheiro José Macedo de Aguiar, Conselheiro Visconde de Cavalcanti, Dr. Pedro Nolasco

Buarque de Gusmão e o General Frederico Solon de Sampaio Ribeiro.

Conta o Instituto presentemente 288 socios, a saber: 1 benemerito, 8 honorarios, 160 effectivos, e 119 correspondentes.

Dos effectivos são remidos 15 socios.

As nossas finanças vão em crescente prosperidade, graças aos altos poderes do Estado e da União.

Tendo sido approvada em sessão de 6 de Novembro de 1898 a deliberação da meza, de fazer aquisição do predio n. 13 sito a Praça *15 de Novembro* (antigo Terreiro), pertencente ao sr. Visconde de Guahy, foi a compra realizada por escriptura publica de 8 de Novembro de 1898, pela quantia de 38:000\$000, sendo o thesoureiro autorizado a gastar o fundo de reserva na importancia de 10:000\$000 e a levantar a quantia restante no Banco Auxiliar das Classes, mediante hypotheca do mesmo predio.

As obras de adaptação começaram em Abril do anno passado, confiadas ao zelo e administração do nosso incançavel e honrado thesoureiro, capitão Francisco G. Ferreira Braga; taes foram, porém, os obstaculos que se antolharam desde então, e as modificações por que teve de passar o edificio, que no dia de hoje apenas é inaugurado o salão nobre das sessões. (*)

O novo edificio está situado na praça *15 de Novembro* (Terreiro de Jesus), esquina da rua *7 de Novembro* (antiga da Oração).

A fachada do predio contendo 5 janellas de frente, é pintada a verde-mar e illuminada a gaz carbonico, com uma bella platibanda artistica, trabalho do industrial Francisco Ferraro, tendo no centro um escudo com a divisa *arbi et orbi*, sobre o qual está collocado um globo terraqueo.

Neste frontespicio está engastada uma comprida pedra marmore, tendo insculpidas em letras azues o nome—*Instituto Geographico e Historico da Bahia*.

No pavimento inferior, entrada vasta no centro do predio, tendo em frente bella escada de volta para o primeiro andar.

A' esquerda vasto salão ladrilhado, tendo duas janellas

Do balancete apresentado em Fevereiro do corrente anno, na fôrma dos Estatutos, consta que a receita no exercicio de 1899 importou em 25.366\$000 e a despesa em 26.389\$000, tendo-se despendido com as obras do predio até 31 de Dezembro ultimo a quantia de 13.399\$900.

Até agora se achava a nossa instituição em estado embryonario, os seus objectos historicos e curiosos, o seu museu, as suas collecções, a sua bibliotheca se viam accumulados em uma sala acanhada, sem ser possivel catalogar, estudar e ordenar.

Temos agora um espaçoso edificio, onde será depositado em variadas secções tudo que completa actualmente o nosso patrimonio.

Faz-se preciso, portanto, muito trabalho por parte dos illustres consocios para a installação das preciosidades que já possuimos.

As commissões que não têm podido dar conta da funcção que lhes é confiada, devem estar a postos

de frente e sete de lado, onde funcçãoa a bibliotheca, destacando-se um grande arco abatido; á direita sala para a secretaria com duas janellas de frente, o archivo, e outros compartimentos.

No pavimento superior está collocado o salão nobre destinado ás sessões e solemnidades do Instituto, que foi augmentado com um commodo lateral, cuja parede foi desmanchada, construindo-se em seu logar um grande arco com molduras; tem 5 janellas de frente e duas lateraes.

No lado esquerdo duas salas com 5 janellas para gallerias de retratos e mappas, museu e quatro gabinetes para objectos historicos.

O sotão está dividido em sete commodos, inclusive tres espaçosas salas cercadas de janellas, destinadas para o archivo de jornaes, brochuras e moveis antigos.

Um pateo interno facilita a communicação de todos os compartimentos por meio de bem lançadas escadas.

A pintura do edificio foi confiada ao artista Jacob José dos Santos, e executada sob as vistas do distincto pintor e professor Lopes Rodrigues, nosso consocio.

A entrada é de estylo moderno-phantasia.

O salão nobre é pintado a oleo e no estylo Luiz XV.

Os demais, compartimentos têm pintura diversa e de gosto moderno.

afim de que possamos organizar o nosso Instituto, na altura de ser equiparado aos seus congeneres.

Toda a dedicação, todo o devotamento dos socios agora, mais do que nunca, é uma necessidade: do que contribuir cada um na medida de suas forças depende a nossa prosperidade e o nosso futuro.

Não nos descuremos; trabalhemos todos em esforço commum, que a nossa missão será cumprida e realisaremos todos os nossos intentos.

O mais difficil está concluido.

E quando a Meza sentir-se desfallecida, apontará para este edificio, como o maior serviço que ella poderia ter prestado ao Instituto.

DISCURSO

DO

Cons. Filinto Bastos

ORADOR DO INSTITUTO

Exmas. Senhoras:

Exm. Sr. Governador, presidente da sessão:

Meus Senhores:

Ao Instituto Geographico e Historico da Bahia corria o dever de incumbir-se da parte mais notavel da commemoração litteraria do quarto centenario do descobrimento do Brazil; ora, acontece que só nos ultimos dias foi communicado ao substituto do orador desta casa, quando impossivel era dar satisfação plena ao disposto em nossos estatutos, que a este festival faltaria o verbo ataviado e brilhante do seu orador eleito, e que mister se tornava, entretanto, não ficar vazia esta tribuna hoje, dia duplamente memoravel pela data que solemnisa e pela inauguração do edificio da nossa sociedade. *Habent sua fata libelli!*

Por um lance malevolo da caprichosa fortuna foi tambem recusado ao primeiro presidente do Instituto, e um dos seus mais esforçados fundadores, o Dr. Tranquillino Leovigildo Torres, presenciar este espectaculo, attestado incontestavel do progresso e da perseverança desta associação.

A memória dos consócios falecidos nestes ultimos doze mezes deviam ser hoje dedicadas palavras de saudade, gratidão e respeito, communicando-se os que ainda estão a labutar entre as desillusões da vida com aquelles que avistaram já a luz da verdade, tendo transposto os amares sepulchraese em busca do bem eterno. Devia este discurso lembrar as virtudes e os altos feitos dos que prestaram a este *Instituto* o prestigio dos seus nomes e o concurso de seus trabalhos, dedicando-se ao engrandecimento da nossa sociedade. Mas, além de escassos terem sido os subsidios que a angustia do tempo nos permittiu para uma condigna commemoração, a inadiavel celebração festiva de 3 de Maio de 1900 impõe que, em outra occasião, que se depare opportuna, seja cumprido o disposto em nossos estatutos, no tocante ao elogio funebre dos nossos finados consócios. Por tardia, não perderá em brilho e magnificencia similhante commemoração; as flores da eloquencia e as galas da erudição do nosso orador hão de dar-lhe excepcional realce.

Quem descobriu o Brasil?

Que data deve ser assignalada a tão notavel descobrimento, merecendo as honras de uma festa centenaria?

Se á primeira interrogativa difficil, senão impossivel, é segura a resposta, não nos parece que em relação á segunda o mesmo aconteça; pois, um facto ha geralmente acceito como o unico que, sob o ponto de vista sociologico, se adapta á nossa historia, auctorisando-nos a realizar uma grande solempnidade.

Teriam aportado ao Brasil, antes de *Pedro*

de Labatut foram trasladados para Pirajá, como elle proprio pedira, *afim de fazer companhia aos seus irmãos de armas.*

—Em 1893, declararam-se em *grève* os trabalhadores da estrada de ferro *Central da Bahia.*

Tendo o respectivo superintendente augmentado 300 réis diarios ao salario, de cada trabalhador, a *grève* cessou logo.

Não foi ella, porém, a primeira nem a ultima *parede*, occorrida nessa empreza. Em Fevereiro de 1900, por exemplo, uma outra se manifestou com character muito mais serio, conseguindo, então, alguns operarios das respectivas officinas, não só que fossem elevados os seus vencimentos, mas tambem que a todos fosse dada passagem gratuita pela ponte de ferro *Pedro II.*

—Ainda em 1893, falleceu na cidade da Bahia, depois de longo padecimento, o negociante portuguez Domingos Gonçalves de Oliveira, que aqui fôra estabelecido por muitos annos e conseguiu fazer fortuna.

6 de Setembro

—Em 1822, foi substituida a *Commissão* encarregada de administrar a *Caixa Militar* installada nesta cidade, então villa, pelo *Conselho interino de governo da provincia da Bahia*, que encetou seus trabalhos, funcionando no salão do hospital de S. João de Deus, convertido annos depois em Sancta Casa de Misericordia.

A idéa da creação do *Conselho* partiu principalmente de cidadãos notaveis de S. Francisco e Sancto Amaro, cujas camaras aliás tinham já representado sobre a conveniencia de se estabelecer em todas as villas da provincia commissões de administração da *Caixa Militar*, *ad instar* do que se praticara aqui.

Aventando similhante idéa, seus benemeritos iniciadores propuzeram—que o *Conselho de governo* se compuzesse de representantes das differentes villas, devendo cada uma dellas eleger o seu.

Assim se fez, sobretudo por ter sido reconhecida a necessidade de constituir um centro forte de acção, desde que o Governo provisório da capital estava sem autoridade alguma, e não podia portanto valer á revolução.

Foi a esse Governo, entretanto, que José Bonifácio se dirigiu, por intermédio do major Montaury, prevenindo os patriotas de que *em seu apoio e para collaborar com elles pela causa proclamada estava a expedir-se do Rio forças de mar e terra.*

Serviu por consequencia, a Cachoeira de *villa capital*, onde se reuniram as forças que vinham de todos os pontos da provincia combater pela liberdade da patria.

Entre outras, a portaria de 8 de Abril de 1823 confere a esta nossa terra aquella honrosa graduação.

Pelo citado Conselho foram nomeados: capitão do porto, interinamente, o official de marinha Antonio João Pereira; cirurgião-mór do exercito—José Maria Cambuy do Valle; commissario assistente da thezouraria geral das tropas—Manuel Maria Alves Amaral; commandante militar da Cachoeira—o coronel Bento de Araujo Lopes Villasboas, que morreu Barão de Maragogipe; sub-inspector do exercito e ajudante de ordens do general em chefe—o tenente-coronel Antonio Maria da Silva Torres.

—Em 1892, falleceu com a idade de 72 annos o ex-negociante Candido Rodrigues da Silva, que affirmava ter descoberto um novo e excellente processo de fabricar o rapé. Era natural desta cidade.

7 de Setembro

—Em 1847, foi inaugurada a iluminação publica desta cidade, com os classicos lampeões para azeite de baleia.

Serviu, como primeiro administrador do respectivo serviço, o cirurgião José Caetano Alvim, que passa por ter sido o nosso major Quaresma.

Dentre as muitas pêtas, com que costumava elle regalar os seus admiradores, aqui registrarei uma

só, mas bastante para se aquilatar a força do nosso heróe.

O *Dr. Alvim*, como era elle geralmente conhecido, contava—com uma seriedade de fakir—que tinha plantado no quintal de sua casa uma aboboreira, cujo crescimento deu logar a metter ella as ramas pela janella da cozinha a dentro.

Dos fructos, que pèndiam dessas ramas, diariamente se cortava o pedaço preciso para adubar a panella; e—circumstancia supinamente assombrosa—no dia seguinte os mesmos fructos amanheciam de novo inteiros, como si ninguem lhes houvera tocado!

Fale-se com franqueza: isso chega para immortalizar um homem . . .

—Em 1857, foi publicado o 1.^o numero de mais um periodico. Intitulava-se *Defensor Cachoeirano*, e era editado por Joaquim Tavares da Gama, que de alguns outros tinha sido já o responsavel legal, nesta mesma cidade.

—Em 1872, falleceu na cidade de Sancto Amaro, deste Estado então provincia, e onde era escrivão dos orphãos, o nosso conterraneo Egas José Guedes, com idade superior a 50 annos.

—Em 1873, foi inaugurada, nesta cidade, uma linha de *bonds*, por tracção animada. Bem poucos annos durou, naturalmente pelo pequeno lucro que deixava.

Com as carruagens o mesmo se tem dado, pois ellas ora se ostentam por cá, ora se somem daqui; sem que ao certo se saiba o motivo de taes mutações.

A ultima carruagem que rodou pelas ruas desta cidade, sem contar as que servem nas festas do Carnaval, foi vendida para a cidade da Bahia em 1892.

—Em 1890, depois de benzidos com todas as solemnidades do ritual romano, o cemiterio e a capella respectiva, pertencentes á irmandade da Misericordia, desta cidade, o vigario Heraclio Mendes da Costa celebrou, pela primeira e unica vez, em o novo santuario.

Única vez, porque mais nunca o dito sacerdote disse, nem consentiu que outro padre dissesse, missa ali, sob pretexto de não se lhe pedir guia para os enterramentos.

Não obstante, o mesmo parochio acompanha os corpos que têm de ser inhumados naquelle cemiterio, não se recusando mesmo a encommendar-os dentro da capella condemnada.

O alvitre da irmandade, entretante, foi tomado por força da lei que separou do Estado a Egreja; e está, demais, em perfeito accordo com o que foi proposto pela congregação dos Ritos, em 19 de Maio, e approvado pelo Papa, em 8 de Junho de 1896.

8 de Setembro

—Em 1716, nasceu na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do termo, e ainda hoje da comarca desta cidade, o padre Miguel Luiz Teixeira, escriptor primoroso e orador sacro de primeira plana.

Foi vigario geral, e provisor, do bispado de Algarves.

—Em 1882, perante o Conselho interno do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, compareceram a camara municipal, as autoridades ecclesiasticas, civis e militares; e todas, pondo a mão direita sobre os Sanctos Evangelhos, juraram obediencia á sua alteza real o regente constitucional do Brazil, e seu protector e defensor perpetuo; fidelidade á causa do Brazil; e obediencia tambem ao Conselho de governo da Bahia.

Cento e setenta e quatro cidadãos assignaram a acta, que por essa occasião se lavrou.

—Em 1839, chegaram os capuchinhos Fr. Ambrosio de Rocca e Fr. Candido de Toggia, para abrir aqui os exercicios da *Sancta missão*.

Chismaram elles 1.804 pessoas e conseguiram que se effectuassem 55 casamentos.

Os dois missionarios percorreram, depois, todas as freguezias visinhas, no exercicio do seu ministe-

rio, colhendo a religião e a moral resultados preciosos d'essa villegiatura apostolica.

Foi em 1858 que houve nesta cidade a derradeira *Missão*, tendo então prégado os padres lazaristas.

—Em 1866, finou-se o Dr. Joaquim Gregorio de Souza, desde muitos annos promotor publico da comarca desta cidade.*

Além de ser um homem de talento, o Dr. Gregorio possuia o dom maravilhoso de se fazer comprehender por todos os jurados, ainda os mais ignorantes, de que aliás outr'ora o numero era crescido. Servia-se para isto de linguagem chan, que ás vezes tornava-se vulgar de mais.

—Em 1891, falleceu no districto da Conceição da Feira, do municipio desta cidade, o estimado cidadão Marcellino Pereira Mascarenhas, agricultor muito conhecido e membro de uma das mais antigas familias do lugar.

Era maior de 70 annos.

9 de Setembro

—Em 1713, o senado da camara desta cidade, então villa, determinou—que ninguem salgasse peixe com *sal da terra*, mas exclusivamente o fizesse com o que era importado de Portugal; salvo, não havendo deste á venda.

A pena, imposta aos contraventores desta postura, era de 30 dias de prisão e multa de 1\$000 ainda em cima.

Assim, protegia a metropole a industria. . . nacional.

—Em 1869, succumbiu nesta cidade, victimado por uma apoplexia fulminante, o tenente-coronel José Antonio de Araujo Lima.

O finado fôra, durante muitos annos, negociante de fumos; e havia exercido varios cargos publicos, entre os quaes o de vereador da camara municipal e o de commandante de um batalhão de guardas nacionaes.

Tinha perto de 60 annos de idade, e era muito estimavel por seu genio prestimoso.

164

10 de Setembro

—Em 1847, chegou ao porto desta cidade uma canôa que, tendo partido da povoação da Passagem, perto do Andarahy, nas Lavras Diamantinas, des-cera pelo Paraguassú, cuja navegabilidade da cachoeira para cima se procurou d'est'arte estudar.

Depois de pequena demora, a canôa voltou com um carregamento de seccos e molhados; mas teve que vencer sérias dificuldades para subir os trechos encachoeirados do rio.

Em 1860, quando uma secca tremenda devastou todo o sertão deste Estado, veio da povoação de João Amaro outra canôa buscar mantimentos a esta cidade.

Os ensaios, assim tentados, não deram bom resultado; do que proveio a idéa de se construir a estrada de ferro *Central da Bahia*, que já presta áquella zona bem bons serviços e os pode prestar maiores ainda.

—Em 1855, falleceu na cidade da Bahia, victimado pelo *cholera-morbus* epidemico o brigadeiro Rodrigo Antonio Falcão Brandão, proprietario de engenhos de assucar e residente no districto de Iguapec, do municipio desta cidade.

Fôra—por muitos annos—commandante superior da guarda nacional, e o Governo para reformal-o neste posto, cedendo á exigencias partidarias, o agraciou com o titulo de Barão de Belém, a que aliás o esforçado bahiano nenhuma importancia deu.

Cavalheiro, de muito valor, e francamente popular, o brigadeiro Rodrigo Brandão encheu uma grande lista com os serviços, que soube prestar á patria. Seu nome impõe-se ao reconhecimento dos posteros, pelas fulgurações que deixou na historia nacional.

Assim foi que elle emergiu, sempre victorioso, das lutas da independencia e dos combates pela legalidade, como attesta a sua brilhante fé de officio. Nas revoluções, conhecidas na Historia, pelos nomes de *Sabinada* e *Federação dos Guanabes*, Rodrigo Brandão salientou-se por serviços memoraveis.

Um soldado tão bravo, que era ao mesmo tempo um homem de espirito fino, se deixou no entanto impressionar de tal maneira pela invasão do *cholera-morbus*, ao ponto de se poder assegurar que morreu fulminado pelo terror, que a epidemia lhe causara.

A Cachoeira bem avaliou a perda, que soffria com o desapparecimento do prestimoso cidadão.

O brigadeiro Rodrigo, além do mais, recommendava-se por seu genio alegre e galhofeiro.

Conta-se d'elle—que tendo certo dia recrutado e prendido muitas pessoas, as foi pondo em liberdade, á medida que por qualquer dellas intercedia alguem. Com tamanha condescendencia, no entanto, o fez, que dentro de poucas horas apenas um homem restava no calabouço!

O brigadeiro mandou vir á sua presença esse infeliz, a quem fallou mais ou menos assim: *Va-se embora tambem V. pois não me serve, por ser tão desgraçado, que não encontrou em toda esta cidade quem me pedisse por si!*

De outra feita, por occasião de uma batalha eleitoral muito renhida, o brigadeiro, que abominava a politica, resolveu fazer a custa desta uma troça monumental.

E, assim, á proporção que cada um dos candidatos lhe solicitava o voto, escrevia elle o respectivo nome em uma folha de papel. E foi esta exactamente a chapa, que o brigadeiro metteu na urna no dia da eleição. Levava, porém, ella 60 nomes, em vez de 36.

Na conformidade da lei, a Meza do collegio apenas apurou os 36 primeiros nomes da cedula, ficando consequentemente prejudicados os outros.

Em todo o caso, o brigadeiro affirmava aos candidatos ter cumprido seus compromissos todos, não sendo culpado de haver a dicta Meza dado preferencias, cuja razão elle não podia apprehender. De sua parte, tinha havido a maior justiça e lealdade. Des-le que todos os candidatos eram dignos e merecedores do seu voto, os fôra attendendo na ordem chronologica dos pedidos feitos. O mais corria por conta da lei.

A tradição reza—que os candidatos *manquês* tiveram de embuchar. . .

—Em 1893, as autoridades locais iniciaram medidas rigorosas para impedir a circulação ilegal de *coales*, que inundavam toda a cidade.

Havia-os desde 100 réis até 10\$000 e só depois de uma luta de anno, ou mais, conseguiu-se acabar com o abuso, que fôra aliás introduzido a pretexto da escassez de moeda divisionaria.

—Em 1893 também, falleceu no districto da Conceição da Feira, do município e comarca desta cidade, o capitão Joaquim Ferreira Mascarenhas, lavrador estimado e membro de familia numerosa e conhecida.

Contava 89 annos de idade.

11 de Setembro

—Em 1823, o tenente-coronel Manuel Borburema, cumprindo a ordem constante da portaria de 3, entregou preso o general P. Labatut ao coronel Joaquim Francisco das Chagas Catête, que o conduziu, acompanhado sómente pelo ajudante Antonio Victorino da Silva Guimarães.

—Em 1864, finou-se o Dr. Ricardo Pinheiro de Vasconcellos, que era então juiz de direito.

Tinha sido, em tempo, juiz dos orphãos no termo desta cidade.

12 de Setembro

—Em 1705, attendendo ás difficuldades do tempo, o Governador offereceu aos creadores do termo desta cidade, então villa, o preço de 400 réis por arroba (15 kilos) de carne de vacca, porque muito se carecia della para abastecer a frota real, que se achava no porto da Bahia, mas precisava partir para a India.

Em 1719, ainda vigorava esse preço da carne verde, aqui.

—Em 1726, o vice-rei mandou recolher á cadeia o cabo de esquadra Silvestre de Souza Marques, por

pandindo-se na suavidade e na opulencia do idioma;—na fina e bem combinada contextura das leis para a energia das instituições do Direito:—na brandura dos costumes, para a qual muito concorreu a religião de Christo;—na coragem em frente ás adversidades, e até numa certa confiança inexplicavel no *imprevisto*— cujas mãos tomam ás vezes os destinos das nações, norteando-as a seu bel-prazer, e impellindo-as para rumos, até à vespera, nem de leve entresonhados.

E tudo isto se liga intimamente á gloriosa data que hoje festejamos, prendendo-se no ultimo anno do seculo XIX as acclamações do Brasil culto e independente, áquelles que os selvagens tupi-niquins, ao expirar o seculo XV, faziam aos navios da afortunada expedição de *Pedro Alcares Cabral*.

Um ardente patriota e inspirado vate lusitano, descrevendo os ultimos momentos de Affonso de Albuquerque, põe nos labios já resfriados do heroe as seguintes palavras:

“E se avistardes um dia
a D. Manoel—o Feliz—,
dizei-lhe que na agonia
Albuquerque o não maldiz.”

Era o esquecimento, o abandono do servidor leal nos transe derradeiros, que fazia o grande heroe enviar palavras de perdão ao monarcha que lhe olvidara os serviços. O capitão lusitano, o grande navegador a quem cabe os louros do descobrimento do Brasil, pois foi quem o apresentou á historia e lhe deu o baptismo da christandade, dos parâmos eternos, aonde nos contempla, não nos poderá dirigir phrases que envolvam perdão ou tristezas; o Brasil, quatro seculos depois de sua descoberta, reverente se mostra

e agradecido, bendizendo a memoria da briosa e feliz expedição portuguezá que, em 9 de Março de 1500, partindo do Tejo, foi pela Providencia impellida a estas plagas.

A Republica brasileira e o Reino portuguez, bandeiras desfraldadas aos quatro ventos, aproximam-se do tumulo modesto e glorioso do descobridor do Brasil, proclamando á face do universo, sua benemerencia, sua immortalidade, resgatando assim uma divida imposta pela historia —oraculo indefectivel da humanidade—á gratidão nacional. (*Applausos geraes*).

DISCURSO

DO SR.

DAMASCENO VIEIRA

Sr. Presidente:

Srs. Consocios:

Meus Senhores:

Lembrar a data do Descobrimento do Brasil é remontar o espirito á missão excepcional que nos seculos XV e XVI desempenharam os portuguezes perante a historia, conseguindo, por meio de extraordinarias e gigantescas expedições, dar á humanidade a posse completa de nosso planeta.

A escola naval de Sagres, collocada na extremidade do Cabo de S. Vicente, foi o ponto de partida dos descobrimentos marítimos com que um pequeno paiz, de modestas proporções territoriaes, ampliou as cartas geographicas daquelle tempo e pelo arrojo de seus feitos, assombrou o mundo, impondo-se aos applausos da posteridade.

Creando a escola de Sagres, D. Henrique, illustre filho de D. João I, identificado com a Renascença que se operava em todos os departamentos do saber humano, tomou a si o alto empenho de, atravez dos perigos inventados pelas

lendas, proceder a explorações minuciosas em toda a costa occidental d'Africa.

O cabo denominado *Não*, situado na extremidade da cadeia do Atlas, era o phantasma que se erguia, como petrificadora cabeça de gorgona, deante dos nautas que pretendiam desvendar a parte maritima do continente negro.

Quem ousava ultrapassar a barreira fatidica?

Corriam na voz popular affirmações temerosas. Dizia-se que nos tropicos, na zona cortada a meio pelo circulo do Equador, existia paragem que, por sua elevadissima temperatura, tornava materialmente impossivel a existencia humana.

A zona torrida ardia em flammæ, erguendo nuvens de fumo sobre o dorso encapellado do Atlantico, e estendendo sobre o immenso areal da Africa suffocante lençol de reverberações ardentes. Povoava-se o mar de monstros formidaveis, que interceptavam a passagem dos navegantes. Verde-negras ondas, fustigadas pelo latego das tempestades tremendas, iam, ululantes como leras, arrojar-se de encontro à prôa das náos atrevidas, que commettiam a temeridade de pretender perscrutar os pavorosos arcanos do *Mar Tenebroso*.

Era esta a visão espectral patenteada aos olhos dos navegadores, visão a que o povo imprimia exaggeradas formas, com as ficções da mythologia grega!

Só um espirito superior, completamente liberto de prejuizos e de temores supersticiosos, sentiu-se apparelhado de força herculea para offerecer combate ao oceano e, após renhidas pugnas, subjugal-o e vencel-o sob a quilha das náos.

O genio comprehendedor de D. Henrique, à semelhança de pharol altissimo que de Sagres irrompesse o espaço, desfez em jorros de luz as sombras em que mysteriosamente se envolvia o Atlantico.

Congregando n'aquella escola os mais illustres pilotos europeus, dentre os quaes devia immortalisar-se Christovão Colombo; compulsando escriptores antigos, como Strabo e Ptolomeu, e modernos, como Marco Polo e Averrhôes; mandando construir embarcações capazes de arrostar perigosas travessias; offerecendo recompensas honrosas aos mais afoutos de seus marinheiros, o príncipe conseguiu que fosse abraçada com entusiasmo a grandeza de seu plano.

Sob o prestigioso influxo de sua iniciativa, um moço fidalgo de sua casa, Gil Eannes, possuido de coragem heroica, fez-se ao mar em 1434; conseguiu dobrar o lendario cabo *Não* e em seguida o *Bojador*.

De volta, offerece ao príncipe rosas colhidas a muitas leguas ao sul do segundo cabo: em retribuição a essas flores, que representam os louros da primeira conquista, D. Henrique, irradiante de gloria, premeia a dedicação e o valor de Gil Eannes fazendo-o cavalheiro da ordem de Christo.

Quebrado o encanto do tenebroso mar, succedem-se as expedições com tenacidade patriotica.

Todo o seculo XV é occupado em descobrir archipelagos, bahias e rios do grande territorio, que até então jazia impenetravel à investigação européa.

Dentre os bravos navegantes, destacam-se dois vultos notaveis: Bartholomeu Dias, o intrepido triumphador do Cabo Tormentoso, e Vasco da Gama, o almirante egregio que, atravez de innumeros perigos, conseguiu aportar ás Indias—façanha que, por sua relevancia, mereceu perpetuar-se nas fulgurantes paginas da mais gloriosa epopéa dos modernos tempos. Em nenhum poema, senhores, vibrou ainda, mais communicativo e mais forte, o amor da patria!

Tão grande como Homero a cantar a bravura dos heróis que combateram deante dos muros de Troia; tão majestoso como Virgilio a memorar as extraordinarias aventuras de Enéas; tão sublime como Dante a crear imponente galeria de personagens que povoam inferno, purgatorio e paraíso, — Luiz de Camões fez de sua patria um idolo portentoso, que foi collocar sobre o altar dessa cathedra sumptuosa que intitolou *Os Lusíadas*!

Para consolidar o dominio portuguez n'Asia e estabelecer ali fortes relações commerciaes, D. Manoel fez apparelhar grande esquadra, que, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, deixou a barra de Lisboa a 9 de Março de 1500.

Guiado por instrucções que recebera de Vasco da Gama, o almirante, ao chegar ás ilhas de Cabo Verde, tomou o rumo de oeste, para evitar as calmarias da costa e melhor contornar o cabo da Boa Esperança. A frota foi então arrastada pela corrente oceanica ou pelagica — phenomeno desz conhecido n'aquella época — e dentro de um me-atravessou o Atlantico.

A 21 de Abril começam os navegantes a encontrar signaes de terra proxima — plantas desprendidas do continente e corvos marinhos, semelhantes a gaivotas, cujo bater de azas parece dirigir-lhes saudações pela boa vinda e convidal-os alegremente a visitar a nova terra.

No dia 22 de Abril de 1500 avistam os expedicionarios um monte alto e redondo, que o chefe denomina *Paschoal*, por se acharem no oitavario da Paschoa; à terra dá elle o nome de *Vera-Cruz*. Porque, senhores? A historia é omissa n'esta particularidade.

Não o explica a monumental carta do escrivão Pero Vaz de Caminha, nem a do *Piloto Por-*

tuquez, nem a do physico e cirurgião-mór d'el-rei, bacharel mestre João Emenelão. Quero, porém, persuadir-me de que Cabral adoptara o nome de *Vera-Cruz* porque na noite da vespera do descobrimento contemplára no céu original disposição de estrellas em fôrma de uma cruz.

Cruz real e não imaginaria como aquella que em sonho appareceu ao rei D. Affonso Henrique e decidiu da sorte de uma batalha! Cruz verdadeira, vera-cruz, inapagavel, indestructivel, eterna, a fulgurar como enormes diamantes atravez da noite de todos os tempos! (*Applausos*).

Lembrando a data e o imprevisto acontecimento que attrahiu para o gremio da civilisação extensissima região povoada por tribus selvagens, um brado de reconhecimento se levanta por parte da geração hodierna:

—Salve, terra grandiosa e hospitaleira, que ha quatro seculos acolheste os navegantes europeus com festas e danças, com todas as expansões de alegria que irrompem de corações generosos!

A franqueza e illimitada confiança que revelaram os teus indios *Tupiniquins*, a ponto de conduzirem os hospedes ás suas proprias cabanas, cumulando-os de presentes, são os mesmos sentimentos que te ennobrecem, ó espartana Bahia, prestigiando-te aos olhos de quantos procuram refrigerio á sombra de tuas arvores seculares e estudo no seio de tuas instituições litterarias e scientificas!

Escolhestes, illustres consocios, o dia 3 de Maio para inaugurardes o edificio do *Instituto Geographico e Historico da Bahia*. A que factos interessantes prende-se a faustosa data! 3 de Maio, equivalente pela reforma do calendario Juliano, a 22 de Abril! 3 de Maio, dia memoravel, em que a civilisação, tripulando uma armada de 12 navios,

veiu do oriente para occidente, acompanhando a marcha apparente do sol, trazer a esta região a suavidade dos costumes e os salutareos influxos da fé, symbolisada por essa cruz, deante da qual officiou frei Henrique de Coimbra, sob o sussurro mysterioso das ondas, a cobrir de rendas espumantes os recifes da bahia Cabralia! (*Applausos*)

Dia que assignalou á humanidade agigantado passo no caminho do progresso, porque abriu a Portugal amplos horisontes a seus dominios; porque d'esse momento em deante foram lançados n'esta terra os germens da liberdade—arvore colossal que alastrou por todo o paiz as raizes vigorosas e ergueu para o céu, como herculeos braços, os ramos exuberantes de seiva e opulentos de fructos!

Liberdade de commercio para com todas as nações, arrancada pelo illustre bahiano Visconde de Cayrá á indecisão de D. João VI!

Liberdade dos filhos de mulher escrava, proclamada por outro bahiano benemerito, o Visconde do Rio Branco! Liberdade total e incondicional dos captivos, imposta pela vontade do povo á sancção imperial! Liberdade, finalmente, na fôrma de governo, ambicionada por todos os espiritos cultos, e traduzida em facto pela bravura e pelo patriotismo de um militar! (*Applausos.*)

3 de Maio! dia de acatada memoria para todos os bahianos que cultivam ou prezam letras!

Ha 44 annos, senhores, um grupo de homens illustrados, vinculados pelo mesmo pensamento e pelo mesmo sentir, lançou as bases de um *Instituto Historico Provincial*, destinado a colligir, archivar e publicar tudo quanto de precioso existe disseminado pelas bibliothecas e pelos archivos d'esta grande capital — documentos de valor inestimavel que convém libertar dos

estragos do tempo e da obscuridade em que jazem, para serem expostos á luz da imprensa como subsidios á historia da Bahia e fortes elementos de estudos á historia patria.

Recordar os nomes d'esse pugilo de patriotas, é dever e homenagem da geração contemporanea e especialmente do actual *Instituto* que, nos 6 annos que hoje conta de existencia, ampliou, de modo admiravel, a idéa de seu venerando antecessor.

Citemos, senhores, como assistentes a esta festa da intelligencia, seis vultos apenas, como representantes da illustre corporação que findou, sem nos legar vestigios de sua passagem, á semelhança de formosa galera, que, assaltada por irresistivel cyclone, sossobrou em alto mar, arrasando ao abysmo os tripolantes e todos os thesouros accumulados durante annos de porfiadas luctas!

Passam deante de nós augustas sombras circumdadas da aureola de luz que se desprende de seus trabalhos litterarios: é o illustrado arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Santa Cruz, uma das mais altas capacidades do clero brasileiro, personalidade que em seus sermões nos legou um monumento: é o Dr. Agrario de Souza Menezes, poeta e dramaturgo a quem a Bahia coroou em scena, como preito ao seu talento extraordinario; é o Dr. Abilio Cesar Borges, o educacionista incansavel, o escriptor didactico que mais livros espalhou gratuitamente por todas as escolas publicas de nosso paiz, como enxames de passaros a cantar aos ouvidos das creanças hymnos ao progresso da instrucção popular: é José Pedro Xavier Pinheiro, o arrojado poeta que sentiu-se com força para interpretar o divino Dante e traduziu para a lingua vernacula as pavorosas

scenas do *Inferno*, as depurações redemptoras do *Purgatorio* e a glorificação de Beatriz no *Paraíso*; é o Conselheiro Dr. Jonathas Abbot, um dos maiores anatomistas que têm honrado os amphitheatros brasileiros e a quem a illustrada Faculdade de Medicina da Bahia honrou, dando ao gabinete de anatomia o título de *Gabinete Abbot*; é finalmente o beneditino illustrado, o coração magnanimo que em occasião do perigo abandonou a sua cella de estudos para ir aos inhospitos campos do Paraguay levar os confortos da religião aos heroes feridos em combates: é o orador que subiu, nas azas da eloquencia ás regiões do pathetico, quando no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, fez o elogio da bravura do coronel Fernando Machado, morto em combate; é o monge, cuja facundia attingiu ao sublime, quando rendeu tributo á memoria de D. Romualdo; é, enfim, aquelle de vossos consocios que, ao inaugurar-se este *Instituto* em Maio de 1894, suggeriu a idéa de ser esta associação considerada brilhante prolongamento do *Instituto Historico Provincial*, para que uma e outra idéa, nascidas no mesmo solo bahiano, abraçadas passassem á posteridade. Sabeis, senhores, que faço respeitosa referencia á sombra gloriosa que teve entre nós o nome de Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha! (*Applausos*).

O que estes homens de reconhecido merito não puderam conseguir, pelas circumstancias precarias que atravessaram, vós o realisastes, illustres consocios, obtendo por compra este predio que dará ao *Instituto* a duração que lhe é propria—a duração do monumento!

Venho cumprir o dever de saudar-vos, com toda a abundancia de meu patriotismo, n'esta occasião em que commemoraes litterariamente o 4.^o centenario do descobrimento do Brazil, o

6º anniversario da installação do *Instituto Geographico e Historico da Bahia* e a inauguração d'este edificio, que representa mais uma corôa de victoria a enaltecer os gloriosos trophéos da *Prinzeza das Montanhas*!

Agora, que a vossa idéa adquiriu fôrma, capaz de atravessar seculos, que esplendidos horisontes se não vão abrir aos vossos estudos e ao vosso amor pela diffusão de conhecimentos historicos!

A' semelhança dos antigos templos do Egypto e da Grecia, cujas portas enfrentavam o sol, para que a luz os revestisse de maior solemnidade, este bello edificio—templo de Minerva sapiente—recebe em cheio os raios solares, e o astro-rei, como um Deus fecundo, fonte de calor e de vida, inundando-o de pulverisações de ouro, ha de incutir enthusiasmo no coração dos devotados levitas, fazendo-lhes desabrochar do cerebro flores litterarias, como aquelles mimos de vegetação que a natureza esparge pelos campos em dias de primavera! (*Applausos*).

Proseguí, confiantes no futuro, esforçados consocios que ha seis annos propagaes nas paginas da *Revista do Instituto* variados e bellos estudos sobre historia patria e especialmente sobre a historia d'esta grande terra—primeiro scenario em que os portuguezes representaram imponente papel no drama historico da civilisação occidental; primeira cidade que, por seu adeantamento, mereceu a honra de ver-se constituída séde dos governadores geraes!

Como homem de letras e como membro do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, associação que conta 62 annos de benemerita existencia, eu dirijo fervorosos incitamentos ao vosso progresso!

Salve! pelo que no passado fizeram os illustres ba-ianos, vossos predecessores!

Salve! pela victoria que conquistastes no presente, impondo o vosso edificio ao apreço e à admiração de todos os espiritos elevados!

Salve! pelas glorias que ides alcançar no porvir, fazendo d'esta instituição mais um fóco de luz a illuminar a estrada por onde a Republica Brasileira terá de caminhar, coberta de nossas bênçãos e festejada pelos applausos triumphaes de nossos filhos! (*Prolongada salva de palmas*).



EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

SETEMBRO.

1º de Setembro

—Em 1817, o rei de Portugal, nosso soberano então, mandou que o Conde de Arcos lhe informasse —*qual o verdadeiro rendimento do officio de thesoureiro dos defuntos e ausentes*, nesta cidade, que ao tempo era villa.

Parece que a maquia valia a pena, e tinha enchido os olhos aos gananciosos da época . . .

—Em 1826, foi descoberta, e cercada pela policia, uma fabrica de moeda falsa de cobre, vulgarmente conhecida por *chenchen*, que funcionava no engenho Paty, da freguezia do Oiteiro-Redondo, então do termo e comarca desta cidade.

A força, encarregada da diligencia, que foi corôada do melhor exito, marchou sob o commando do tenente Theodorico das Virgens, official do batalhão da Torre de Garcia d'Avila.

Vieram presos—Domingos Fernandes, ferreiro, Carlos José Coelho, Sebastião Francisco Souto Guerra, e mais alguns outros, que trabalhavam na mencionada fabrica.

—Em 1871, falleceu, contando 90 annos de idade, o padre Manuel Teixeira, que primeiro se chamara Manuel Teixeira de Sant'Anna.

Fôra zeloso vereador da camara municipal, e na epidemia do *cholera-morbus* prestou serviços importantes á população flagellada.

Apezar de ser o vigario foraneo, e servir muitas vezes como encommendado na parochia de Nossa Senhora do Rosario, desta cidade, jámais conseguira ser collado nella; muito embora fosse este o seu sonho constante, e houvesse empregado para realisar-o o mais ingente esforço.

Caprichos do destino!

2 de Setembro

—Em 1825, foi publicado este decreto, que é dos mais curiosos com certeza:

«Não se verificando nesta côrte (Rio de Janeiro) os motivos que na de Lisboa fizeram necessario o alvará de 2 de Abril de 1762, pelo qual se determinou que nenhuma pessoa, de qualquer condição que fosse, pudesse andar uma legua della em carruagem de mais de duas bestas:

Hei por bem ordenar—que, sem embargo do dicto alvará, ou de outra qualquer ordem em contrario, todas as pessoas que gozam do tratamento de excellencia possam nesta côrte andar em carruagem de quatro bestas.

Estevão Ribeiro de Rezende, do meu Conselho, ministro e secretario de Estado dos negocios do imperio, o tenha assim entendido, e faça executar. Paço, em 2 de Setembro de 1825, 4.^o da independencia e do Imperio.—Com a rubrica de S. M. o Imperador.
—*Estevão Ribeiro de Rezende.*»

Louvado seja Deus!

Para andar puxado a quatro bestas, nesta nossa terra, já foi preciso um decreto imperial, e se ter excellencia! O facto desafiou por aqui commentarios muito engraçados.

—Em 1897, se manifestou nesta cidade, então despercebida, o primeiro caso de variola, importada da capital do Estado, onde estava a peste dizimando a população.

Comquanto a municipalidade mandasse abrir um *lazareto* para tratamento dos doentes pobres, fizesse vir um medico e auxiliares da repartição de hygiene para o trabalho das desinfecções, e contribuisse efficazmente afim de que se procedesse á vaccinação e revaccinação em larga escala, ainda assim a epidemia se prolongou até ao mez de Julho do anno seguinte, victimando cerca de 200 pessoas.

3 de Setembro

—Em 1823, o Governo provisorio da Bahia deu ordem ao juiz de fóra da villa de Maragogipe, que depois fez parte da comarca desta cidade, para remetter preso até áquella capital o general P. Labatut, que se achava detido na cadeia da mesma villa, e devia ser apresentado no Rio de Janeiro.

—Em 1872, finou-se o cidadão Epiphanio José de Meirelles, com 35 annos de idade.

Tinha estudado humanidades, e cultivava com muito gosto a litteratura amena.

Esparsos por alguns jornaes e revistas, como o *Brazil Historico*, deixou elle composições ligeiras, que attestam aliás o seu amor ás lettras.

Em 1868, havia sido nomeado supplente do delegado de policia desta cidade.

—Em 1889, recebeu esta cidade a visita do senhor Conde d'Eu, consorte da princeza imperial senhora D. Izabel, herdeira presumptiva da corôa, quando a corôa era a instituição culminante neste paiz.

Teve acolhida cuidadosamente preparada pelo partido liberal, que então governava, e foi hospedado na mesma casa, que poucos mezes depois agasalhava o Dr. Manuel Victorino Pereira, primeiro governador do Estado Federado da Bahia, que faz parte da Republica Brasileira.

Coincidencia, digna de menção!

4 de Setembro

—Em 1700, o senado da camara desta cidade, então villa, se lembrou de fixar o preço da louça nacional, exposta á venda no mercado.

Por signal, que a um pote grande taxou-se o preço de 50 réis.

Hoje, dois seculos depois, um pote igual vale 640 réis.

5 de Setembro

—Em 1840, chegaram a esta cidade o principe de Joinville e muitas pessoas de sua comitiva, que a bordo do *Belle-Poule* e do *Favorite*, ancorados então no porto da Bahia, conduziam de Santa Helena para a França os ossos de Napoleão I.

Causou muita admiração—ver-se o Conde de Lascasas comer bananas com casca e tudo, ao jantar, no vapor que o trouxera até aqui. Mas, foi exactamente assim, que o illustre titular poudo demonstrar o apreço, que dera á saborosa fructa, tão rara então nas estufas europeas.

Aquelles dous vasos da marinha franceza, no dia 14, zarparam, seguindo de nossa capital para o seu destino.

—Em 1849, falleceu na cidade da Bahia o general P. Labatut, que prestara á causa de nossa independencia reaes e preciosissimos serviços.

Posto que algumas vezes houvesse aberto lucta com os patriotas que nesta cidade batalhavam pela mesma idéa, se deve em todo o caso confessar—que a morte do valoroso soldado cobriu de luto e dó todos os corações verdadeiramente bahianos.

Demais, essas desavenças, embora lamentaveis, provieram simplesmente de ciumes, occasionados pela primazia, que cada qual disputava no serviço da patria brasileira.

Sepultado na egreja da Piedade, depois de pomposos funeraes para que muito concorreu a sociedade *2 de Julho*, annos depois, em 1853, os ossos

de Labatut foram trasladados para Pirajá, como elle proprio pedira, *afim de fazer companhia aos seus irmãos de armas.*

—Em 1893, declararam-se em *grève* os trabalhadores da estrada de ferro *Central da Bahia.*

Tendo o respectivo superintendente augmentado 300 réis diários ao salario, de cada trabalhador, a *grève* cessou logo.

Não foi ella, porém, a primeira nem a ultima *parede*, occorrida nessa empreza. Em Fevereiro de 1900, por exemplo, uma outra se manifestou com caracter muito mais serio, conseguindo, então, alguns operarios das respectivas officinas, não só que fossem elevados os seus vencimentos, mas tambem que a todos fosse dada passagem gratuita pela ponte de ferro *Pedro II.*

—Ainda em 1893, falleceu na cidade da Bahia, depois de longo padecimento, o negociante portuguez Domingos Gonçalves de Oliveira, que aqui fóra estabelecido por muitos annos e conseguiu fazer fortuna.

6 de Setembro

—Em 1822, foi substituida a *Commissão* encarregada de administrar a *Caixa Militar* installada nesta cidade, então villa, pelo *Conselho interino de governo da provincia da Bahia*, que encetou seus trabalhos, funcionando no salão do hospital de S. João de Deus, convertido annos depois em Sancta Casa de Misericordia.

A idéa da criação do *Conselho* partiu principalmente de cidadãos notaveis de S. Francisco e Sancto Amaro, cujas camaras aliás tinham já representado sobre a conveniencia de se estabelecer em todas as villas da provincia commissões de administração da *Caixa Militar*, *ad instar* do que se praticara aqui.

Aventando similhante idéa, seus benemeritos iniciadores propuzeram—que o *Conselho de governo* se compuzesse de representantes das differentes villas, devendo cada uma dellas eleger o seu.

Assim se fez, sobretudo por ter sido reconhecida a necessidade de constituir um centro forte de acção, desde que o Governo provisório da capital estava sem autoridade alguma, e não podia portanto valer á revolução.

Foi a esse Governo, entretanto, que José Bonifácio se dirigiu, por intermédio do major Montauray, prevenindo os patriotas de que *em seu apoio e para collaborar com elles pela causa proclamada estava a expedir-se do Rio forças de mar e terra.*

Serviu por consequencia, a Cachoeira de *villa capital*, onde se reuniram as forças que vinham de todos os pontos da provincia combater pela liberdade da patria.

Entre outras, a portaria de 8 de Abril de 1823 confere a esta nossa terra aquella honrosa graduação.

Pelo citado Conselho foram nomeados: capitão do porto, interinamente, o official de marinha Antonio João Pereira; cirurgião-mór do exercito—José Maria Cambuy do Valle; commissario assistente da thezouraria geral das tropas — Manuel Maria Alves Amaral; commandante militar da Cachoeira—o coronel Bento de Araujo Lopes Villasboas, que morreu Barão de Maragogipe; sub-inspector do exercito e ajudante de ordens do general em chefe—o tenente-coronel Antonio Maria da Silva Torres.

—Em 1892, falleceu com a idade de 72 annos o ex-negociante Candido Rodrigues da Silva, que affirmava ter descoberto um novo e excellente processo de fabricar o rapé. Era natural desta cidade.

7 de Setembro

—Em 1847, foi inaugurada a iluminação publica desta cidade, com os classicos lampeões para azeite de baleia.

Serviu, como primeiro administrador do respectivo serviço, o cirurgião José Caetano Alvim, que passa por ter sido o nosso major Quaresma.

Dentre as muitas pétas, com que costumava elle regalar os seus admiradores, aqui registrarei uma

só, mas bastante para se aquilatar a força do nosso heróe.

O *Dr. Alcim*, como era elle geralmente conhecido, contava—com uma seriedade de fakir—que tinha plantado no quintal de sua casa uma aboboreira, cujo crescimento deu logar a metter ella as ramas pela janella da coziha a dentro.

Dos fructos, que pendiam dessas ramas, diariamente se cortava o pedaço preciso para adubar a panella; e—circumstancia supinamente assombrosa—no dia seguinte os mesmos fructos amanheciam de novo inteiros, como si ninguem lhes houvera tocado!

Fale-se com franqueza: isso chega para immortalizar um homem . . .

—Em 1857, foi publicado o 1º numero de mais um periodico. Intitulava-se *Defensor Cachoeirano*, e era editado por Joaquim Tavares da Gama, que de alguns outros tinha sido já o responsavel legal, nesta mesma cidade.

—Em 1872, falleceu na cidade de Sancto Amaro, deste Estado então provincia, e onde era escrivão dos orphãos, o nosso conterraneo Egas José Guedes, com idade superior a 50 annos.

—Em 1873, foi inaugurada, nesta cidade, uma linha de *bonds*, por tracção animada. Bem poucos annos durou, naturalmente pelo pequeno lucro que deixava.

Com as carruagens o mesmo se tem dado, pois ellas ora se ostentam por cá, ora se somem daqui; sem que ao certo se saiba o motivo de taes mutações.

A ultima carruagem que rodou pelas ruas desta cidade, sem contar as que servem nas festas do Carnaval, foi vendida para a cidade da Bahia em 1892.

—Em 1890, depois de benzidos com todas as solemnidades do ritual romano, o cemiterio e a capella respectiva, pertencentes á irmandade da Misericordia, desta cidade, o vigario Heraclio Mendes da Costa celebrou, pela primeira e unica vez, em o novo santuario.

Única vez, porque mais nunca o dito sacerdote disse, nem consentiu que outro padre dissesse, missa ali, sob pretexto de não se lhe pedir guia para os enterramentos.

Não obstante, o mesmo parochio acompanha os corpos que têm de ser inhumados naquelle cemiterio, não se recusando mesmo a encommendar-os dentro da capella condemnada.

O alvitre da irmandade, entretante, foi tomado por força da lei que separou do Estado a Egreja; e está, demais, em perfeito accordo com o que foi proposto pela congregação dos Ritos, em 19 de Maio, e approvado pelo Papa, em 8 de Junho de 1896.

8 de Setembro

—Em 1716, nasceu na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do termo, e ainda hoje da comarca desta cidade, o padre Miguel Luiz Teixeira, escriptor primoroso e orador sacro de primeira plana.

Foi vigario geral, e provisor, do bispado de Algarves.

—Em 1882, perante o Conselho interno do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, compareceram a camara municipal, as autoridades ecclesiasticas, civis e militares; e todas, pondo a mão direita sobre os Sanctos Evangelhos, juraram obediencia á sua alteza real o regente constitucional do Brazil, e seu protector e defensor perpetuo; fidelidade á causa do Brazil; e obediencia tambem ao Conselho de governo da Bahia.

Cento e setenta e quatro cidadãos assignaram a acta, que por essa occasião se lavrou.

—Em 1839, chegaram os capuchinhos Fr. Ambrosio de Rocca e Fr. Candido de Toggia, para abrir aqui os exercicios da *Sancta missão*.

Chriskmaram elles 1.804 pessoas e conseguiram que se effectuassem 55 casamentos.

Os dois missionarios percorreram, depois, todas as freguezias visinhas, no exercicio do seu ministe-

rio, colhendo a religião e a moral resultados preciosos d'essa villegiatura apostolica.

Foi em 1858 que houve nesta cidade a derradeira *Missão*, tendo então prégado os padres lazaristas.

—Em 1866, finou-se o Dr. Joaquim Gregorio de Souza, desde muitos annos promotor publico da comarca desta cidade.

Além de ser um homem de talento, o Dr. Gregorio possuia o dom maravilhoso de se fazer comprehender por todos os jurados, ainda os mais ignorantes, de que aliás outr'ora o numero era crescido. Servia-se para isto de linguagem chan, que ás vezes tornava-se vulgar de mais.

—Em 1891, falleceu no districto da Conceição da Feira, do municipio desta cidade, o estimado cidadão Marcellino Pereira Mascarenhas, agricultor muito conhecido e membro de uma das mais antigas familias do lugar.

Era maior de 70 annos.

9 de Setembro

—Em 1713, o senado da camara desta cidade, então villa, determinou—que ninguem salgasse peixe com *sal da terra*, mas exclusivamente o fizesse com o que era importado de Portugal; salvo, não havendo deste á venda.

A pena, imposta aos contraventores desta postura, era de 30 dias de prisão e multa de 1\$000 ainda em cima.

Assim, protegia a metropole a industria. . . nacional.

—Em 1869, succumbiu nesta cidade, victimado por uma apoplexia fulminante, o tenente-coronel José Antonio de Araujo Lima.

O finado fôra, durante muitos annos, negociante de fumos; e havia exercido varios cargos publicos, entre os quaes o de vereador da camara municipal e o de commandante de um batalhão de guardas nacionaes.

Tinha perto de 60 annos de idade, e era muito estimavel por seu genio prestimoso.

10 de Setembro

—Em 1847, chegou ao porto desta cidade uma canôa que, tendo partido da povoação da Passagem, perto do Andarahy, nas Lavras Diamantinas, des-cera pelo Paraguassú, cuja navegabilidade da cachoeira para cima se procurou d'est'arte estudar.

Depois de pequena demora, a canôa voltou com um carregamento de seccos e molhados; mas teve que vencer sérias difficuldades para subir os trechos encachoeirados do rio.

Em 1860, quando uma secca tremenda devastou todo o sertão deste Estado, veio da povoação de João Amaro outra canôa buscar mantimentos a esta cidade.

Os ensaios, assim tentados, não deram bom resultado; do que proveio a idéa de se construir a estrada de ferro *Central da Bahia*, que já presta áquella zona bem bons serviços e os pode prestar maiores ainda.

—Em 1855, falleceu na cidade da Bahia, victimado pelo *cholera-morbus* epidemico o brigadeiro Rodrigo Antonio Falcão Brandão, proprietario de engenhos de assucar e residente no districto de Iguape, do municipio desta cidade.

Fôra—por muitos annos—commandante superior da guarda nacional, e o Governo para reformal-o neste posto, cedendo á exigencias partidarias, o agraciou com o titulo de Barão de Belém, a que aliás o esforçado bahiano nenhuma importancia deu.

Cavalheiro, de muito valor, e francamente popular, o brigadeiro Rodrigo Brandão encheu uma grande lista com os serviços, que soube prestar á patria. Seu nome impõe-se ao reconhecimento dos posteros, pelas fulgurações que deixou na historia nacional.

Assim foi que elle emergiu, sempre victorioso, das lutas da independencia e dos combates pela legalidade, como attesta a sua brilhante fé de officio. Nas revoluções, conhecidas na Historia, pelos nomes de *Sabinada* e *Federação dos Guanxes*, Rodrigo Brandão salientou-se por serviços memoraveis.

Um soldado tão bravo, que era ao mesmo tempo um homem de espirito fino, se deixou no entanto impressionar de tal maneira pela invasão do *cholera-morbus*, ao ponto de se poder assegurar que morreu fulminado pelo terror, que a epidemia lhe causara.

A Cachoeira bem avaliou a perda, que soffria com o desapparecimento do prestimoso cidadão.

O brigadeiro Rodrigo, além do mais, recommendava-se por seu genio alegre e galhofeiro.

Conta-se d'elle—que tendo certo dia recrutado e prendido muitas pessoas, as foi pondo em liberdade, á medida que por qualquer dellas intercedia alguém. Com tamanha condescendencia, no entanto, o fez, que dentro de poucas horas apenas um homem restava no calabouço!

O brigadeiro mandou vir á sua presença esse infeliz, a quem fallou mais ou menos assim: *Va-se embora tambem V. pois não me serve, por ser tão desgraçado, que não encontrou em toda esta cidade quem me pedisse por si!*

De outra feita, por occasião de uma batalha eleitoral muito renhida, o brigadeiro, que abominava a politica, resolveu fazer a custa desta uma troça monumental.

E, assim, á proporção que cada um dos candidatos lhe solicitava o voto, escrevia elle o respectivo nome em uma folha de papel. E foi esta exactamente a chapa, que o brigadeiro metteu na urna no dia da eleição. Levava, porém, ella 60 nomes, em vez de 36.

Na conformidade da lei, a Meza do collegio apenas apurou os 36 primeiros nomes da cedula, ficando consequentemente prejudicados os outros.

Em todo o caso, o brigadeiro affirmava aos candidatos ter cumprido seus compromissos todos, não sendo culpado de haver a dicta Meza dado preferencias, cuja razão elle não podia apprehender. De sua parte, tinha havido a maior justiça e lealdade. Des-le que todos os candidatos eram dignos e merecedores do seu voto, os fôra attendendo na ordem chronologica dos pedidos feitos. O mais corria por conta da lei.

A tradição reza—que os candidatos *manquês* tiveram de embuchar...

—Em 1893, as autoridades locais iniciaram medidas rigorosas para impedir a circulação ilegal de *cales*, que inundavam toda a cidade.

Havia-os desde 100 réis até 10\$000 e só depois de uma luta de anno, ou mais, conseguiu-se acabar com o abuso, que fôra aliás introduzido a pretexto da escassez de moeda divisionaria.

—Em 1893 tambem, falleceu no districto da Conceição da Feira, do municipio e comarca desta cidade, o capitão Joaquim Ferreira Mascarenhas, lavrador estimado e membro de familia numerosa e conhecida.

Contava 89 annos de idade.

11 de Setembro

—Em 1823, o tenente-coronel Manuel Borburema, cumprindo a ordem constante da portaria de 3, entregou preso o general P. Labatut ao coronel Joaquim Francisco das Chagas Catête, que o conduziu, acompanhado sómente pelo ajudante Antonio Victorino da Silva Guimarães.

—Em 1864, finou-se o Dr. Ricardo Pinheiro de Vasconcellos, que era então juiz de direito.

Tinha sido, em tempo, juiz dos orphãos no termo desta cidade.

12 de Setembro

—Em 1705, attendendo ás difficuldades do tempo, o Governador offereceu aos creadores do termo desta cidade, então villa, o preço de 400 réis por arroba (15 kilos) de carne de vacca, porque muito se carecia della para abastecer a frota real, que se achava no porto da Bahia, mas precisava partir para a India.

Em 1719, ainda vigorava esse preço da carne verde, aqui.

—Em 1726, o vice-rei mandou recolher á cadeia o cabo de esquadra Silvestre de Souza Marques, por

ter este feito violencia aos presos que desta cidade, então villa, conduzira para a da Bahia.

S. Ex., communicando o facto ao respectivo juiz ordinario, dizia—*que o cabo se achava com o contrapeso de um bom grilhão, com o qual purgaria os excessos que commettera.*

E era nos tempos do absolutismo! Hoje, o cabo nada soffreria.

--Em 1795, estando em vereação, o Conselho da cidade da Bahia resolveu—*que por estarem extinctos os 12.000 cruzados que, de ordem do general D. Fernando José de Portugal, a camara desta cidade, então villa, tinha emprestado áquelle Conselho, e continuando a necessidade de se findar a obra da cadeia, se fazia indispensavel de mais 20.000 cruzados, para os quaes tinha elle expedido os competentes avisos á camara para passarem as ordens necessarias, na mesma fórma como o primeiro empréstimo.*

A ordem do general foi registrada no livro 8º folhas 217, o empréstimo se effectuou; mas não consta que os 32.000 cruzados voltassem jámais aos cofres de nossa municipalidade, apesar do general na sua carta affirmar que—*o Conselho e o senado da Bahia ficavam obrigados a indemnisar aquella quantia.*

De resto, não foi este o calote unico de que se pode queixar a edilidade cachoeirana, com relação á sua co-irman da capital. . .

--Em 1838, houve, no recinto da camara municipal desta cidade, um grande *sarilho*, por ter o vereador Manuel Francisco de Salles Ferreira dito em plena sessão, e se dirigindo ao collega que a presidia: *mente, o senhor mente!*

A muito custo se poudé apaziguar o tumulto, sem consequencias de maior importancia.

Na sessão seguinte, comtudo, o supradicto vereador compareceu *para pedir publico perdão da offensa*, irrogada ao presidente.

E tudo voltou. . . ao que era dantes.

13 de Setembro

—Em 1721, tendo o capitão-mór Antonio Velloso batido um crescido *quilombo*, que existia perto desta cidade, então villa, aprisionou muitos negros fugitivos, que foram entregues aos seus respectivos senhores, mediante 15\$000 de *tomada* por cada um.

Regalou-se, o capitão-mór!

—Em 1850, o vereador José Ruy Dias de Affonseca requereu e foi por unanimidade de votos approvado em camara—que se representasse ao Governo sobre a urgencia da construcção de uma estrada de ferro que, partindo desta cidade, cortasse a região sertaneja.

A representação foi immeditamente assignada pelos membros da camara, então presentes, a saber: advogado Manuel Galdino de Assis, presidente, José Ruy Dias de Affonseca, Antonio de Britto Leal, Francisco Martins Curvello, e Alvino José da Silva e Almeida; e no dia immediato seguiu, pelo correio, ao seu destino.

Em 1860, a secca inclemente que devastou uma importante e vasta zona deste Estado, então provincia, salientou mais ainda a necessidade apontada por aquelle prestante cidadão.

Felizmente, a estrada de ferro *Central da Bahia* tem já realizado em parte e pretende de futuro realizar no todo, a esperanza concebida com a execução do pujante melhoramento, cuja grande utilidade outras seccas posteriores têm vindo demonstrar.

14 de Setembro

—Em 1822, o commandante da força armada, existente nesta cidade, então villa, ordenou—que todos os habitantes e quaesquer outras pessoas, empenhadas na defeza da ilha de Itaparica, se retirassem para o continente, abandonando-a portanto, e levassem comsigo todo o gado e mais o que de precioso por ventura possuissem.

Temor, pouca experiencia, ou talvez ignorancia

estranhavel das condições locais, a verdade é—que semelhante medida foi vivamente impugnada pelos insulares, e também pelos moradores de Jaguaripe e Nazareth.

Por delegação dos primeiros, o patriota Thomaz da Costa Ferreira veio aqui se entender com o citado commandante; e felizmente obteve a revogação da ordem, que fôra dada irreflectidamente.

15 de Setembro

—Em 1881, falleceu contando 76 annos de idade, o tenente-coronel Christovão Pereira Mascarenhas, que entre nós occupara posição social distincta, e muito se recommendava pela fidelidade aos principios da escola politica de que se tornara adepto.

Um traço de sua vida o photographa nitidamente.

Como houvesse perdido toda sua fortuna, em consequencia de successivos revezes, o dedicado *conservador* nem por isto se acobardou. Muito ao contrario, ganhando coragem no proprio infortunio, acceitou para viver independentemente o logar de caixeiro, que lhe fôra offerecido.

Lição eloquentissima, digna de ser aprendida! Exemplo, que merece ser imitado!

—Em 1891, se procedeu em todo o paiz, e por consequencia tambem nesta cidade, a primeira eleição depois que fôra proclamada a republica.

Em cada uma das tres secções, em que estava dividida a cidade, obtiveram a primeira votação: para senador—o Cons. José Antonio Saraiva, e para deputado—o Dr. Aristides Milton.

16 de Setembro

—Em 1822, partiu da fazenda *Acupe*, onde achava-se acampado, de marcha para esta cidade, então villa, a força commandada pelo coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão; e que dias antes, estando na Saubara, impedira que ali desembarcasse um grande grupo de luzitanos, entre os quaes fez varios mortos e feridos.

17 de Setembro

—Em 1853, foi concedida a Lucas Jezler a necessaria licença para edificar na povoação de S. Felix, hoje cidade, e então pertencente ao termo desta, um cemiterio acatholico: o primeiro desta natureza, que se construiu fóra da capital no nosso Estado, então provincia.

18 de Setembro

—Em 1822, o Conselho interino do Governo da Bahia, cuja sêde era nesta cidade, a esse tempo ainda villa, estabeleceu um correio para o norte, afim de facilitar as communicações com as villas de S. Francisco e de Santo Amaro, bem como com os pontos de defeza em Pirajá, Torre, e outros logares.

E simultaneamente determinou — que o ouvidor interino da comarca mandasse abrir os armazens, lojas e casas de arrecadação que permaneciam fechadas, e aliás cumpria que funcionassem para expôr á venda as mercadorias existentes.

No caso de recalcitrarem os donos desses estabelecimentos, estes deveriam ser judicialmente abertos, e os generos respectivos entregues a uma administração, que o mesmo Conselho houvesse de nomear.

—Em 1824, o *Grito da Razão*, periodico da cidade da Bahia, deu á luz um artigo de que extraio alguns conceitos, por me parecerem opportunos:

«Muito receíamos tocar, escreveu a citada folha, muito receíamos tocar na classe militar; porque de ordinario, e em toda parte, chama-se offensa o que não passa de zelo do amor publico: e tudo querem decidir, não como pede a justiça, mas sim o que elles entendem por brio e pundonor militar.»

—Em 1873, o engenheiro Hugh Wilson, na qualidade de empreiteiro da estrada de ferro *Central da Bahia*, offereceu 3:000\$000 para auxilio do calçamento das ruas das Flores e Formosa, desta cidade.

—E no mesmo anno, a camara municipal nomeou

para zelador da arborisação publica—o cidadão Francisco Americo Zenith.

Esse emprego, porém, foi supprimido a 21 de Março de 1878, por ser considerado então dispensavel; visto como estavam já crescidas as arvores, que tinham sido plantadas.

A arborização da cidade, entretanto, continúa ainda hoje; e, graças a ella, a *praça Maciel* e outros sitios promettem ficar muito apraziveis.

19 de Setembro

—Em 1864, tendo se reunido a camara municipal desta cidade, elegeu—por unanimidade de votos—uma commissão para represental-a na cerimonia do casamento da princeza D. Izabel, então herdeira presumptiva do throno.

Alim de se incorporar a essa commissão, que se compoz de magnates residentes no Rio de Janeiro, para ahi seguiu pouco depois o vereador tenente-coronel Egas Muniz Barretto de Aragão.

—Em 1891, falleceu o commendador Albino José Milhazes, que contava 57 annos de idade.

Portuguez de origem, mas brasileiro naturalizado, tornara-se negociante abastado, e tinha tomado parte activa nas lutas politicas do districto.

Muito contribuiu para augmentar a edificação desta cidade. Tinha a excellente qualidade de ser amigo dedicado e leal.

—Em 1892, falleceu na cidade de S. Gonçalo dos Campos, da comarca desta cidade, o coronel Antonio Carlos da Silva, maior de 70 annos, e professor publico primario, desde muito jubilado.

Por sua intelligencia e actividade, conseguiu gozar de verdadeira influencia no meio de seus conterraneos, que o cumularam de prestigio e distincções.

Nunca teve filhos, e legou aos sobrinhos toda a fortuna que possuia.

—Em 1892, tambem, succumbiu—depois de rebelde enfermidade—o cidadão Satyro da Silva Pinto, com 59 annos de idade.

Era serventuario do cartorio do jury, nesta cidade, e foi sempre um bom irmão.

20 de Setembro

—Em 1824, o tenente-coronel José de Sá Bittencourt foi mandado a esta cidade, então villa, pelo Governador das armas, afim de inquirir de um facto occorrido com o destacamento militar, que era accusado de haver commettido violencias, no acto de prender um cidadão.

Por similhante futilidade, ninguem se incommodaria agora. . .

—Em 1854, falleceu o Dr. Joaquim José Ribeiro Guimarães, advogado notavel nesta cidade, e graduado pela Academia de Direito de S. Paulo. Era maior de 50 annos.

—Em 1857, ficou installada, sob a regencia do maestrino José de Souza e Aragão, a primeira *Philarmonica*, desta cidade, a qual tinha por presidente o capitão Joviniano José da Silva e Almeida, que foi depois tenente-coronel. Compunha-se ella de pessoas da *elite* cachoeirana.

21 de Setembro

—Em 1854, á noite, foi assassinado — com um tiro — o portuguez Joaquim Cardoso da Silva, que a certa hora do dia tinha tido uma rixa com um tabaréo, a quem physicamente offendera.

Ao pobre roceiro foi, geralmente, attribuido o crime, que elle estava ainda expiando na cadeia, quando o verdadeiro culpado se denunciou, por occasião de se confessar *in extremis* a um virtuoso sacerdote.

Um *erro judiciario*, portanto; unico, mas poderoso argumento, que me leva a combater a pena de morte.

—Em 1863, a companhia de navegação a vapor *Bahiana* requereu e obteve da camara municipal a licença necessaria para construir uma ponte de embarque e desembarque no porto desta cidade.

Annos depois, a ponte ficou acabada, é verdade; mas não era cousa que correspondesse á importancia da terra.

Em 1893, foi ella substituida por outra, um pouco melhor; mas, ainda assim, muito inferior ao que merecemos, em virtude da somma avultada, com que a linha desta cidade* concorre para a receita da companhia.

Em 1899, a ponte foi augmentada; e agora, com algum esforço mais, estará completa.

22 de Setembro

—Em 1724, o vice-rei mandou—que os officiaes da camara desta cidade, então villa, «prendessem todos os *cadios sem officio e domicilio certo*, que em grande numero andavam pelo districto de Maragogipe, a inquietar os moradores.»

Como estão vendo, os vagabundos vêm de longe...

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que aqui tóra anteriormente installado, deu começo aos seus trabalhos, reunindo-se então com os procuradores enviados pelas outras villas, no salão do hospital de S. João de Deus, que é hoje—como já fiz notar—a Sancta Casa de Misericordia desta cidade.

—Em 1892, foi installado o *pequeno jury*, ou junta correccional, de accordo com a nova lei promulgada pelo Estado, a 15 de Julho do mesmo anno.

23 de Setembro

—Em 1720, constando — que o beneditino Frei Joseph de S. Pedro, que apostatara havia mais ou menos quatro annos, estava nesta cidade, então villa, em casa do *official de borrachas* de nome Joseph Vaz: o vice-rei deu ordens terminantes ao corregedor da comarca, ao juiz ordinario da villa e ao coronel da respectiva cavallaria, para captural-o.

Já se vê — que tambem nós tivemos um frade apostata.

—Em 1844, falleceu nesta cidade, onde residia desde muito, o portuguez João José Espinola, deixando testamento, em que fez muitos legados, entre os quaes alguns á Ordem Terceira do Carmo, á egreja da Conceição do Monte, á capella de Nossa Senhora do Amparo e á Sancta Casa de Misericordia.

—Em 1854, a camara municipal desta cidade requisitou do Governo uma barca de excavação para o rio Paraguassu, que já estava obstruido em varios pontos.

Por aviso do mesmo anno, o Governo respondeu—que subindo a 50:000\$000 a despesa orçada para similhante serviço, só *no anno seguinte* poderia ser attendida a requisição da municipalidade.

Pois bem. Esse *anno seguinte* jámais chegou!

—Em 1888, falleceu—contando 80 annos de idade, o abastado proprietario Ignacio Rodrigues Pereira d'Utra, Barão do Iguape.

Residia no districto deste nome, do municipio e comarca desta cidade, e ali gozava de muito prestigio.

24 de Setembro

—Em 1823, reuniram-se o senado da camara, o povo e a tropa desta cidade, então villa, afim de protestar contra os acontecimentos da noite anterior, em que o batalhão de Minas, aqui destacado, praticara alguns excessos contra a população, *por suppol-a affeiçãoada ás idéas republicanas*.

Foi lavrada uma acta da numerosa reunião para repellir a suspeita, e affirmar o mais entranhado amor á monarchia.

—Em 1853, a camara municipal desta cidade representou ao Governo sobre a conveniencia de partir daqui a primeira estrada de ferro, que se tratava então de construir na provincia, hoje Estado.

A camara, porém, não foi attendida, e agora todos confessam—que o traçado escolhido para a via-ferrea do S. Francisco podera ter sido muito melhor.

Mas é que naquelle tempo se procurou sómente

satisfazer a vaidade da capital, por amor á centralização. . .

—Em 1857, foi condemnado á pena de galés perpetuas o soldado do corpo policial de nome Marcello Antonio da Silva, que em frente ao seu proprio quartel, e sem provocação nem conflicto, assassinara o alfaiate Joaquim José dos Santos Reis, conhecido por *Meus-pirões*.

O deploravel acontecimento emocionou profundamente a população, já por causa da victima, que fôra sempre um artista inoffensivo, já pela qualidade do criminoso, que era um dos agentes da segurança publica.

25 de Setembro

—Em 1587, foi dado regimento á Relação da Bahia, que então fôra creada, mas sómente em 1652 ficou definitivamente organizada, visto como o alvará de 23 de Janeiro de 1588 mandara sobrestar no estabelecimento della.

—Em 1738, o desembargador Joaquim Antonio Gonzaga, ouvidor-geral da comarca desta cidade, então villa, num seu provimento notou—que não se guardava economia alguma na administração das rendas municipaes, e que ninguém se esforçava para que servissem ellas de bemfeitorias publicas, havendo grande deleito e omissão a respeito.

Vá com vista a quem entende—que tudo nos outros tempos era melhor e mais moralizado. . .

—Em 1822, uma *Junta da fazenda* substituiu a commissão, creada aqui com a incumbencia de fazer face aos gastos da guerra, que os bahianos sustentavam por amor da independencia nacional.

A *Junta* recebeu da commissão citada o saldo de 3:866\$030, mas a receita arrecadada até Maio do anno seguinte se elevou á somma total de 108:780\$234.

Uma das providencias, tomadas immediatamente pela *Junta*, foi mandar ella que se entregasse 5:000\$

á commissão patriotica da villa de S. Francisco, que carecia de auxilios.

—Em 1859, o norte-americano Herbert G. Booven suicidou-se nesta cidade, disparando sobre o peito um tiro de pistola, depois de haver envenenado duas filhas de tenra idade, que tinha em sua companhia.

Dias antes, a consorte, desse infeliz matara-se, tambem.

Foi a miseria, que os levou a tal extremo.

Annos depois, em 1890, a 25 de Março, occorreu em *Barbudas*, proximo a Pelotas, do Rio Grande do Sul, um facto similhante.

O colono allemão Kirch, casado, e com tres filhos, um de 8, outro de 7 annos e o terceiro de 6 mezes de idade, assassinou toda a familia a tiros de revolver, suicidando-se em seguida com um tiro tambem.

—A camara municipal desta cidade mandou, em 1867, continuar a obra do caes de S. Felix, *desde a ponte até ao jardim da casa Curvello*.

—Em 1888, falleceu com 61 annos de idade o Dr. Norberto Francisco de Assis, formado em medicina pela Academia de Pizze, na Italia, de onde chegara a 7 de Maio de 1851.

Servindo, desde 1855, de medico do hospital de Misericordia desta cidade,ahi ganhou bastante pratica de que veio a se utilizar com muito proveito na clinica civil.

E muito recommendavel é a sua memoria, como profissional; pois nenhum outro ainda o excedeu no interesse que ligava á sorte de seus doentes, quer estes lhe podessem retribuir o trabalho, quer não.

Varios e distinctos cargos publicos o Dr. Norberto occupou, taes como os de juiz de paz e delegado de policia; e a todos elles deu sempre cabal desempenho.

O desaparecimento do prestante cachoeirano foi geralmente sentido.

26 de Setembro

—Em 1817, foi nomeado D. Braz Balthazar da Silveira para coronel do batalhão de infantaria miliciana desta cidade, então villa.

E para tenente-coronel do mesmo corpo foi designado Manuel Ignacio de Lima Pereira, que tinha requerido aquella outra patente, em 26 de Agosto, na sua qualidade de *soldado da companhia da artilheria montada dos voluntarios guarda-costas do príncipe real*.

Era de perder o folego este . . . brazão.

—Em 1826, a camara municipal desta cidade, então villa, offereceu á Sancta Casa de Misericordia um apparelho completo *para a operação de restaurar a vida das pessoas afogadas*; e fêl-o acompanhar de varios exemplares de certa brochura, explicativa do uso que se deveria fazer do referido apparelho.

O barão de Itabaiana—Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa—tinha doado á camara aquelle *machinismo*, de que aliás a Misericordia não se poudé utilizar, por falta do dinheiro que para tanto se fazia mister.

Dahi procedeu—que a Misericordia, em 21 de Outubro, devolvesse o apparelho.

E deste facto originou-se um singular conflicto, que só terminou a 11 de Novembro, mediante a intervenção do presidente da provincia! . .

Que fim teria levado esse novo pomo de discordia? Ninguém mais d'elle falou.

—Em 1882, falleceu Fr. João de Sancta Maria e Souza, que tinha nascido na cidade da Bahia em 1826, e para esta se mudara em 1837.

Era professor de lingua latina, prior do convento do Carmo desta cidade, desde 1862, e gozava das honras de prégador da capella imperial, si bem que nunca houvesse recitado um sermão.

Fôra deputado por sua Ordem para ir ao Rio de Janeiro, em 1842, cumprimentar D. Pedro II. que então havia sido declarado maior.

Fr. João deixou muitos discipulos, entre os quaes o autor destas linhas.

27 de Setembro

—Em 1842, expirou, na capital da Bahia, o capitão Manuel de Vasconcellos Bahiana, proprietario que fôra do engenho *Pitanga*, desta cidade, onde quiz estabelecer uma fundição de ferro, e que aqui montara, em tempo, uma fabrica de rapé.

No seu testamento, o capitão Bahiana deixou 1:000\$000, ou uma legua de terra, á escolha, para quem lhe escrevesse a biographia.

Não houve, entretanto, quem quizesse apanhar esse premio.

—Em 1891, foi inaugurado o asylo de orphãos que, sob o nome de *Filhas de Anna*, existe nesta cidade.

A idéa concebida n'uma hora feliz, pelo cidadão Antonio Carlos da Trindade e Mello, vae produzindo bons fructos; e merece ser animada por todos os corações bem formados.

28 de Setembro

—Em virtude da lei de 28 de Setembro de 1871, que, declarando livre o ventre da mulher escrava, mandara proceder á matricula de todos os escravos, existentes então no Brazil, foram—como taes—arrolados na collectoria geral desta cidade, 17.207, a saber, 8.948 homens e 8.259 mulheres.

A 1º de Janeiro de 1876, se verificou—que delles ainda havia 15.164, excluidos os mortos, os alforriados e os que tinham mudado de domicilio.

E até 31 de Dezembro de 1875, por força da citada lei haviam sido matriculados, na mesma collectoria, 2.351 filhos livres de mulher escrava, a saber: 1.172 do sexo masculino e 1.179 do feminino.

O districto da collectoria desta cidade comprehendia então todo o territorio do municipio, que posteriormente foi desdobrado nas comarcas de Cachoeira, S. Felix e Curralinho.

29 de Setembro

—Em 1823, uma ordem do dia do commandante em chefe do exercito pacificador da Bahia mandou pagal-o, do 1º de Outubro em diante, como no tempo de paz; attendendo ao mau estado financeiro da provincia.

—Em 1865, marchou para a campanha do Paraguay o batalhão n. 107 da guarda nacional do municipio desta cidade.

Foi uma scena profundamente commovedora a despedida desses bravos, que corriam celeres ao theatro da guerra, afim de vingar a honra nacional ultrajada, e que no entanto volviam os olhos, rasos de lagrimas, para a familia e para os amigos, que saudosos cá ficavam.

Honra aos *voluntarios da patria!*

30 de Setembro

—Em 1772, segundo li no *Livro do Tombo*, fls. 81 v., procedeu-se a medição do *Fortinho*, situado no rio Paraguassu, 24 1/2 kilometros, mais ou menos, abaixo desta cidade, então villa.

Não se sabe ao certo a data, em que fôra construida essa praça de guerra, devida, entretanto, á iniciativa dos hollandezes.

Ella tinha a figura de um rectangulo simples e irregular, de 100 palmos de frente e 200 de fundo para o dito rio, a que flanqueava pelos tres lados. E servia para defender a subida pelo canal, entre as duas montanhas abi existentes.

A' entrada do *Fortinho* deparava-se com o *corpo da guarda*, a *casa da polvora*, e o *quartel*; tendo este a face para o terrapleno.

O *Fortinho* estava armado com 8 peças, ficando-lhe a bandeira na face do rio.

Mas delle, que nunca foi devidamente reparado, hoje apenas veem-se as muralhas.

Quando, em 1832, as circumstancias urgiam, foi mandado—em 25 de Fevereiro—o coronel Antonio de Souza Lima, afim de examinar o *Fortinho*, e mesmo fortifical-o, como parecia então conveniente.

Disso, porém, não se passou; mesmo porque, tendo cessado o perigo, ninguém se lembrou mais de que elle poderia renascer.

O juiz de fóra de Maragogipe, comtudo, em officio de 24 do mez e anno já citados, appellida o *Fortinho* de *chave de todo o reconcao*.

—Em 1831, foi expedido um aviso da Regencia, do então, imperio, mandando—que tivessem applicação a beneficio do hospital da Sancta Casa de Misericordia, desta cidade, os legados pios, pertencentes ao respectivo municipio, e que deixassem de ser cumpridos em tempo; executando-se ácerca da referida instituição quanto se achava disposto no art. 2 da lei de 6 de Novembro de 1827.

O aviso foi remettido á camara municipal, com officio do presidente da provincia, em 22 de Outubro do mesmo anno, afim de ser desde logo executado.

Cachoeira, 1900.

A. MILTON.

(*Continua*).



Actas das Sessões e Offertas



ACTA DA 74.^a SESSÃO EM 18 DE MARÇO DE 1900

Presidencia do Dr. Satyro Dias, 1.^o Vice-Presidente

Aos 18 dias do mez de Março de 1900, á 1 hora da tarde, n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os socios Dr. Satyro Dias, 1.^o Vice-Presidente, Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 1.^o Secretario, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Des. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Conego Manfredo Alves de Lima, Alfredo Octaviano Soledade, Eduardo Carigé e Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, foi aberta a sessão, sob a presidencia do Dr. Satyro Dias, na ausencia do effectivo, Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, sendo convidado o Conego Manfredo de Lima para servir o lugar de 2.^o Secretario, na ausencia do effectivo.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões extraordinarias anteriores.

O expediente constou do seguinte:

Officios: dos 1.^{os} secretarios da Sociedade «Perseverança e Auxilio dos Caixeiros de Maceió» enviando a relação dos funcionarios eleitos para o anno social de 1900 a 1901 e da Sociedade «Club

Caixeiral», d'esta capital, enviando a relação dos funcionarios eleitos para o exercicio de 1899 a 1900; do Presidente da Associação Commercial desta capital, enviando a relação dos membros da nova Directoria, empossada a 20 de Fevereiro ultimo; do Director da Secrefaria do Senado deste Estado, enviando 4 volumes dos Annaes do Senado relativos às sessões de 1899.

Cartas: dos socios Drs. Manoel de Mello Cardoso Barata e José Pires Falcão Brandão, agradecendo a remessa de seus diplomas de socios correspondentes; do socio Horacio Urpia enviando a traducção da carta de um piloto anonymo portuguez referente á descoberta do Brazil, e traduzida do 1.º volume da obra de João Baptista Ramuzio, impressa em Veneza, 3.º edição, anno de 1563, afim de ser reproduzida na Revista Commemorativa do Centenario, e do Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, residente na Capital Federal, enviando um manuscripto intitulado «O Primeiro Bispo do Brazil», memoria historica dedicada a este Instituto.

Em seguida é apresentado, na fôrma dos Estatutos, o demonstrativo da Receita e Despeza de Janeiro a Dezembro de 1899, a cargo do Thesoureiro Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, importando a Receita em 25:366\$398 e a Despeza em 26:389\$906. E' remettido com urgência á Commissão de orçamento.

Pelo Cons. Dr. Torres, 1º Secretario, foi dito que se achavam sobre a mesa as seguintes offeras: do Dr. Augusto de Carvalho 6 autographos, sendo 2 relativos a factos occorridos em Pernambuco por occasião da revolução de 1817; do socio Dr. Antonio Coutinho de Sousa 4 moedas do periodo colonial, sendo uma de prata; do Sr. Julio Meili, de Zurich, por intermedio do Sr. Alvaro

Ramos, uma medalha commemorativa do 4º Centenario da descoberta do Brazil, offerecida e dedicada ao povo luso-brazileiro.

O Dr. Satyro Dias declarou que o Cons. Dr. Salvador Pires, Presidente, não tinha comparecido por motivo de molestia e que a Commissão do Centenario da descoberta do Brazil encarregára ao mesmo Conselheiro de transmittir ao Instituto o que ella julga que se pôde levar a effeito por occasião do mesmo Centenario; declarou mais que no dia 10 de Janeiro do corrente anno falleceu na Cidade de Belém, Pará, o distincto consocio General de Divisão Frederico Solon de Sampaio Ribeiro e por esse infausto passamento propunha que se inserisse na acta um voto de profundo pesar, o que foi unanimemente approvado; e, finalmente, que o Instituto recebeu com especial satisfação a visita que hoje fôra feita pelo socio honorario D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo desta Archidiocese, em retribuição a que lhe havia sido feita por uma commissão do Instituto.

Foram lidos os pareceres opinando que sejam reconhecidos e proclamados socios os Drs. Pedro da Luz Carrascosa e Fabio Lyra dos Santos, Pharmaceuticos Ismael Candido da Silva e Adolpho Accioli do Prado, Comm. Manoel de Sousa Campos e João Gama, sendo adiada a votação.

Foram tambem lidas diversas propostas para admissão de socios, as quaes foram enviadas á commissão respectiva.

O Sr. Dr. Satyro Dias por fim declarou que era necessario convocar-se outra sessão, e por isso designou o proximo dia 25 do corrente para ter logar essa reunião.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, e de tudo, para constar, lavrei a presente

acta que vai por mim assignada—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 25 de Março de 1900—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—João Nepomuceno Torres—Bonifacio de Aragão Faria Rocha.*

75.ª SESSÃO EM 25 DE MARÇO DE 1900

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires

Aos 25 dias do mez de Março de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, à 1 hora da tarde, presentes os socios, Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e João Nepomuceno Torres, 1º Secretario, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Des. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Drs. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Joaquim dos Reis Magalhães, José Julio de Calasans e Alfredo Cabussó, Padre Luiz da França dos Santos, Comms. Pharmaceutico Joaquim Manoel de Sant'Anna e Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Henrique Prager, Manoel Quirino, Horacio Urpia e Damasceno Vieira, foi declarada aberta a sessão, sendo convidado o Dr. Bonifacio Faria Rocha para substituir o 2º Secretario.

E' lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

No expediente foi lida uma carta do socio Eduardo Carigé convidando o Instituto a ouvir a leitura do seu drama «Cabras», no proximo domingo, às 2 horas da tarde, no salão da Bibliotheca Municipal.

Tomado em consideração o convite, o Sr. Cons. Presidente designou os socios Comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Henrique Prager e Damasceno Vieira para, em commissão, representando o Instituto, assistirem a leitura desse drama.

Foi lida uma proposta apresentando para socios effectivos do Instituto o Coronel Dr. José de Siqueira Menezes e o industrial Francisco Ferraro, e para socio correspondente o Conego José Cupertino de Lacerda, senador estadual, residente em Bomfim da Feira, comarca da Feira de Sant'Anna, sendo remettida à commissão competente.

O mesmo Sr. Cons. Presidente deu sciencia ao Instituto de que, por convite da commissão do Centenario, comparecerá à sessão de 15 do corrente na qual, entre outros assumptos, tratou-se do programma dos festejos commemorativos do Centenario, programma que é mais ou menos este, salvo ligeira modificação que possa soffrer:

No dia 3 de Maio, após uma missa campal, a resar-se, provavelmente no «Campo dos Martyres», a inauguração do monumento symbolico da descoberta do Brazil, e por ser esse dia o do anniversario da installação do Instituto, fará esse sua sessão magna, ficando a conferencia, da qual foi incumbido o socio Revm. Sr. Conego Manfredo de Lima, para o dia seguinte, em logar que deverá ser escolhido pela commissão, terminando os festejos por um espectaculo de gala no dia 5.

Em seguida, foi por alguns socios discutido o assumpto e tornada saliente a impossibilidade de fazer-se a sessão magna no mesmo dia, após as duas solemnidades que devem precedel-a, opinando pela celebração da missa no dia 1.º de Maio.

O Dr. Faria Rocha propoz, então, que o Instituto autorizasse o Sr. Cons. Presidente a entender-se com a commissão afim de harmonisar o programma

dos festejos com a celebração da sessão anniverfaria da installação do Instituto, o que foi approvedo.

Pelo Sr. Thesoureiro foi pedida authorisação para reformar o debito hypothecario, elevando-o a 36:500\$000 (trinta e seis contos e quinhentos), visto tornar-se necessaria a quantia de 5:000\$000 (cinco contos de réis) para ultimação das obras do novo predio.

Submettida á discussão, foi sem debate approveda a proposta, e authorisedo o Sr. Thesoureiro a fazer a operação de credito que julgue necessaria e mais conveniente para tal fim, no «Banco Auxiliar das Classes».

Foram lidos os pareceres da commissão de admissão de socios sobre propostas anteriormente apresentadas e, por escrutinio secreto, approvedos e proclamados socios effectivos: Cons. Eustaquio Primo de Seixas, Drs. Pedro da Luz Carrascosa, Francisco Luiz da Costa Drumond e Quintino Ferreira da Silva, Coronel Francisco Felix de Araujo, Pharmaceutico Ismael Candido da Silva, Comm. Manoel de Sousa Campos, negociante João Gama, Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, Engenheiro João Pimenta Bastos, Coronel João Rodrigues Germano e Pharmaceutico Alfredo Accioli do Prado, e socios correspondentes: Drs. Fabio Lyra dos Santos (Feira de Sant'Anna), Antonino Pires de Sousa e Manoel Duarte Moreira de Azevedo (Capital Federal), Dr. Augusto de Carvalho (Macahé), Sebastião de Vasconcellos Galvão (Recife), Philoteio Pereira de Andrade (advogado em Nova Goa, India Portugueza) e José Petitinga (Joazeiro).

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde, tendo, em tempo, comparecido o socio Isaias de Carvalho Santos,

2.º Secretario, que de tudo lavrou a presente acta para constar, a qual vai devidamente assignada —Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 13 de Maio de 1900.
—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—
Bonifacio de Aragão, Faria Rocha — Isaias de
Carvalho Santos.*

76ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1900

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA DA INSTALLAÇÃO DO INSTITUTO E
COMMEMORATIVA DO 4º CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO
BRAZIL.

Presidencia do Exm. Sr. Cons. Dr. Luiz Vianna

Aos tres dias do mez de Maio de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, às 12 horas do dia, no salão nobre adquirido e adaptado para ser ahi installado o Instituto como propriedade sua, edificio que é situado na «Praça 15 de Novembro» (antigo Terreiro de Jesus), presentes os Exms. Srs. Cons. Luiz Vianna, socio do Instituto e Governador do Estado, Dr. João Salgado, Consul de Portugal, Drs. Asclepiades Jambeiro, Secretario da Policia e Segurança Publica e Octaviano Muniz Barreto, Secretario interino do Interior, Justiça e Instrucção Publica, commissões do Commercio, do Club Caixeiral e de diversas associações, socios do Instituto Geographico a saber: Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, João Nepomuceno Torres, 1º Secretario, Filinto Justiniano Ferreira Bastos, adjuncto do Orador, José Botelho Benjamin e Francisco Ferreira Pacheco de Mello, Drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Orador,

Alfredo Antonio de Andrade, José Octacilio dos Santos, Innocencio Munoz de Araujo Goes, Joaquim dos Reis Magalhães, José Julio de Calasans e Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Pharmaceutico Comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Padre Luiz da França dos Santos, Damasceno Vieira, Corbiniano Esteves de Lima, Luiz Antonio Filgueiras, Alfredo Octaviano Soledade, Henrique Prager, Francisco Gomes Ferreira Braga, Thezoureiro, Isaias de Carvalho Santos, 2.^o Secretario, Capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, e Prof. Borges dos Reis, commissões da imprensa e grande numero de cidadãos representando todas as classes sociaes, foi declarada aberta a sessão e convidado pelo Sr. Cons. Presidente o Exm. Sr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, para presidir a sessão.

Assumindo este a presidencia, pediu a palavra o Sr. Cons. Salvador Pires e leu bonito discurso referente aos progressos do Instituto, ás festas commemorativas do 4.^o Centenario do descobrimento do Brazil e ao facto da inauguração do predio adquirido pelo Instituto para nelle funcio-nar. Em seguida obteve a palavra o Sr. Cons. Dr. João Torres, 1.^o Secretario, que leu bem elaborado e minucioso relatorio de todo o occorrido no anno ultimo; seguindo-se-lhe o substituto do Orador, Cons. Dr. Filinto Bastos, que declarou os motivos por que inesperadamente, quasi, tinha de substituir o orador, e leu um discurso de subido valor historico e analogo á commemoração do descobrimento do Brazil.

Pelo Sr. Cons. Dr. Luiz Vianna foi então dito que motivos de ordem superior o chamavam a outra parte e por isso pedia licença para retirar-se, e effectivamente retirou-se, sendo substituido

na presidencia da sessão pelo Snr. Cons. Dr. Salvador Pires.

Este deu a palavra ao Exm. Snr. Dr. João Salgado, Consul de Portugal, que proferiu vibrante discurso, e em seguida ao professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, que leu uma communição, escripta especialmente para ser lida nesta sessão, sobre as raças primitivas que habitavam o Brazil e o modo de seu apparecimento.

Depois disso foram ouvidos os socios Damasceno Vieira, que leu bonito discurso e o Capitão Arthur Gomes de Carvalho que proferiu discurso patriótico referente ao facto quo se commemorava.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2.º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos. Approvada em sessão de 13 de Maio. *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—*Isaias de Carvalho Santos.* — *Bonifacio Faria Rocha.*

77ª SESSÃO EM 13 DE MAIO DE 1900

Presidencia do Snr. Cons. Dr. Salvador Pires

Aos treze dias do mez de Maio de 1900, nesta Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os Socios, Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Filinto Justiniano Ferreira Bastos, Drs. Alfredo Cesar Cabussu, José Octacilio dos Santos, Glycerio Velloso da Silva, Innocencio Munoz de Araújo Góes, José Julio Calasans, Bonifacio de Aragão Faria Rocha e Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque, Des. Manuel Jeronymo Gonçalves, Francisco Gomes Ferreira Braga, Hen-

rique Prager, Comm. Pharm. Joaquim Manuel de Sant'Anna, Padre Luiz da França dos Santos, Alfredo Octaviano Soledade, Damasceno Vieira, professor Elias de Figueiredo Nazareth, Manuel Quirino, Antonio José Gonçalves Neves, Eloy Guimarães, Alfredo Accioli Pharmaceutico Luiz Antonio Filgueiras, Lopes Rodrigues, Nicolau Tolentino Carneiro da Cunha e Isaias de Carvalho Santos, foi aberta a sessão, sendo convidado o Dr. Bonifacio de Aragão Faria Rocha para servir o lugar de 1.º Secretario na ausencia do effectivo, o Cons. Dr. João Nepomuceno Torresa

Foi lida e approvada, sem observações, a acta da sesso anterior.

O expediente constou do seguinte:

Tres telegrammas: Um do Conselho Municipal da Cidade da Cachoeira, outro da Sociedade philarmenica «28 de Setembro», do Joazeiro, e, finalmente um outro do Barão de Studart, do Ceará, e todos de congratulações pelas festas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil.

O Barão de Studart pediu ao Cons. Pres. para, juntamente ao Dr. Satyro Dias e Cons. Dr. João Torres, represental-o nessas festas.

Officios: do Instituto Polytechnico da Bahia communicando a eleição de sua directoria e Conselho Administrativo, realizada a 9 de Abril ultimo; da Sociedade Beneficencia Caixeiral communicando a eleição dos novos funcionarios para o exercicio de 1900 a 1901 e enviando um exemplar do relatorio apresentado pela administração, cujo mandato findou; do dr. Arlindo Fragosoparticipando haver sido novamente escolhido para o cargo de director da Escola Polytechnica deste Estado; do Snr. Ubaldo Couto, administrador da junta districtal da Conceição da Praia, communicando a installação desta; da Comissão

executiva das festas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, na freguezia de Santa Barbara das Canóas (Minas Geraes) pedindo á Commissão executiva das festas aqui para represental-a; da Sociedade «União Beneficente dos Alfaiates» participando a eleição dos novos funcionarios e enviando um exemplar do relatorio apresentado; da Secretaria da Camara dos Snrs. Deputados, communicando a eleição da meza directora dos seus trabalhos; do 1.º Secretario do Senado convidando o Instituto para assistir a abertura solenne da Asembléa Geral do Estado, e do Exmo. Snr. Arcebispo, D. Jeronymo Thomé da Silva convidando-o para a procissão que se vae realisar a 27 do andante e para as sessões do Congresso Catholico, no proximo mez de Junho, em commemoração da descoberta do Brazil.

Cartas: do socio Snr. Damasceno Vieira congratulando-se com o Instituto pelas festas do 4.º Centenario e offerecendo diversos exemplares do seu poema *A Flor de Manacá*; de Monsenhor Ludgero dos Humildes Pacheco, enviando, em nome de um dos parentes do fallecido Brigadeiro José Pedro de Alcantara, a espada que este usou na Campanha da Independencia, sendo então major de artilharia, e do Snr. Manuel Henrique do Carmo, enviando em autographo o «Hymno 3 de Maio» expressamente composto para a solemnidade da inauguração do novo edificio do Instituto.

Em seguida, pelo Snr. Cons. Presidente foi dito que as occurrencias mais notaveis, da ultima á presente sessão, foram as festas do Centenario de que foi o Instituto o iniciador, rejubilando-se pelo brillantismo dessas festas, que tiveram como um dos seus complementos a inauguração do predio.

Referindo-se, particularmente, á commissão executiva exalçou o modo por que se houve ella no desempenho de sua ardua tarefa, e, por isso, offerencia a consideração da assembléa geral a seguinte proposta:

Proposta — Considerando que as distincções honorificas, creadas pelos Estatutos, não o foram para n'elles figurar como lettra morta, senão para galardoar a dedicação e serviços dos socios que contribuirem para o engrandecimento do Instituto;

Considerando que devem ser reputados relevantes os serviços e ingentes esforços envidados pela commissão eleita em 1899 para promover e dirigir as festas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil:

A mesa do Instituto em sua maioria propõe:

1º. Que seja lançado na acta da sessão de hoje um voto de louvor e agradecimento à referida Commissão do Instituto e à Commissão Central a ella reunida, aos Poderes Publicos e a todas as classes sociaes, corporações e individuos que contribuíram para o realce das festas do Centenario;

2º. Que nos termos do § 2.º do art. 13 dos Estatutos sejam considerados socios honorarios os membros das referidas commissões que forem socios effectivos ao correspondentes;

3º. Que, si algum ou algum dos socios em condição de serem elevados a honorario, nos termos desta proposta, já o forem por serviços anteriores ou por terem adquirido direito a essa classificação (§ 3.º do cit. art.), sejam elevados à cathgoria de benemeritos, de accordo com o § 1.º do art. 15 dos mesmos Estatutos.

4.º Que si for possível á commissão de admissão de socios interpor nesta sessão o seu parecer

acerca da 2.^a e 3.^a partes desta proposta, seja hoje mesmo submettida ella a discussão e votada. Sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 13 de Maio de 1900 (assignados). «Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Isaias de Carvalho Santos, Filinto Justiniano Ferreira Bastos e Francisco Gomes Ferreira Braga».

Pedindo a palavra o Dr. Alfredo Cabussú, membro da commissão respectiva, disse que só um dos membros se achava presente, estando ausentes os outros dois, dos quaes, um gravemente doente, o que privará, talvez, por muito tempo, o Instituto dos seus serviços.

O Snr. Cons. Presidente disse, então, que, pelos Estatutos, podia nomear substitutos interinos aos dois socios ausentes; mas submettia á consideração da casa si o assumpto devia ou não ser tratado desde logo.

Pela assembléa foi resolvido que se discutisse o assumpto desde logo; pelo que foram nomeados os socios Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes e Damasceno Vieira para comporem a commissão.

Sendo presente á commissão a proposta, deu ella o seu parecer que foi lido e é assim concebido:

«A commissão de admissão de socios é de parecer que seja approvada a proposta nos termos em que está elaborada, attenta a relevancia dos serviços de que trata. Bahia, 13 de Maio de 1900, em sessão do Instituto. A commissão, (assignados) *A. Cabussú, Damasceno Vieira, Innocencio Góes*».

O Cons. Presidente fez ver que o parecer era um pouco ambiguo. O Dr. Cabussú disse que a discriminação dos nomes dos socios não podia ser feita de momento, e por isso a commissão attendendo aos termos elevados da proposta não teve duvida

em adoptal-a *in totum*, ficando á meza o cuidado de fazer a discriminação dos nomes dos socios nos termos da referida proposta, que, em discussão, foi sem debate approvada.

O socio Sr. Damasceno Vieira declarou que a commissão designada para assistir á leitura do drama do Sr. Eduardo Carigé, drama que é um optimo subsidio e revela a pertinacia do autor no estudo dos factos que interessam á nossa historia, cumpriu o seu dever.

Passando-se á votação para os diversos cargos, foram recebidas 23 cedulas para cada eleição, e deram o seguinte resultado:

Para presidente: Cons. Salvador Pires 22 votos, Dr. Satyro Dias 1. Para 1.º Vice-presidente: Dr. Satyro Dias 20 votos e outros menos votados. Para 2.º Vice-presidente: Cons. Pedro Mariani 19 votos.

Para 1.º Secretario: Cons. João Torres 18 votos, Cons. Filinto Bastos 3, e outros menos votados.

Para 2.º Secretario: Dr. Isaias Santos 19 votos e outros menos votados.

Para supplentes de Secretario: Dr. Abilio de Carvalho 21 votos, Major Aloysio de Carvalho 20, e outros menos votados.

Para Thesoureiro: Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga 19 votos, Eloy Guimarães 3.

Para Orador: Dr. Braz Hermenegildo do Amaral 21 votos, Conego Manfredo Lima 2.

Para supplente de Orador: Cons. Filinto Justiano Ferreira Bastos 18 votos, Conego Manfredo 2, e outros menos votados.

Commissões: De admissão de socios—Dr. Abilio de Carvalho 22 votos, Dr. Alfredo Cabussú 19, Professor Austricliano Coelho 18, e outros menos votados.

De fundos e orçamentos Horacio Urpia Junior

23, Eloy de Oliveira Guimarães 21, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque 20, e outros menos votados.

De redacção da Revista: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães 19, Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes 17, Cons. João Nepomuceno Torres 14, e outros menos votados.

De manuscriptos e documentos: Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes 21 votos, Conego Manfredo Alves de Lima 21, Cons. Filinto Bastos 19, e outros menos votados.

De estatistica: Dr. Affonso Glycerio da Cunha Maciel 21, Dr. Dionysio Gonçalves Martins 21, Pharm. Diniz Gonçalves 20, e outros menos votados.

De mappas: Capitão de mar e guerra Alves Camara 20 votos, Alfredo Octaviano Soledade 19, Dr. Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque 13, e outros menos votados.

De biographias: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães 19 votos, Dr. Manuel Joaquim de Souza Britto 17, Dr. Guilherme Pereira Rebello 16, e outros menos votados.

Os que se achavam presentes tomaram posse dos cargos para que foram eleitos; e nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2º. Secretario lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque* — *Isaias de Carvalho Santos*.—*Bonifacio Faria Rocha*.

OFFERTAS

(Mez de Janeiro)

Além dos Jornaes e Revistas do costume recebeu a Secretaria o seguinte:

—Pela *Secretaria da Associação Commercial*: Relatório da Direcção apresentado á Assembléa Geral de 28 de Fevereiro de 1899.

—Pelo cidadão *Angelo Alves Affonso*: Um vol. contendo Alvarás e Cartas regias impressas em 1795.

—Pela *Secretaria do Arcebispado*: Carta Pastoral de D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia, sobre o 4.º Centenario da descoberta do Brazil e 1.º Congresso Catholico Brasileiro.

—Pelo socio Dr. *Manoel de Mello Cardoso Barata*: Discurso pronunciado em S. Paulo no banquete politico offerecido a Quintino Bocayuva, pelo offertante; O Estado do Amazonas, por Arthur Luciani e Bertino de Miranda Lima.

—Pelo socio *Tenente Coronel Raymundo Ciryaco Alves da Cunha*: Album do Pará—em 1899.

—Pelo Dr. *Canuto Sebrão*: Biographie Universelle ou Dictionnaire Historique—por uma sociedade de homens de letras—6 vols; Eléments de Chirurgie Vétérinaire, por J. Gourdon—2 vols.; Dictionnaire de Médecine Usuelle, por uma sociedade de homens de letras—2 vols; The History of England by Thomas Macaulay—vols. 1, 3 e 4; Lexique Grec-Français, por C. Alexandre—1 vol; Histoire de la Litterature Romaine—por Alexis Pierron—1 vol; Obras de João Francisco Lisboa—pelo Dr. Antonio Henriques Leal—4 vols.; Philosophie de L'Histoire de L'Humanité, por J. G. Herder—3 vols.; Poemes et Romans de Goethe, traduction nouvelle, por Jacques Porchat—vols. 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

—Pelo professor *Joaquim de Sousa Mascarenhas*: Dictionario Technico e Historico de pintura, esculptura, architectura e gravura—por Francisco de Assis Rodrigues.

—Pelas respectivas *redacções*: Bulletin de la Société Royale Belge, ns. 5 e 6 de 1898 e ns. 1 e 2 de 1899; Bulletin de la Société Neuchateloise de Géographie, tomo XI—1899; The National

Geographic Magazine, n. 12 vol. 10—1899; Bulletin de la Sociedad Geografica de Madrid, ns. 22 e 23—1899; Le Monde Medical, Revista Internacional de Medicina e Therapeutica, n. 111—de 1899; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 16.^a serie, n. 12; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 29—1899; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 1, 2, 3 e 4 do anno de 1899; Revista Maritima Brasileira, ns. 5 e 6—1899; A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, n. 8, 2.^a serie de 1899; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 27—5.^o vol.; Bulletin de la Geographie Commerciale de Paris, ns. 5, 6, 7 e 8 de 1899; Bolletino della Società Geografica Italiana, n. 12, vol. 12 de 1899.

(Mez de Fevereiro)

—Pelo Dr. *Vicente Ferrer Wanderley*: Almanach de Pernambuco para os annos de 1899 e 1900.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Publica*: Leis e Resoluções do Estado da Bahia do anno de 1899 sob ns. 296 a 349.

—Pela *Secretaria do Senado da Bahia*: Annaes do Estado da Bahia—anno de 1899—4 vols.

—Pela *Directoria da Associação Commercial da Bahia*: Estatutos da mesma Associação.

—Pelo Cidadão *Philoteio Pereira de Andrade*, advogado em Nova Goa: A Inercia da Materia, ensaio philosophico; Os Santos Martyres de Cuncolim; Documentos Konkani para a historia de Gôa; Paginas de Pedra da India Portugueza, e Padre André Gomes pelo offertante; Contribuição para a Bibliographia Indo-Portugueza, por Ignacio Salvador Leonardo Dias.

—Pelo *Tenente Coronel Raymundo Cyriaco Aboes da Cunha*: Relatorio da Instrucção Publica apresentado ao Governador do Estado do Pará pelo Dr. Augusto O. de Araujo e Souza, Director Geral da Instrucção Publica; Relatorio apresentado a Assembléa Geral da benemerita Sociedade Mechanica Beneficente Paraense pelo seu presidente Torquato de Jesus dos Passos; Geographia Especial do Pará, pelo offertante; Chronica de Igua-rapé-Miry, pelo Tenente Coronel Agostinho Monteiro Gonçalves de Oliveira.

—Pelas *respectivas redacções*: Revista Juridica (Rio de Janeiro) fasc. 5—Dezembro de 1899; Comptes Rendu de Seances, n. 7—Outubro e Dezembro de 1899; Bulletin de La Société de Geographie de Paris, 4.^o trimestre de 1899; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie de Paris—1900; Bolletino della Società Geografica Italiana, vol. 1.^o, n. 1—de 1900; The National Geographic Magazine, n. 1—Janeiro de 1900; Boletim de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 24—Dezembro de 1899; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 1 e 2 de 1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers—tomo 23, fasc. 2—de 1899; A lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira—Abril a Junho e Dezembro de 1899; Bulletin of the American Geographical Society, n. 5, vol. 31 de 1899; Gazeta Medica da Bahia, n. 5 de 1899.

—Pela Secretaria do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano: 4.^o Centenario do Descobrimento de Pernambuco em 26 de Janeiro de 1500.

(Mez de Março)

—Pelo Dr. *Virgilio Cardoso de Oliveira*, director do Instituto Cicico-Juridico «*Paes de Carvalho*»: Relatorio apresentado ao Senador Antonio

José de Lemos, Intendente Municipal de Belém (Pará) 1899.

—Pelo Cidadão *Demetrio de Araujo*: «O Propulsor»—Órgão da imprensa da Feira de Sant'Anna, 1 vol. encadernado, contendo os annos de 1896 a 1899.

—Pelos *Srs. Souza Vianna & C.^{ta}*: «Mala da Europa», ns. 206 e 207, Janeiro de 1900.

—Pelo socio Dr. *Domingos Rodrigues Guimarães*: «O Treze de Novembro de 1899»—na Capital da Bahia (subsídio para a historia—1900).

—Pelo cidadão *Cardoso Junior*: «Larvas»—Com um prefacio de Silva Marques—Rio de Janeiro—pelo offertante.

—Pelo socio Dr. *Francisco de Góes Calmon*: Collecções dos Breves Pontificios e Leis Regias, desde o anno de 1741, sobre a liberdade das Pessoas, Bens e Commercio dos Indios do Brazil.

—Pelas *respectivas redacções*: Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, n. 52 de 1899

Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux ns. 3 e 4—Fevereiro de 1900; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 29—3.º anno, Fevereiro de 1900; La Geographie, (Bulletin de la Société de Geographie—ns. 2 e 4—de 1900); Bulletin de la Sociedad Geografica de Madrid, tomo XLI, 4.º trimestre—de 1899; Gazeta Medica da Bahia, n. 6 de 1899; «A Lavoura»—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, n. 1, 1.ª serie—Janeiro de 1900; «O Estandarte Catholico», n. 9, Março de 1900; La Geographie, Bulletin de la Société de Geographie, n. 3—Março 1900.

(Mez de Abril)

—Pelo socio Dr. *Guilherme Studart*: Almanach do Estado do Ceará para 1900, por João Camara; Quadro Synoptico dos nomes Indo-Brazileiros, pelo Conego Raynundo Ulysses de Penafort; Revista Trimensal do Instituto do Ceará anno 13—3.º e 4.º trimestres de 1899 (2 exemplares).

—Pela *Directoria do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro*: Anuario publicado pelo Observatorio do Rio de Janeiro para o anno de 1900; Boletim Mensal do mesmo Observatorio—Janeiro de 1900; Methodo para determinar as horas das occultações de estrellas pela lua—por L. Cruls — 1899.

—Pelo Dr. *Vieira Fazenda, Bibliothecario do Instituto Geographico e Historico Brasileiro*: Revista do mesmo Instituto, partes 1.ª e 2.ª do vol. 61, 1898-1899.

—Pela Exma. Sra. *D. Marianna Ferreira*: Pacificação dos Crichanás, por João Barbosa Rodrigues; The Indian Tribes of Guiana, by the Rev. Brett, London, 1868.

—Pelo Dr. *Alfredo de Carvalho*: Revista do Instituto Historico Pernambucano, 2 vols. encad. de 1862 a 1872.

—Pelo Dr. *Manuel Freire de Carvalho*: Paraguassú, poema epico, por Ladislau dos Santos Titara, Bahia—1835; Discursos de Zacharias do Góes e Vasconcellos em 1868; A Semana de Lisboa, Collecção de Jornaes de 1893.

—Pelo cidadão *Gaspar Guimarães*: As nossas fronteiras e a reorganisação do exercito nacional (artigos de propaganda) Manãos, 1900, pelo offer-
tante.

—Pelas *respectivas redacções*: D. Quixote—Diversos ns. até o 121 de 24 de Março de 1900; «No-

tre Dame» Orgão de propaganda do Estabelecimento Industro-Commercial — Notre Dame — da Cidade de Amargosa — n. 1 — de 1900; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 5 e 6 — Novembro e Dezembro de 1999; Bolletino della Società Geografica Italiana — vol. 1, n.º 3 — Março de 1900; Bulletin de la Société de Géographie de Marseille, ns. 1 e 2 — 1.º e 2.º trimestres de 1899; Le Globe — Journal Géographique, organe de la Société de Géographie de Genève, n. 1 — Novembro de 1999, a Janeiro de 1900; Boletim de Estatística Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador — Julho a Novembro de 1899.

(Mez de Maio)

— Pelo Pharmaceutico *Pedro Cavalcanti*; Regimento de custas judicarias do Estado de Pernambuco; A Ilha de Fernando de Noronha, pelo Dr. Francisco A. Pereira da Costa; Estatutos da Sociedade de Medicina de Pernambuco; Sessão Litteraria em commemoração ao 15.º anniversario do Collegio «Onze de Agosto» — Recife; Conferencia Republicana proferida no dia 5 de Maio de 1899 na Cidade de Goyana, por Amaro Rabello Junior; Constituição do Centro Social do Estado de Pernambuco; Historico da Companhia Pernambucana; Silva Jardim — A Republica no Brazil — Conferencia realisada na Cidade do Rio de Janeiro em Agosto de 1888; Relatorio da Inspectoria Geral de Hygiene apresentado ao Dr. Juliode Mello Filho pelo Dr. Eusebio Muniz Costa, Inspector Geral Interino — Recife — 1896; Regulamento da Escola de Engenharia expedido pelo Governador do Estado, Cons. Dr. Joaquim Correia de Araujo — Recife — 1898; Biographia do Generalissimo Manuel Deodoro da Fonseca; Exposição de factos

historicos que comprovam a prioridade de Pernambuco na Independencia Nacional, pelo Major José Domingues Codeceira—1890.

—Pela Directoria da Sociedade «*Beneficencia Caiueiral*»: Relatorio da mesma Sociedade apresentado em 1900.

—Pelo Socio Dr. *Aristides A. Milton*: Um covado antigo, oitavado, de jacarandá, e duas medalhas commemorativas da inauguração do templo da Candelaria em 1898.

—Pelos Snrs. Souza Vianna & C.: «Mala da Europa» ns. 35 e 36 do 6.º anno.

—Pelo Revm. Padre *Araujo Marcondes*: Pindorama — Revista Phantastico-Historica em 4 actos—em commemoração do 4.º Centenario do Brazil—1532—São Paulo—1900.

—Pelas respectivas *redacções*: Gazeta Medica da Bahia, ns. 8 e 9 de 1900; The National Geographic Magazine, n. 4—1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers—1900; Revista Portuguesa, Colonial e Maritima, numero commemorativo do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil—vol. 6.º—Abril 1900; Revista Maritima Brasileira, ns. 7, 8 e 9—Janeiro a Março e n. 11—Maio—1900; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, ns. 1 e 2 de 1899; Boletim de la Sociedad Geografica de Madrid, 1.º trimestre de 1900; Bulletin of American Geographical Society—vol. 32, n. 1—1900; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira—Fevereiro de 1900; Boletim do Museu Paraense—n. 1, vol. 3—1900; Revista Trimensal do Instituto do Ceará, 1.º e 2.º trimestres de 1900; Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador—Dezembro de 1899—n. 12; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 1 e 2 de 1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de

Paris, ns. 9 e 10—1899; Bolletino della Società Geografica Italiana, vol. 1.^o n. 5—190; Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, ns. 7, 8 e 9—1900; «A Escola»—Revista Official de Ensino, n. 10—anno 1.^o—1900—Belém—Pará.

(Mez de Junho)

—Pela *Secretaria de Justiça do Ceará*: Mensagens, Relatorios e Regulamentos.

—Pelo Socio Coronel *Raymundo Cyriaco Alves da Cunha*: Estatutos do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará — 1900: Estudo sobre os Systemas Penitenciarios, pelo Desembargador Bezerra da R. Moraes.

—Pela *Secretaria do Estado Maior do Exército*: Revista Militar, fasc. de Janeiro, Fevereiro e Março de 1900.

—Pela *Secretaria do Gremio Polymathico* do Rio Grande do Norte: Uma photographia da Missa Campal celebrada em 3 de Maio de 1900, na Cidade de Natal, em commemoração do 4.^o Centenario do descobrimento do Brazil.

—Pelo Socio Dr. *Manuel de Mello C. Barata*: Revista Maritima Brasileira, Maio de 1900; Quarto Centenario do descobrimento do Brazil, pelo Dr. Zeferino Candido—1900; Catalogo da Collecção Numismatica, de Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, 3 vols. e 1 Supplemento — 1900, sob o auspicio do Governo do Estado do Amazonas; Catalogo Alphabetico da Bibliotheca do Senado Federal—1898.

—Pela *Directoria do Museu Nacional*: Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. 10—1897 a 1899.

—Pela «Representação do Estado do Amazo-

nas na commemoração do 4.^o. Centenario do Brazilna Capital Federal: Collecção Numismatica. (Catalogo) de Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, sob o auspicio do Governo do Estado do Amazonas, 3 vols. e 1 Supplemento.

—Pelo socio *J. A. Ismael Gracias*: Instituições Administrativas das provincias ultramarinas, annotadas pelo offeritante—Nova-Gôa—1899.

—Pelo Dr. *J. dos Remedios Monteiro*: A Ilha de Fernando de Noronha—noticia historica, geographica e economica—pelo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

—Pelo Dr. *Matheus Vaz de Oliveira*: Um numero do «Diario de Pernambuco»—de 1832.

—Pelo socio *Cons. Dr. Pedro Mariani*: Uma cedula de 10 pesos, do Paraguay.

—Pelas respectivas redacções: Revista de Jurisprudencia, ns. 27 a 31—anno de 1900; Gazeta Medica da Bahia, ns. 10 e 11—Abril e Maio de 1900; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 5—1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 4.^o. trimestre—1899; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira—Março de 1900; Revista Catharinense, n. 5, anno 1.^o—1900, Capital Federal; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 32, 6.^o. vol., Maio 1900; Revista Maritima Brasileira, n. 12—1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 10 e 11, 1900; The National Geographic Magazine, ns. 5 e 6, 1900; A Escola—Revista official do Ensino, n. 1, anno 1.^o—1900.

BIOGRAPHIA

DO

PADRE MANOEL LEONARDO ROLIM

(UM JESUITA BAHIANO)

Na cidade da Bahia no Brazil nasceo a 6 de Janeiro de 1732 o padre Manoel Leonardo Rolim. Seus Pais, illustres não menos pela nobreza de sangue e copia de riquezas, que pelo fervor de piedade e solidéz de religião, educarão-no com summo cuidado desde seus mais tenros annos, descobrindo n'elle uma indole candidissima e de si inclinada ao bem. Mandado estudar nas nossas escholas os primeiros rudimentos da grammatica e depois as bellas lettras, fez-se espelho e modelo dos seus condiscipulos pela compostura, devoção e diligencia. Na idade de dezeses annos, movido internamente por Deos, impellido pelo desejo de perfeição, pediu e obteve entrar na Companhia; e assim no dia 1.º de Fevereiro de 1748 foi admittido no nosso noviciado, onde com extraordinario fervor todo se dedicou a formar-se segundo o espirito proprio de sua vocação, exercitando-se na mais ardua e solida virtude.

Ligado a Deos mais estreitamente pelos santos votos, passou aos estudos da rhetorica, e depois da philosophia e theologia, que bem depressa foi obrigado a interromper, expulso com os outros padres no desterro por ordem vinda de Portugal do Ministro Sebastião de Carvalho, marquez de Pombal. E aqui foi onde o nosso Leonardo mostrou em que conta tinha a sua vocação. Os commissarios regios tendo em consideração a nobreza da familia e as instancias dos parentes, instarão-no para que abandonasse a Companhia e permanecesse no Brasil; porém, o bom moço regeitou com horror as suas propostas,

e disse com maravilhosa firmeza querer antes correr com os outros a mesma fortuna do exílio e manter-se fiel a Deos, ainda quando tivesse de perigar a sua vida. Soffrendo portanto com invicta paciencia e plena resignação os incommodos e padecimentos da longa viagem, quer por mar, quer por terra, da ultima costa da America veio a Italia, e d'ahi a Roma para continuar o curso interrompido da thetologia.

Florescia então o Collegio Romano com numerosa juventude, congregada, para assim dizer, de todas as nações, que com igual fervor e diligencia attendia ao estudo das lettras e da propria perfeição. Ora em uma congregação de moços de tão raras qualidades, o nosso Leonardo conquistou logo para si o amor e a benevolencia de todos. A' vivacidade do engenho junctava uma modestia e compostura inalteravel; tinha de si baixo sentimento e reputava-se o menor entre os seus condiscipulos. No trato era urbano e affavel; sempre prompto a todo o acêno de obediencia; exactissimo na observancia regular; amante da oração e do silencio.

Terminado o curso dos estudos foi mandado como Professor de philosophia para o Collegio de Viterbo onde elle conservou-se até a morte.

Ainda se não tinha passado um anno depois de sua chegada de Roma, que aquelles cidadãos conheceram ter adquirido n'elle não só um douto Professor de sciencias, porém um verdadeiro Pai dos Pobres, um experimentado director das almas, um Ministro zeloso da Gloria Divina, sempre occupado com obras de caridade em proveito e salvação do proximo.

D'ahi resultou que em muito pouco tempo todos o tivessem no conceito de homem Santo, e de operario incansavel. Esta opinião, em vez de diminuir, cresceu todos os dias nos quarenta annos, que elle sobreviveo em Viterbo, ainda depois da abolição da Companhia. O padre Francisco Pagnanelli que tratou longo tempo com elle, e o padre Thomaz de Caro, que foi seu confessor, deixaram por escripto

algumas memórias sobre as virtudes do padre Leonardo, que eu aqui referirei brevemente.

Seu pasto quotidiano era a oração. Em quanto viveo na Companhia aproveitava avidamente todo o resto do tempo, que lhe ficava livre de suas occupações, e o passava só com Deos orando e meditando diante do Santissimo Sacramento na Igreja ou na Capella domestica. Depois de abolição da Companhia, não tendo mais sujeição alguma, passava as noites inteiras na contemplação das cousas celestes. Testemunhas auctorisadas affirmam tel-o por muitas vezes visto absorto com a mente em Deos, arrebatado fóra dos sentidos, com todo o corpo elevado nos ares. Da oração tirava pura luz especialissima para dirigir as almas, e regular as consciencias, penetrando os segredos dos corações e predizendo cousas futuras. Muitos annos antes predisse a abolição da Companhia, e muitas particularidades a pessoas particulares.

Actuosissima foi a sua caridade em adjuetorio espiritual do proximo. Havendo conciliado com a santidade da vida o amor e a benevolencia de todos os Viterbenses, disto se valeo opportunamente em vantagem das almas delles. Assiduo em ouvir as confissões, acolhia todos com singular e amorosa benevolencia. Andava ás traças dos mais transviados, e com boas maneiras induzia-os a reconciliar-se com Deos; de preferencia fazia isto com a gente da mais baixa e humilde condição, que de ordinario vive mais abandonada.

Andando pelas ruas entrava nas lojas e tabernas, parava nas praças e nos beccos, e até mesmo nas tascas convidando todos a seguil-o, aos quaes acolhia com ternura e caridade.

Rara era a tarde em que o bom padre não era obrigado a estar 3 ou 4 horas continuas ouvindo confissões. Familiarisava-se com os estirros e docemente trazia-os a si; reunia os meninos vagabundos e mendigos, e com invicta paciencia instrua-os nos mysterios da fé, e nos preceitos da moral christã.

Andava tambem em busca dos rusticos pelos campos, em quanto elles trabalhavam os entretinha com santos discursos e dispunha a receber os Sacramentos. Seu cuidado principal era com os enfermos abandonados nos hospitaes, com os condemnados ás prisões e aos trabalhos publicos. Muitas vezes foi a Civitavechia para pregar e cultivar o espirito dos gallês.

Tendo sabido que um salteador feroz para fugir ás mãos da justiça andava errante por montanhas e mattas impraticaveis, poz-se logo á cata delle e reduzio-o á penitencia. Um réo condemnado á morte por mais esforços que fizessem com elle, nada queria saber de Deos nem da alma. Foi chamado o padre Leonardo, e este com somente fazer-lhe beijar o Crucifixo o venceo e humilhou aos seus pés.

Nem menor era a sua caridade em soccorrer o proximo nas necessidades temporaes. Uma vez por mez dava de jantar aos encarcerados, não se envergonhava de levar elle mesmo ás costas o taboleiro das comidas que elle fazia preparar por pessoas devotas.

De sua pensão não expendeo nunca dinheiro algum comsigo, dando-a toda em esmola aos pobres. Pelo que não havia misero algum na cidade que não recorresse a elle muito certo de ser ajudado.

Dous irmãos contendiam entre si e se odiavam de morte. O padre Rolim tendo sabido que a causa da contenda era uma divida de 50 escudos que um devia a outro, pagou-a do seu dinheiro e reconciliou-os ambos. Pagou tambem uma divida de vinte escudos que trazia muito angustiado um pobre homem. Tendo chegado a Viterbo muitos francezes foragidos, principalmente ecclesiasticos, reduzidos á extrema miseria, o padre Rolim todo cheio de caridade andou por muitos dias em giro pelos mosteiros e pelas casas mais abastadas da cidade, pedindo roupas e esmolas para aquelles dignos sacerdotes expulsos aos bandos fora de sua patria. Nem ainda assim satisfeito empenhou por 3 annos a sua pensão para ter com que soccorrel-os.

Quanto era amoroso para com o proximo, tanto era comsigo mesmo austero. Trazia sobre a carne nua um aspero cilicio, e quasi todas as noites disciplinava-se a sangue.

Foi muitas vezes visto dirigir-se á noite para a porta da Igreja dos padres Servitas e dos padres Jeronymos, e estando alli algum tempo em oração descarregava sobre as costas uma aspera disciplina. Era muito parco na comida, como attesta o conego Philippe Pittirossi em cuja casa elle habitava. O seu alimento era ordinariamente só de legumes, que tomava com escassa medida. Vestia pobrissimamente. Ainda depois da abolição da Companhia uzou sempre de vestes, meias e manto de lã grossa que elle mesmo remendava. Cousas novas não se viu jamais em cima delle, e offerecidas muitas vezes como esmola não quiz nunca acceital-as. Era mantido gratuitamente pelo seu amoroso hospede, e por isso quanto tinha de seu distribuia aos pobres.

Predisse sua morte muitos mezes antes que acontecesse. Em sua ultima enfermidade deu exemplos heroicos de virtude, e por fim recebendo com summa piedade os ultimos Sacramentos passou desta vida aos 6 de Janeiro de 1804 contando 72 annos de idade. Divulgada a noticia da sua morte foi acclamado Santo por toda a cidade de Viterbo.

Foram-lhe celebradas solemnes exequias a expensas dos devotos, e o padre Pedro Antonuzzi Sici-lianno recitou ao numeroso povo que havia concorrido uma bem desenvolvida oração funebre. Sendo universal a fama de santidade do padre Rolim, muitos enfermos invocavam depois de morto a sua intercessão e receberam curas prodigiosas.

Uma mulher cega recuperou a vista, e uma outra, que era mulher de Julianno Borghesi sarou instantaneamente de varias e complicadas molestias que a haviam reduzido ao extremo. Contam-se outras cousas maravilhosas operadas pelo padre Rolim em vida e depois de morto que por brevidade se deixam.

(Extr. do Menologio da Companhia de Jesus).

SUMMARIO DO N. 24

	Paginas
O Centenario na Bahia.	81
Discurso do Dr. José Antonio Costa, presidente da Commissão do Centenario. .	107
Conferencia do Conego Manfredo Alves de Lima.	115
Virgo Patria pelo Dr. João Baptista de Castro Rebello	135
Sessão anniversaria do Instituto:	
Discurso do Cons. Salvador Pires, presidente do Instituto	141
Relatorio do 1.º Secretario, Cons. João Torres	147
Discurso do Cons. Filinto Bastos, orador do Instituto	157
Discurso do socio Damasceno Vieira. .	169
Ephemerides Cachoeiranas (Mez de Setembro), pelo Dr. Aristides Milton . .	179
Actas das Sessões e Offertas:	
(Mez de Março a Junho).	205
Biogr. phia:	
Padre Manoel Leonardo Rolim (Um Jesuita Bahiano)	229
